



00100723

BOMBAY BRANCH
OF THE
ROYAL ASIATIC SOCIETY
TOWN HALL, BOMBAY.

OS LUSIADAS,

POEMA EPICO

100723 *al*

LUIS DE CAMÕES.

NOVA EDIÇÃO

New ed



oo. j. 11

LISBOA,

NA TYPOGRAPHIA HOLLANDIANA.

1860.

God
Pox 869-2
Cam: OS
100723



00100723

OS LUSIADAS.

CANTO PRIMEIRO.

ARGUMENTO

DO CANTO PRIMEIRO.

Navegão os Portuguezes pelos mares Orientaes : fazem os deoses seu concilio : oppoem-se Baccho a esta navegação ; favorece Venus, e Marte aos navegantes : chegam a Moçambique, cujo Governador pretende destruí-los. Encontro, e primeira acção militar dos nossos contra os Gentios : levão ferro, e passando por Quiloa, surgem em Mombaça.

OUTRO ARGUMENTO.

Fazem concilio os deoses na alta Còrte;
Oppoem-se Baccho á Lusitana gente,
Favorece-a Venus, e Mavorte,
E em Moçambique lança o ferreo dente :
Depois de aqui mostrar seu braço forte, •
Destruindo, e malando juntamente,
Torna as partes buscar da roxa Aurora,
E chegando a Mombaça surge fora.



OS LUSIADAS.



CANTO PRIMEIRO.

I.

As armas, e os Bardes assinalados;
Que da occidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana;
Em perigos, e guerras esforçados,
Mais do que promettilha a força humana,
Entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram:

II.

E também as memorias gloriosas
Daquelles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Imperio; e as terras viciosas
De Africa, e de Asia, andaram devastando;
E aquelles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.

III.

Cessem do sabio Grego, e do Troiano,
 As navegações grandes que fizeram ;
 Calle-se de Alexandro, e de Trajano,
 A fama das victorias que tiveram :
 Que eu canto o peito illustre Lusitano,
 A quem Neptuno, e Marte obedeceram :
 Cesse tudo o que a Musa antiqua canta,
 Que outro valor mais alto se alevanta.

IV.

E vós, Tagides minhas, pois creado
 Tend's em mi um novo engenho ardente,
 Se sempre em verso humilde celebrado
 Foi de mi vosso rio alegremente :
 Dai me agora hum som alto, e sublimado,
 Hum estylo grandiloquo, e corrente ;
 Porque de vossas aguas Phebo ordene
 Que não tenham inveja ás de Hippocréne.

V.

Dai me huma furia grande, e sonora,
 E não de agreste avena, ou seauta ruda :
 Mas de tuba canora, e bellicosa,
 Que o peito accende, e a côr ao gesto muda :
 Dai-me igual canto aos feitos da famosa
 Gente vossa, que a Marte tanto ajuda ;
 Que se espalhe, e se cante no universo,
 Se tão sublime preço cabe em verso.

VI.

E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certissima esperança
De augmento da pequena Christandade :
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deos, que todo o mande,
Para do mundo a Deos dar parte grande :

VII.

Vós, tenro e novo ramo florecente
De huma arvore de Christo mais amada
Que nenhuma nascida no Occidente,
Cesarea, ou Christianissima chamada :
Vede-o no vosso escudo, que presente
Vos mostra a victoria já passada,
Na qual vos deo por armas, e deixou
As que elle para si na Cruz tomou :

VIII.

Vós, poderoso Rei, cujo alto imperio
O Sol logo em nascendo vê primeiro,
Vê-o tambem no meio do hemispherio,
E quando desce o deixa derradeiro :
Vós, que esperamos jugo, e vitupério
Do torpe Ismaelita cavalleiro,
Do Turco oriental, e do Gentio
Que inda bebe o licor do sancto rio :

IX.

Inclinai por hum pouco a magestade,
 Que nesse tenro gesto vos contemplo,
 Que já se mostra qual na inteira idade,
 Quando subindo ireis ao eterno Templo.
 Os olhos da Real benignidade
 Ponde no chão; vereis hum novo exemplo
 De amor dos patrios feitos valerosos,
 Em versos divulgados numerosos.

X.

Vereis amor da patria, não movido
 De premio vil; mas alto, e quasi eterno:
 Que não he premio vil ser conhecido
 Por hum preção do ninho meu paterno.
 Ovi; vereis o nome engrandecido
 Daquelles de quem sois senhor superno:
 E julgareis qual he mais excellente,
 Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

XI.

Ovi; que não vereis com vãs façanhas,
 Phantasticas, fingidas, mentirosas,
 Louvar os vossos, como nas estranhas
 Musas, de engrandecer-se desejosas:
 As verdadeiras vossas são tamanhas,
 Que excedem as sonhadas, fabulosas;
 Que excedem Rodamonte, e o vão Rogeiro,
 Orlando, indaque fora verdadeiro.

XII.

Por estes vos darei hum Nuno fero,
Que fez ao Rei, e ao reino tal serviço ;
Hum Egas, e hum Dom Fuas, que de Homero
A cithara para elles só cobio.
Pois pelos doze Pares dar-vos quero
Os doze de Inglaterra, e o seu Magriço ;
Duo-vos tambem aquelle illustre Gama,
Que para si de Eneas toma a lama.

XIII.

Pals se a troco de Carlos Rei de França,
Ou de Cesar quereis igual memoria,
Vede o primeiro Afonso, cuja lança
Escuta faz qualquer estranha gloria :
E aquelle, que a seu reino a segurança
Deixou co'a grande, e prospera victoria :
Outro Joanne invicto cavalleiro,
O quarto e quinto Afonsos, e o terceiro.

XIV.

Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquelles que nos reinos lá da Aurora
Se fizeram por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora :
Hum Pacheco fortissimo, e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora ;
Albuquerque terrível, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte.

XV.

É em quanto eu estes canto, e a vós não posso,
Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
Tomai as redeas vós do reino vosso,
Dareis materia a nunca ouvido canto.
Comecem a sentir o pezo grosso
(Que pelo mundo todo faça espanto)
De exercitos, e feitos singulares,
De Africa as terras, e do Oriente os mares.

XVI.

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê seu exicio affigurado :
Só com vos ver o barbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo inclinado ;
Tethys todo o ceruleo senhorio
Tem para vós por dote aparelhado ;
Que affeição da ao gesto bello, e tenro,
Deseja de comprar-vos para genro.

XVII.

Em vós se vem da Olympica morada
Dos dous Avós as almas cá famosas ;
Huma na paz angelica dourada,
Outra pelas batalhas sanguinosas :
Em vós esperam ver-se renovada
Sua memoria, e obras valerosas :
E lá vos tem lugar no fim da idade,
No templo da suprema eternidade.

XVIII.

Mas em quanto este tempo passa lento
De regedes os povos, que o desejam,
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam :
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas ; porque vejam
Que são vistos de vós no mar irado :
E costumai-vos já a ser invocado.

XIX.

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando ;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naos as velas concavas inchando :
Da branca espuma os mares se mostravam
Cobertos onde as proas vão cortando
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Proteo são cortadas.

XX.

Quando os deoses no Olympo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em concílio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente :
Pizando o crystallino ceo formoso,
Vem pela via Lactea juntamente,
Convocados da parte do Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.

XXI.

Deixam dos sete ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado ;
Alto poder, que só co'o pensamento
Governa o ceo, a terra, e o mar irado :
Alli se acharam juntos n'hum momento
Os que habitam o Arcturo congelado,
E os que o Austro tem, e as partes onde
A Aurora nasce, e o claro Sol se esconde.

XXII.

Estava o Padre alli sublime, e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
N'hum assento de estrellas crystallino,
Com gesto alto, severo, e soberano :
Do rosto respirava hum ar divino,
Que divino tornara hum corpo humano,
Com huma corôa, e sceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diâmanete:

XXIII.

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro, e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros deoses todos assentados,
Como a razão, e a ordem concertavam :
Precedem os antigos mais honrados ;
Mais abaixo os menores se assentavam :
Quãndo Jupiter alto assi dizendo,
C'hum tom de voz começa grave, e horrendo:

XXIV.

Eternos moradores do lazente
 Estellifero polo, e claro assento,
 Se do grande valor da forte gente
 De Luso não perdeis o pensamento,
 Deveis de ter sabido, claramente,
 Como he dos fados grandes certo intento,
 Que por ella se esqueçam os humanos
 De Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos.

XXV.

Já lhe foi, hem o vistes, concedido
 O hum poder tão singelo, e tão pequeno,
 Tomar ao Mouro forte, e guarnecido,
 Toda a terra que rega o Tejo ameno:
 Pois contra o Castelhano tão teñido,
 Sempre alcançou favor do Ceo sereno:
 Assi que sempre, em fim, com fama e gloria,
 Teve os trophéos pendentés da victoria.

XXVI.

Deixo, deosés, atraz a fama antiga,
 Que co'a gente de Romulo alcançaram,
 Quando com Viriato, na inimiga
 Guerra Romana tanto se affamaram:
 Tambem deixo a memoria, que os obriga
 A grande nome, quando alevantaram
 Hum por seu capitão, que peregrino
 Fingio na Cerva espirito divino.

XXVII.

Agora vedes bem, que commettendo
 O duvidoso mar n'hum lenho leve,
 Por vias nunca usadas, não temendo
 De Africo, e Noto a força, a mais se atreve
 Que havendo tanto já que as partes vendo,
 Onde o dia he comprido, e onde breve,
 Inclinam seu proposito, e porfia,
 A ver os berços onde nasce o dia.

XXVIII.

Promettido lhe está do Fado eterno,
 Cujá alta lei não pode ser quebrada,
 Que tenham longos tempos o governo
 Do mar, que vê do Sol a roxa entrada,
 Nas aguas tem passado o duro inverno ;
 A gente vem perdida, e trabalhada ;
 Já parece bem feito, que lhe seja
 Mostrada a nova terra que deseja.

XXIX.

E porque, como vistes, tem passados
 Na viagem tão asperos perigos,
 Tantos climas, e ceos experimentados,
 Tanto furor de ventos inimigos ;
 Que sejam, determino, agasalhados
 Nesta costa Africana, como amigos ;
 E tendo guarnecida a lassa frota,
 Tornarão a seguir sua longa rota.

XXX.

Estas palavras Jupiter dizia :
Quando os deoses por ordem respondendo,
Nã sentença hum do outro differia,
Razões diversas dando, e recebendo.
O padre Baccho alli não consentia
No que Jupiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a Lusitana gente.

XXXI.

Ouvido tinha aos Fados, que viria
Huma gente fortissima de Hespanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da India tudo quanto Doris banha :
E com novas victorias venceria
A fama antigua, ou sua, ou fosse estranha :
Altamente lhe doe perder a gloria
De que Nysa celebra inda a memoria.

XXXII.

Vê que já teve o Indo subjugado,
E nunca lhe tirou fortuna, ou caso,
Por vencedor da India ser cantado
De quantos bebem a agua do Parnaso :
Temê agora que seja sepultado
Seu tão celebre nome em negro vaso
Da agua do esquecimento, se lá chegam
Os fortes Portuguezes que navegam.

XXXIII.

Sustentava contra elle Venus bella,
 Afeiçoada á gente Lusitana,
 Por quantas qualidades via nella
 Da antigua tão amada sua Romana :
 Nos fortes corações, na grande estrella,
 Que mostraram na terra Tingitana ;
 É na lingua, na qual quando imagina,
 Com pouca corrupção ci è que he a Latina.

XXXIV.

Estas causas moviam Cytherea ;
 E mais, porque das Parcas claro entende
 Que ha de ser celebrada a clara dea
 Onde a gente belligera se estende.
 Assi que, hum pela infamia que arreceo,
 E o outro pelas honras que pretende,
 Debatem, e na porfia permanecem ;
 A qualquer seus amigos favorecem.

XXXV.

Qual Austro fero, ou Boreas na espessura,
 De sylvestre arvoredo abastecida,
 Rompendo os ramos vão da mata escura,
 Com impeto, e braveza desmedida ;
 Brama toda a montanha, o som murmura,
 Rompem-se as folhas, serve a serra ceguida ;
 Tal andava o tumulto levantado,
 Entre os deoses no Olympo consagrado.

XXXVI.

Mas Marte, que da deosa sustentava
 Entre todos as partes em porfia ;
 Ou porque o amor antigo o obrigava,
 Ou porque a gente forte o merecia ;
 De entre os deoses em pé se levantava :
 Merencorio no gesto parecia ;
 O forte escudo ao collo pendurado
 Deitando para traz, medonho, e irado :

XXXVII.

A viseira do elmo de diamante
 Alevantando hum pouco, mui seguro,
 Por dar seu parecer se poz diante
 De Jupiter, armado, forte, e duro :
 E dando huma pancada penetrante,
 Co'o conto do bastão no solio puro,
 O ceo tremeo, e Apollo de torvado,
 Hum pouco a luz perdeo, como enfiado :

XXXVIII.

E disse assi : Ó Padre, a cujo imperio ;
 Tudo aquillo obedece, que creaste ;
 Se esta gente, que busca outro hemispherio ;
 Cuja valia, e obras tanto amaste,
 Não queres que padeçam vituperio.
 Como ha já tanto tempo que ordenaste,
 Não ouças mais, pois es juiz direito,
 Razões de quem parece que he suspeito :

XXXIX.

Que se aqui a razão se não mostrasse
 Vencida do temor demasiado,
 Bem fora que aqui Baccho os sustentasse,
 Pois que de Luso vem, seu tão privado:
 Mas esta tenção sua agora passe,
 Porque em fim vem de estomago damnado;
 Que nunca tirará alheia inveja
 O bem que outrem merece, e o Ceo deseja.

XL.

E tu, Padre de grande fortaleza,
 Da determinação que tens tomada,
 Não tornes por detraz; pois he fraqueza
 Desistir-se da cousa começada.
 Mercurio, pois excede em ligeireza
 Ao vento leve, e á setta bem talhada,
 Lhe vá mostrar a terra, ondê se informe
 Da India, e onde a gente se informe.

XLI.

Como isto disse, o Padre poderoso,
 A cabeça inclinando, consentio.
 No que disse Mavorte valeroso;
 E nectar sobre todos esparzio.
 Pelo caminho Lacteo glorioso
 Logo cada hum das deoses se partio;
 Fazendo seus reaes acatamentos,
 Para os determinados aposentos,

XLII.

Em quanto isto se passa na formosa
 Casa etherea do Olympo omnipotente,
 Cortava o mar a gente bellicosa,
 Já lá da banda do Austro, e do Oriente;
 Entre a costa Ethiopica, e a famosa
 Ilha de São-Lourenço; e o Sol ardente
 Queimava então os deoses, que Typhleo
 Co' o temor grande em peixes converteo.



XLIII.

Tão brandamente os ventos os levavam,
 Como quem o Ceo tinha por amigo:
 Sereno o ar, e os tempos se mostravam
 Sem nuvens, sem receio de perigo:
 O promontorio Prassò já passavam
 Na costa de Ethiopia, nome antigo;
 Quando o mar descobrindo lhe mostrava
 Novas ilhas, que em torão corca, e lava.

XLIV.

Vasco da Gama, o forte capitão,
 Que a tamanhas empresas se offerece;
 De soberbo, e de altivo coração,
 A quem fortuna sempre favorece,
 Para se aqui deter' não vê razão,
 Que inhabitada a terra lhe parece:
 Por diante passar determinava;
 Mas não' lhe succedeo como cuidava;

XLV.

Eis apparecem logo em companhia
 Huns pequenõs hateis, que vêm daquella
 Que mais chegada á terra parecia,
 Cortando o longo mar com larga vela :
 A gente se alvoroça , e de alegria
 Não sabe mais que olhar a causa della:
 Que gente será esta, em si diziam,
 Que costumes, que lei, que rei teriam ?

XLVI.

As embarcações eram na maneira
 Mui veloces, estreitas, e compridas :
 As velas com que vêm eram de esteira ;
 D'humas folhas de palmas bem tecidas :
 A gente da cõr era verdadeira,
 Que Phaeton, nas terras accendidas,
 Ao mundo deo, de ousádo, e não prudente !
 O Pádo o sabe, e Lampetusa v'sento.

XLVII.

De pannos de algodão vinham vestidos,
 De varias cõres, brancos, e listrados ;
 Huns trazem derredor de si cingidos,
 Outros em modo airoso sobraçados :
 Da cinta para cima vêm despídos ;
 Por armãs tem adagas, e terçados ;
 Com toucas na cabeça ; e navegando,
 Allasís sonôrbosús vão tocando.

XLVIII.

Co'os pannos, e co'os braços acenavam
 As gentes Lusitanas, que esperassem :
 Mas já as proas ligeiras se inclinavam
 Para que junto ás ilhas amainassem :
 A gente, e marinheiros trabalhavam,
 Como se aqui os trabalhos s'açubassem :
 Tomam velas ; amaina-se a verga alta ;
 Da ançosa o mar ferido em cima salta.

XLIX.

Não eram ancorados, quando a gente
 Estranha pelas cordas já subia ;
 No gesto ledos vem, e humanamente
 O Capitão sublime os recebia.
 As mesas manda pôr em continente :
 Do licor que Lyco prantado havia,
 Eqtídem vasos de vidro ; e do que deixam ;
 Os de Phacton queimados-nada, chegam.

L.

Comendo, alegremente perguntavam,
 Pela Arabica lingua, dando vinhos ;
 Quem eram ; de que terra ; que buscavam ;
 Ou que partes-do-mar corrido tinham.
 Os fortes Lusitanos ilhe tornavam,
 As discretas respostas, que cobriam ;
 Os Portuguezes somos do Occidente ;
 Imos buscando as terras do Oriente.

LI.

Do mar temos corrido, e navegado
 Toda a parte do Antartico, e Callisto;
 Toda a costa Africana rodeado;
 Diversos ceos, e terras temos visto:
 D'hum Rei potente somos, tão amado,
 Tão querido de todos, e bemquisto,
 Que não no largo mar, com leda fronte,
 Mas no lago entraremos de Acheronte.

LII.

E por mandado seu, buscando andamos
 O terra Oriental, que o Indo rega;
 Por elle, o mar remoto navegamos,
 Que só dos feos phocas se navega.
 Mas já razão parece que saibamos,
 Se entre vós a verdade não se nega,
 Quem sois; que terra he esta que habitais
 Ou se tendes da India alguns sinais.

LIII.

Somos, hum dos das ilhas lhe tornou,
 Estrangeiros na terra, lei, e nação;
 Que os proprios, são aquelles que criou
 A natura sem lei, e sem razão.
 Nós temos a lei certa que ensinou
 O claro descendente de Abrahão,
 Que agora tem do mundo o senhorio;
 A mãi. Hebreu teve, e o pai Gentio.

LIV.

Esta ilha pequena, que habitamos,
He em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos,
De Quiloa, de Mombaça, e de Sofala :
E por ser necessaria, procuramos,
Como proprios da terra, de habita-la :
E porque tudo em fim vos notifique,
Chama-se a pequena ilha Moçambique.

LV.

E já que de tão longe navegais,
Buscando o Indo Hydaspes, e terra ardente ;
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente :
Tambem será bem feito que tenhaís
Da terra algum refresco ; e que o Regente
Que esta terra governa, que vos veja,
É do mais necessario vos proveja.

LVI.

Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia :
Do Capitão, e gente se apartou
Com mostras de devida cortezia.
Nisto Phebo nas aguas encerrou,
Co'o carro de crystal, o claro dia,
Dando cargo á irmãa que allumiasse
O largo mundo, em quanto repousasse.

LVII.

A noite se passou na ^ullosa frota
 Com estranha alegria, e não cuidada,
 Por acharem da terra tão remota,
 Nova de tanto tempo desejada.
 Qualquer então consigo cuida, e nota
 Na gente, e na mançira desusada;
 E como os que, na errada seila ciceram,
 Tanto por todo o mundo se estenderam

LVIII.

Da Lua os claros raios rutilavam
 Pelas argenteas ondas Neptuninas;
 As estrellas os ecos acompanhavam,
 Qual campo revestido de boninas:
 Os lúriosos ventos repousavam,
 Pelas covas escuras peregrinas:
 Porém da amada a gente vigiava,
 Como por longo tempo costumava.

LIX.

Mas assi como a Aurora marchetada
 Os formosos cahellos espalhou
 No ceo sereno, abrindo a roxa entrada
 Ao claro Hyperionio que acordou;
 Começa a embandeirar-se toda a armada,
 E de todos alegres se adornou,
 Por receber com festas, e alegria,
 O Regedor das ilhas que partia.

LX.

Partia alegremente navegando,
A ver as naos ligeiras Lusitanas,
Com refresco da terra, em si cuidando
Que são aquellas gentes inhumanas,
Que os aposentos Caspios habitando,
A conquistar as terras Asianas
Vieram; e por ordem do destino,
O Imperio tomaram a Constantino.

LXI.

Recebe o Capitão alegremente
O Mouro, e toda sua companhia;
Da-lhe de ricas peças hum presente,
Que só para este elleito já trazia;
Da-lhe conserva doce, e da-lhe o ardente
Não usado licor, que dá alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe;
E muito mais contente come, e bebe.

LXII.

Está a gente maritima de Luso
Subida pela enxarcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo, e uso,
E a linguagem tão barbara, e entçada.
Tambem o Mouro astuto está confuso,
Olhando a cor, o traço, e a forte armada;
E perguntando tudo lhe dizia,
Se por ventura viuzam de Turquia.

LXIII.

E mais lhe diz também, que ver deseja
 Os livros de sua lei, preceito, ou fé;
 Para ver se conforme á sua seja,
 Ou se são dos de Christo, como creê.
 E porque tudo note, e tudo veja,
 Ao Capitão pedia que lhe dê
 Mostra das fortes armas de que u avam,
 Quando cõ os inimigos pelejavam.

LXIV.

Respondeo o valeroso Capitão,
 Por hum que a lingua escura bem sabia :
 Dar-te-hei, seõhor illustre, relação
 De mi, da lei, das armas que trazia.
 Nem sou da terra, nem da geração
 Das gentes enojosas de Turquia :
 Mas sou da forte Europa bellicosa ;
 Busco as terras da India tão famosa.

LXV.

A Lei tenho daquelle, a cujo imperio
 Obedece o visibil, e invisibil :
 Aquelle que creou todo o hemispherio,
 Tudo o que sente, e todo o insensibil :
 Que padecẽo deshonra, e vituperio,
 Sofrendo morte injusta, e insoffribil ;
 E que do Ceo á terra em fim desceo, .
 Por subir os 'mortaes da terra ao Ceo,

LXVI.

Deste Deus-Homem, alto, e infinito,
 Os livros que tu pedes não trazia ;
 Que bem posso escusar trazer escrito
 Em papel, o que na alma andar devia.
 Se as armas queres ver, como tens dito,
 Cumprido esse desejo te seria :
 Como amigo as verás ; porque eu me obrigo,
 Que nunca as queiras ver como inimigo.

LXVII.

Isto dizendo, manda os diligentes
 Ministros amostrar as armaduras :
 Vem arnezes, e peitos reluzentes,
 Malhas finas, e laminas seguras,
 Estudos de pinturas diferentes,
 Pelouros, espingardas de aço puras,
 Arcos, e sagittiferas aljavas,
 Partazanás agudas, chuças bravas :

LXVIII.

As bombas vem de fogo, e juntamente
 As panellas sulphureas, tão damnosas :
 Porém aos de Vulcano não consente
 Que dem fogo ás bombardas temerosas :
 Porque o generoso animo, e valente,
 Entre gentes tão poucas, e medrosas,
 Não mostra quanto pode : e com razão ;
 Que he fraqueza entre ovelhas ser leão.

LXIX.

Porem disto que o Mouro aqui notou,
 E de tudo o que viu, com olho attento,
 Hum odio certo na alma lhe ficou,
 Humã vontade má de pensamento :
 Nas mostras, e no gesto o não mostrou ;
 Mas com risinho, e ledo fingimento,
 Trata-lus brandamente determina,
 Até que mostrar possa o que imagina.

LXX.

Pilotos lhe pedia o Capitão,
 Por quem podesse á Índia ser levado ;
 Diz-lhe, que o largar premio levarão
 Do trabalho que nisso for tomado.
 Promette-lhos o Mouro, com lenção
 De peito venenoso, e tão damnado,
 Que á morte, se pudesse, neste dia,
 Em lugar de pilotos lhe daria.

LXXI.

Tamanho o odio foi, e a má vontade,
 Que aos estrangeiros subito tomou,
 Sabendo ser sériaes da verdade,
 Que o filho de David vos ensinou.
 Oh segredos daquelle eternidade,
 A quem juiz algum não talbaueçquê
 Que nunca talte arumpellido amigo
 A' queles de quem foste tanto amigo

LXXII.

Partio-se nisto em fim co'a companhia,
 Das naos o falso Mouro despedido,
 Com enganosa, e grande cortezia;
 Com gesto ledo a todos, e fingido.
 Cortaram os bateis a curta via
 Das aguas de Neptuno; e recebido
 Na terra, do obsequente ajuntamento,
 Se foi o Mouro ao cognito aposento.

LXXIII.

Do claro assento ethereo, o grão Thebano,
 Que da paternal coxa foi nascido,
 Olhando o ajuntamento Lusitano
 Ao Mouro ser molesto, e aborrecido,
 No pensamento cuida hum falso engano,
 Com que seja de todo destruido:
 E em quanto isto só na alma imaginava,
 Comsigoes estas palavras praticava:

LXXIV.

Está do fado já determinado,
 Que tamanhas victorias, tão famosas,
 Hajam os Portuguezes alcançado
 Das Indias gentes bellicosas:
 E eu só, filho do Padre sublimado,
 Com tantas qualidades generosas,
 Hei de soffrer que o lado favoreça
 Outrem, por quem meu nome se escureça?

LXXV.

Já quizeram os deoses que tivesse
 O filho de Philippo nesta parte
 Tanto poder, que tudo submettesse
 Debaixo de seu jugo o fero Marte.
 Mas ha-se de soffrer que o fado desse
 A tão poucos tamanho esforço, e arte,
 Que eu co' o grão Macedonio, e co' o Romano
 Demos lugar ao nome Lusitano?

LXXVI.

Não será assi; porque antes que chegado
 Seja este Capitão, astutamente
 Lhe será tanto engano fabricado,
 Que nunca veja as partes do Oriente.
 Eu descerei á terra, e o indignado
 Reito revolvorei da Maura gente;
 Porque sempre por via irá direita,
 Quem do opportuno tempo se aproveita.

LXXVII.

Isto dizendo irado, e quasi irrisado,
 Sobre a terra Africana descendo,
 Onde vestindo a forma, e gesto humano,
 Para o Prasso sabido se moveo:
 E por melhor tecer o astuto engano,
 No gesto natural se converteo
 D'hum Moouro em Moçambique conhecido,
 Velho, e sabio, e co' o Xefue mui valido.

LXXVIII.

É entrando assi a fallar-lhe a tempo, e horas.
 A sua falsidade accommodadas,
 Lhe diz, como eram gentes roubadoras,
 Estas que ora de novo são chegadas:
 Que das nações na costa moradoras,
 Correndo a fama veio, que roubadas
 Foram por estes homens que passavam,
 Que com pactos de paz sempre ancoravam.

LXXIX.

E sabe mais, lhe diz, como entendido.
 Tenho destes Christãos sanguinolentos,
 Que quasi todo o mar tem destruido
 Com roubos, com incendios violentos:
 E trazem já de longe engano ordido
 Contra nós; e que todos seus intentos.
 São para nos matarem, o roubarem,
 E mulheres, e filhos captivarem.

LXXX.

E tambem sei que tem determinado
 De vir por agua a terra, muito cedo;
 O Capitão dos seus acompanhado;
 Que da tenção damnada nasce o medo.
 Tu deves de ir tambem co'os teus armado;
 Espera-lo em cilada, occulto e quedo;
 Porque sabindo a gente descuidada,
 Cahirão facilmente na cilada.

LXXXI.

E se inda não ficarem deste geito
 Destruídos, ou mortos totalmente,
 Eu tenho imaginada no conceito
 Outra manha, e ardil, que te contente :
 Manda-lhe dar piloto, que de geito
 Seja astuto no engano, e tão prudente;
 Que os leve aonde sejam destruidos,
 Desbaratados, mortos, ou perdidos.

LXXXII.

Tanto que estas palavras acabou,
 O Mouro nos taes casos sabio, e velho;
 Os braços pelo collo lhe lançou,
 Agradecendo muito o tal conselho :
 E logo nesse instante concertou
 Para a guerra o belligero apparelho ;
 Para que ao Portuguez se lhe tornasse
 Em roxo sangue a agua que buscasse.

LXXXIII.

E busca mais, para o cuidado engano,
 Mouro que por piloto á nao lhe mande,
 Sagaz, astuto, e sabio em todo dano,
 De quem fiar-se possa hum feito grande :
 Diz-lhe que acompanhando o Lusitano,
 Por taes costas, e mares co' elle ande,
 Que se daqui escapar, que lá diante
 Vá cahir onde nunca se alevante.

LXXXIV.

Já o raio Apollineo visitava
 Os montes Nabatheos accendido,
 Quando Gama doos seus determinava
 De vir por agua a terra apercebido:
 A gente nos bateis se concertava;
 Como se fosse o engano já sabido:
 Mas pode suspeitar-se facilmente;
 Que o coração presago nunca mente!

LXXXV.

E mais tambem mandado tinha a terra
 De antes pelo piloto necessario:
 E foi-lhe respondido em som de guerra;
 Caso do que cuidava muito contrario.
 Por isto, e porque sabeis quanto erra
 Quem se cre de seu perfido adversario,
 Apercebido vai como podia;
 Em tres bateis somente que trazia.

LXXXVI.

Mas os Mourões que andavam pela praia,
 Por lhe defender a agita descejaia,
 Hum de escudo embracado, e de azagaia;
 Outro de arco esturvado, e setta errada;
 Esperam que a guerreira gente saia;
 Outros muitos já postos em ellada;
 E porque o caso se lhe fez, e se lhe fez,
 Por in huus poderes vante por ellada;

LXXXVII.

Andam pela ribeira alva, arenosa,
 Os bellicosos Mouros acenandô,
 Com a adarga, e co'a hastea perigosa,
 Os fortes Portuguezes incitando.
 Não soffre muito a gente generosa
 Andar-lhe os cães os dentes amostrando :
 Qualquer em terra salta, tão ligeiro,
 Que nenhum dizer pode que he primeiro.

LXXXVIII.

Qual no corro sanguino o ledo amante,
 Vendo a formosa dama descjada,
 O touro busca, e pondo-se diante,
 Salta, corre, sibila, acena, e brada :
 Mas o animal atroce nesse instante,
 Com a fronte cornigera inclinada,
 Bramando duro corre, e os olhos cerra,
 Derriba, fere, e mata e poem por terra :

LXXXIX.

Eis nos bateis o fogo se levanta
 Na furiosa, e dura artilheria ;
 A plumbea pella mata, o brado espanta,
 Ferido o ar retumba, e assovia ;
 O coração dos Mouros se quebranta ;
 O tenor grande o sangue lhe resfia ;
 Já foge o escondido de medroso,
 Já morre o descoberto aventureoso,

XC.

Não se contenta a gente Portugueza :
 Mas seguindo a victoria estrue, e mata ;
 A povoação sem muro, e sem dejeza,
 Esbombardeia, acende, e desbarata.
 Da cavalgada ao Mouro já lhe peza,
 Que bem cuidou compra-la mais barata :
 Já blesphema da guerra, e maldizia
 O velho inerte, e a mãe que o filho cria ;

XCI.

Fugindo, a setta o Mouro vai tirando
 Sem força, de covarde, e de apressado,
 A pedra, o pau. e o canto arremessando ;
 Da- he armas o furor desatinado :
 Já a ilha, e todo o mais desamparando,
 Á terra firme foge amedruntado :
 Passa, e corta do mar o estreito braço,
 Que a ilha em torno cerca, em pouco espaço.

XCII.

Huns vão nas almadias carregadas ;
 Hum corta o mar a nado diligente ;
 Quem se affoga nas ondas encurvadas ;
 Quem bebe o mar, e o deita juntamente.
 Arronbam as miudas bombardadas
 Os pangaios sublis da bruta gente :
 Desta arte o Portuguez em fim castiga
 A vil malicia, perfida, inimiga.

XCIII.

Tornam victoriosos para a armada,
 Co' o despojo da guerra, e rica presa ;
 E vão a seu prazer fazer aguada,
 Sem achar resistencia, nem defesa.
 Ficava a Maura gente magoada,
 No odio antigo mais que nuoca accessa :
 E vendo sem vingança tanto dano,
 Somente estriba no segundo engano.

XCIV.

Pazes commetter manda arrependido,
 O Regedor daquella iniqua terra,
 Sem ser dos Lusitanos entendido,
 Que em figura de paz lhe manda guerra :
 Porque o Piloto falso promettido,
 Que toda a má tenção no peito encerra,
 Para os guiar á morte lhe mandava,
 Como em sinal das pazes que tratava,

XCV.

O Capitão, que já lhe então convinha
 Tornar a seu caminho acóstumado,
 Que tempo concertado, e ventós tinha,
 Para ir buscar o Indo desejado ;
 Recebendo o piloto que lhe vinha,
 (Foi d'elle alegremente agasalhado)
 E respondendo ao mensageiro, attento
 As velas manda dar ao largo vento.

XCVI.

Desta arte despedida a forte armada,
 As ondas de Amphitrite dividia,
 Das filhas de Nereu acompanhada,
 Fiel, alegre, e doce companhia:
 O Capitão, que não cabia em nada
 Do enganoso ardil que o Mouró ordia,
 Delle muí largamente se informava
 Da India toda, e costás que passava.

XCVII.

Mas o Mouró instruido nos enganos,
 Que o malevolo Baccho lhe ensinara,
 De morte, ou captiveiro novos danos,
 Antes que á Índia chegue, lhe prepara;
 Dando razão dos portos Indianos.
 Tambem tudo o que pede lhe declara:
 Que havendo por verdade o que dizia,
 De nada a forte gente se temia.

XCVIII.

E diz-lhe mais co' o falso pensamento,
 Com que Sinon os Phrygios enganou,
 Que perto está huma illia, cujo assento
 Povo antigo Christão sempre habitou.
 O Capitão - que a tudo estava attento,
 Tanto com estas novas se alegrou,
 Que com dadivas grandes lhe rogava,
 Que o leve á terra onde esta gente estava.

XCIX.

O mesmo o falso Mouro determina,
 Que o seguro Christão lhe manda, e pede ;
 Que a ilha he possuida da malina
 Gente, que segue o torpe Masamede :
 Aqui o engano, e morte lhe imagina,
 Porque em poder e forças muito excede
 A Moçambique, esta ilha que se chama
 Quiloa, mui conhecida pela fama.

C.

Para lá se inclinava a leda frota :
 Mas a deosa em Cythere celebrada,
 Vendo como deixava a certa rota,
 Por ir buscar a morte não cuidada,
 Não consente que em terra tão remota
 Se perca a gente della tanto amada ;
 E com ventos contrarios a desvia
 Donde o piloto falso a leva, e guia.

CI.

Mas o malvado Mouro não podendo
 Tal determinação levar avante,
 Outra maldade iniqua commettendo,
 Ainda em seu proposito constante,
 Lhe diz, que pois as aguas discortendo,
 Os levaram por força por diante,
 Que outra ilha tem perto, cuja gente
 Eram Christãos com Mouros juntamente.

CII.

Tambem nestas palavras lhe mentia,
 Como por regimento em fim levava ;
 Que aqui gente de Christo não havia,
 Mas a que a Mãe de Deus celebrava.
 O Capitão, que em tudo o Mouro cria,
 Virando as velas a ilha demandava :
 Mas não querendo a deusa guardadora,
 Não entra pela barra, e surge fóra.

CIII.

Estava a ilha á terra tão chegada,
 Que hum estreito pequeno a dividia ;
 Huma cidade nella situada,
 Que na frente do mar apparecia ;
 De nobres edificios fabricada,
 Como por fóra ao longe descobria :
 Regida por hum Rei de antiqua idade ;
 Mombaça he o nome da ilha, e da cidade.

CIV.

E sendo a ella o Capitão chegado,
 Estranhamente ledo, porque espera
 De poder ver o povo baptizado,
 Como o falso piloto lhe dissera :
 Eis vem bateis da terra com recado
 Do Rei, que já sabia a gente que era :
 Que Baccho muito de antes o avisara,
 Na forma d'outro Mouro que tomara.

CV.

O recado que trazem he de amigos;
Mas debaixo o veneno vem coberto,
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
Oh grandes, e gravissimos perigos!
Oh caminho de vida nunca certo!
Que aonde a gente poem sua esperança,
Tenha a vida tão pouca segurança.

CVI.

No mar tanta tormenta, e tanto dano,
Tantas vezes a morte aperecebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pode acolher-se hum fraco humano,
Onde terá segura a curta vida?
Que não se arme, e se indigne o Ceo sereno
Contra hum bicho da terra tão pequeno?

OS LUSIADAS.

CANTO SEGUNDO.

ARGUMENTO

DO CANTO SEGUNDO.

Instigado do demonio pretende El Rei de Mombaca destruir os Navegantes : dispoem-lhes traições debaixo de fingida amizade : apparece Venus a Jupiter, e intercede pelos Portuguezes : elle lhe promette favorece-los, e lhe refere, como em prophecia, algumas façanhas dos mesmos no Oriente : em sonhos apparece Mercurio ao Gama, e lhe adverte, que evite o perigo de Mombaca : levão ancoras, chega a Melinde, cujo Rei o recebe, e hospéda benignamente.

OUTRO ARGUMENTO.

Dar El Rei de Mombaça o fim prepara
Ao Gama illustre, com mortal engano :
Desce Venus ao mar, a frota empara,
E a fallar sobe ao Padre soberano :
Jove os casos futuros lhe declara ;
Apparece Mercurio ao Lusitano :
Chega a frota a Melinde, e o Rei potente
Em seu porto a recebe alegremente.



OS LUSIADAS.



CANTO SEGUNDO.

I.

Já neste tempo o lucido planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chogava á desejada e lenta meta,
A luz celeste ás gentes encobrindo ;
E' da casa maritima secreta
Lhe estava o deos nocturno a porta abrindo ;
Quando as língidas gentes se chegaram
A's naos, que pouco havia que ancoraram.

II

D'entre elles hum , que traz encommendado
O mortifero engano, assi dizia :
Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o reino, e salsa via,
O Rei que manda esta ilha alvoroçado
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te, e do necessario reformar-te.

III.

E porque está em extremo desejoso
 De te ver, como cousa nomeada,
 Te roga que de nada reccoso,
 Entres a barra, tu com toda armada
 E porque do caminho trabalhoso
 Trarás a gente debil, e cansada,
 Diz que na terra podes reforma-la,
 Que a natureza obriga a deseja-la.

IV.

E se buscando vás mercadoria
 Que produz o aurifero Levante,
 Canella, cravo, ardente especiaria,
 Ou droga salutifera, e prestante ;
 Ou se queres luzente pedraria,
 O rubi fino, o rígido diamante ;
 Daqui levarás tudo tão sobejo,
 Com que faças o fim a teu desejo

V.

Ao mensageiro o Capitão responde,
 As palavras do Rei agradecendo ;
 E diz, que porque o Sol no mar se esconde,
 Não entra para dentro obedecendo ;
 Porem que como a luz mostrar por onde
 Já sem perigo, a frota não temendo,
 Cumprirá sem receio seu mandado ;
 Que a mais por tal senhor está obrigado.

VI.

Pergunta-lhe depois se estão na terra
Christãos, como o piloto lhe dizia ;
O menageiro astuto, que não erra,
Lhe diz que a mais da gente em Christo cria
Desta sorte do peito lhe desterra
Toda a suspeita, e cauta phantasia :
Por onde o Capitão seguramente
Se fia da infiel, e falsa gente.

VII.

E de alguns que trazia condemnados
Por culpas, e por feitos vergonhosos,
Porque podessem ser aventurados
Em casos desta sorte duvidosos,
Manda dous mais sagazes, enfiados ;
Porque notem dos Mouros enganosos
A cidade, e poder ; e porque vejam
Os Christãos, que só tanto ver desejam.

VIII.

E por estes ao Rei presentes manda,
Porque a boa vontade que mostrava,
Tenha firme, segura, limpa e branda,
A qual bem ao contrario em tudo estava.
Já a companhia perfida, e nefanda,
Das naos se despedia, e o mar cortava :
Foram com gestos ledos, e fingidos,
Os dous da fruta em terra recebidos.

IX.

E depois que ao Rei apresentaram
 Co' o recado os presentes que traziam,
 A cidade correram, e notaram
 Muito menos daquillo que queriam;
 Que os Mouros cautelosos se guardaram
 De lhe mostrarem tudo o que pediam:
 Que onde reina a malicia, está o receio,
 Que a faz imaginar no peito alheio.

X.

Mas aquelle, que sempre a mocidade
 Tem no rosto perpetua e foi nascido
 De duas mãis; que ordia a falsidade,
 Por ver o navegante destruido;
 Estava n'uma casa da cidade,
 Com rosto humano, e habito fingido,
 Mostrando-se Christão, e fabricava
 Hum altar sumptuoso que adorava.

XI.

Alli tinha em retrato afigurada
 Do alto e Sancto Espirito a pintura,
 A candida pombinha debuxada,
 Sobre a unica phenix Virgem pura;
 A companhia sancta está pintada
 Dos doze, tão torvados na figura,
 Como os que, só das linguas que cahiram
 De fogo, varias linguas referiram.

XII.

Aqui os dous companheiros conduzidos,
Onde com este engano Bacco estava,
Poem em terra os gíolhos, e os sentidos
Naquelle Deus, que o mundo governava.
Os cheiros excellentes produzidos
Na Panchaia odorifera queimava
O Thyoneo; e assi por derradeiro
O falso deus adora o verdadeiro.

XIII.

Aqui foram de noite agasalhados
Com todo o bom e honesto tratamento
Os dous Christãos não vendo que enganados
Os tinha o-falso, e sancto fingimento.
Mas assi como os raios espalhados
Do Sol foram no mundo, e n'hum momento
Appareceo no rubido horizonte
Da moça de Titão a roxa fronte:

XIV.

Tornam da terra os Monros co'o recado
Do Rei, para que entrassem e consigo
Os dous que o Capitão tinha mandado,
A quem se o Rei mostrou sincero amigo:
E sendo o Portuguez certificado
De não haver receio de perigo,
E que gente de Christo em terra havia,
Dentro do salso rio entrar queria.

XV.

Dizem-lhe os que mandou, que em terra viram
 Sacras aras, e sacerdote sauto ;
 Que alli se agasalharam, e dormiram,
 Em quanto a luz cobrio o escuro manto ;
 E que no Rei e gentes não sentiram
 Senão contentamento, e gosto tanto,
 Que não podia certo haver suspeita
 N'hum a mostra tão clara, e tão perfeita.

XVI.

Com isto o nobre Gama recebia
 Alegrementemente os Mouros que subiam ;
 Que levemente hum animo se fia
 De mostras que tão certas pareciam.
 A nao da gente perfida se enclia,
 Deixando a bordo os barcos que traziam :
 Alegres vinham todos porque crem
 Que a presa desejada certa tem.

XVII.

Na terra cautamente aparelhavam
 Armas, e munições, que como vissem
 Que no rio os navios ancoravam,
 Nelles ousadamente se subissem ;
 E nesta traição determinavam,
 Que os de Luço de todo destruissem ;
 E que incautos pagassem, deste geito,
 O mal que em Moçambique tinham leito.

XVIII.

As ancoras, tenaças vão levando
 Com a nautica grita costumada,
 Da proa as velas sós ao vento dando,
 Inclina-se para a barra abalizada.
 Mas a linda Erycina, que guardando
 Andava sempre a gente assustada,
 Vendo a cilada grande, e tão secreta,
 Voa do céu ao mar como humo setta.

XIX.

Convoca as alvas filhas de Nereo,
 Com toda a mais cerulea companhia;
 Que porque no salgado mar nasceu,
 Das agnas o poder lhe obedecia:
 E propondo-lhe a causa a que desceço,
 Com todos juntamente se partia,
 Para estorvar que a armada não chegasse
 Aonde para sempre se acabasse.

XX.

Já na agua erguendo vão com grande pressa
 Com as argenteas caudas branca escutia;
 Doto co'o peito corta, e atravessa
 Com mais furor o mar do que costuma.
 Salta Nise, Nerine se arremessa
 Por cima da agua crespa, em força summa:
 Abrem caminho os ondas encurvadas,
 De temor das Nereidas apressadas.

XXI.

Nos hombros de hum Tritão, com gesto acceso,
 Vai a linda Dione furiosa ;
 Não sente quem a leva o doce peso,
 De soberbo com carga tão formosa :
 Já chegam perto donde o vento teso
 Enche as velas da frota bellicosa ;
 Repartem-se, e rodam nesse instante
 As naos ligeiras que hiam por diante.

XXII.

Poem-se a deosa com outras em direito
 Da proa capitaina, e alli sechando
 O caminho da barra, estão de geito,
 Que em vão assopra o vento, a vela inchando :
 Poem no madeiro duro o brando peito,
 Para detraz a forte nao forçando ;
 Outras em derredor levando-a estavam ;
 E da barra inimiga a desviavam.

XXIII.

Quaes para a cova as prúvidas formigas,
 Levando o pezo grande accommodado,
 As forças exercitam, de inimigas
 Do inimigo inverno congelado ;
 Alli são seus trabalhos, e fadigas,
 Alli mostram vigor nunca esperado :
 Taes andavam as nymphas estorvando
 A gente Portugueza o fim ufanando.

XXIV.

Torna para detraz a nao forçada,
 A'pezar dos que leva, que gritando
 Maream velas; serve a gente irada,
 O leme a hum bordo, e a outro atravessando;
 O mestre astuto em vão da poppa brada,
 Vendo como diante ameaçando
 Os estava hum. maritimo penedo,
 Quê de quebrar-lhe a nao lhe mette medo.

XXV.

A ceceuma medcncia se levanta
 No rudo marinheiro que trabalha;
 O grande estrondo a Maura gente espanta,
 Como se vissem horrída batalha:
 Não sabem a razão de furia tanta,
 Não sabem nesta pressa quem lhe valha;
 Cuidam que seus enganos são sabidos,
 E que hão de ser por isso aqui punidos.

XXVI.

Ei los subitamente se lançavam
 A seus bateis veloces que traziam;
 Outros em cima o mar alevantavam;
 Saltando n'agua, a nado se acolhiam:
 De hum bordo e d'outro subito saltavam,
 Que o medo os compellia do que viam;
 Que antes querem ao mar áventurar-se,
 Que nas mãos inimigas entregar-se.

XXVII.

Assi, como em selvática alagoa
 As rãs, no tempo antigo Lycia gente,
 Se sentem por ventura vir pessoa,
 Estando fora da agua incáutamente,
 Daqui e dalli saltando, o charco soa,
 Por fugir do perigo que se sente ;
 E acolhendo-se ao couto que conhecem,
 Sós as cabeças na agua lhe apparecem :

XXVIII.

Assi fogem os Mouros ; e o piloto,
 Que ao perigo grande as naos guiara,
 Credo que seu engano estava noto,
 Tambem foge, saltando na agua amara:
 Mas por não darem no penedo immoto,
 Onde percam a vida doce e chara,
 A ancora solta logo a capitaina,
 Qualquer das outras junto della amaina.

XXIX.

Vendo o Gama attentado a estranheza
 Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
 O piloto fugir-lhe com presteza. ₁
 Entende o que ordenava a bruta gente :
 E vendo sem contraste, e sem braveza
 Dos ventos, ou das aguas sem corrente,
 Que a nao passar avante não podia,
 Havendo-o por milagre, assi dizia :

XXX.

Oh caso grande, estranhò, e não cuidado!
 Oh milagre clarissimo, e evidente!
 Oh descoberto enganò inopinado!
 Oh perfida, inimiga, e falsa gente!
 Quem poderá do mal aparelhado
 Livrar-se sem perigo sabiamente,
 Se lá de cima a Guarda soberana
 Não acudir á fraca força humana?

XXXI.

Bem nos mostra a divina Providencia
 Destes portos a pouca segurança;
 Bem claro temos visto na apparencia,
 Que era enganada a nossa confiança:
 Mas pois saber humano, nem prudencia,
 Enganos tão fingidos não alcança;
 Ó tu Guarda divina, tem cuidado
 De quem sem ti não pode ser guardado,

XXXII.

E se te move tanto a piedade
 Desta misera gente peregrina,
 Que só por tua altissima bondade,
 Da gente a salvas perfida e malina;
 N'algum porto seguro de verdade
 Conduzir nos já agora determinista;
 Ou nos a mostra a terra que buscamos,
 Pois só por teu serviço navegamos.

XXXIII.

Ouvio-lhe estas palavras piedosas
 A formosa Dione ; e commovida,
 D'entre as nymphas se vai, que saudosas
 Ficaram desta subita partida.
 Já penetra as estrellas luminosas ;
 Já na terceira esphera recebida,
 Avante passa ; e lá no sexto ceo,
 Para onde estava o Padre se moveo.

XXXIV.

E como hia affrontada do caminho,
 Tão formosa no gesto se mostrava ;
 Que as estrellas, e o ceo, e o ar visinho ;
 É tudo quanto a via, namorava.
 Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
 Huns espiritos vivos inspirava,
 Com que os polos gelados accendia,
 E torçayado fogo a esphera fria.

XXXV.

E por mais namorar o soberano
 Padre, de quem foi sempre amada, e chara,
 Se lh'apresenta assi como ao Troiauo,
 Na selva Idea, já se apresentara.
 Se a vira o caçador, que o vulto humano
 Perdeo, vendo Diana na agua clara,
 Nunca os famintos galgos o matavam,
 Que primeiro desejos o acabaram.

XXXVI.

Os crespos fios d'ouro se esparziam
 Pelo collo, que a neve escurecia ;
 Andando, as lauteas tetas lhe tremiam ;
 Com quem amor brincava, e não se via :
 Da'alva petrina flammias lhe sabiam,
 Onde o Menino as almas accendia ;
 Pelas lisas columnas lhe trepavam
 Desejos, que como hera se enrolavam ;

XXXVII.

C'hum delgado cordal as partes cobre ;
 De quem vergonha he natural reparo ;
 Parem nem tudo esconde, nem descobre
 O vto, d'os roxos lirios pouco avaro :
 Mas para que o desejo acentila, e dobre,
 Lhe poem diante aquelle-objecto raro.
 Já se sentem no ceo, por toda a parte,
 Ciurmes em Vulcano, amor em Marte.

XXXVIII.

E mostrando no angelico semblante,
 Co'o riso huma tristeza misturada ;
 Como dama que foi do incauto amante
 Em brincos atarosos mal tratada,
 Que se aqueixa e seri, n'hum mesmo instante ;
 E se torna entre alegre magoada .
 Desta arte a deusa, a quem n'enhuma iguala,
 Mais thimosa que triste ao Padre falla.

XXXIX.

Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
 Que para as cousas, que eu do peito amasso,
 Te achasse braudo, affabil, e amoroso,
 Posto que a algum contrario lhe pezasse :
 Mas pois que contra mi te vejo iroso,
 Sem que to merecesse, nem te errasse,
 Faça-se como Baccho determina ;
 Assentarei em fim que fui molina.

XL.

Este povo que he meu, por quem derramo
 As lagrimas que em vão cahidas vejo,
 Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
 Sendo tu tanto contra meu desejo :
 Por elle a ti rogando choro, e bramo,
 E contra minha dita em fim pejo.
 Ora pois, porque o amo he mal tratado,
 Quero-lhe querer mal, será guardado.

XLI.

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
 Que pois eu fui. . . E nisto de mimosa,
 O rosto baulha em lagrimas ardentes,
 Como co' o trabalho fica a fresca rosa :
 Callada hum pouco, como se entre os dentes
 Se lhe impedira a falla piedosa,
 Torna a segui-la ; e indo por diante,
 He atalhia o poderoso, e grão Tonante :

XLII.

É destas brandas mostras commovido,
Que moveram de hum tigre o peito duro;
Cuo vulto alegre, qual do ceo subido
Torna sereno e claro o ar escuro,
As lagrimas lhe alimpa, e accendido
No lace a beija, e abraça o collo puro;
De modo que dalli, se sô se acabara,
Outro novo Cupido se gerara.

XLIII.

É co'o seu apertando o rosto amado,
Que os saluços e lagrimas augmenta;
Como menino da ama castigado,
Que quem não affaga, o choro lhe acrescenta;
Por lhe pôr em socego o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta:
Dus lados as entranbas revolvendo,
Desta maneira em fim lhe está dizendo:

XLIV.

Formosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos;
Não que ninguem conigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometto, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos, e Romanos,
Pelos illustres feitos que esta gente
Há de fazer nas partes do Oriente.

XLV.

Que se o facundo Ulysses escapou
 De ser na Ogygia ilha eterno escravo ;
 E se Antenor os seios penetrou
 Illyricos, e a fonte de Timavo ;
 E se o piedoso Eneas navegou
 De Scylla e de Charybdis o mar bravo ;
 Os vossos mões cousas attentando,
 Novos mundos ao mundo irão mostrandô.

XLVI.

Fortalezas, cidades, e altos muros,
 Por elles vereis, filha, edificados ;
 Os Turcos bellacissimos, e duros,
 Delles sempre vereis desbaratados ;
 Os Reis da India livres, e seguros,
 Vereis ao Rei potente subjugados :
 E por elles, de tudo em fim senhores,
 Serão dadas na terra leis-melhores.

XLVII.

Vereis este que agora pressuroso
 Por tantos medos o Indo vai buscando ;
 Tremar delle Neptuno de medroso,
 Sem vento suas aguas encrespando.
 Oh caso nunca visto, e milagroso,
 Que trema é ferva o mar, em calma estando !
 Oh gente forte, e de altos pensamentos,
 Que tambem della hão medo os elementos !

XLVIII.

Vereis a terra que a agna lhe tolhiã,
 Que inda ha de ser hum porto mui decente,
 Em que vão descansar da longa via,
 As naos que navegarem do Occidente.
 Toda esta costa em fim, que agora ordia
 O mortifero engano, obediente
 Lhe pagará tributos, conhecendo
 Não poder resistir ao Luso horrendo.

XLIX.

E vereis o mar Roxo tão famoso,
 Tornar-se-lhe amarello de enfiado;
 Vereis de Ormuz o reino poderoso,
 Duas vezes tomado, e subjogado:
 Alli vereis o Mouro furioso,
 De suas mesmas settas traspassado;
 Que quem vai contra os vossos, claro veja,
 Que se resiste, contra si peleja.

L.

Vereis à inexpugnabil Dio forte,
 Que dous cercos terá, dos vossos sendo;
 Alli se mostrará seu preço, e sorte,
 Peitos de armas grandissimos fazendo:
 Invejoso vereis o grão Mavorte
 Do peito Lusitano sero, e horrendo:
 Do Mouro alli verão que a voz extrema
 Do falso Mafamede ao Ceo blasphema.

.LI.

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
 A qual virá depois a ser senhora
 De todo o Oriente, e sublimada
 Co' os triumphos da gente vencedora :
 Alli soberba, altiva, e exalçada,
 Ao Gêntio, que os idolos adora,
 Duro freio porá, e a toda a terra
 Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

.LII.

Vereis a fortaleza sustentar-se
 De Cananor, com pouca força, e gente ;
 E vereis Calcut desbaratar-se,
 Cidade populosa, e tão potente :
 E vereis em Cochim assinalar-se
 Tanto hum peito soberbo, e insolente,
 Que cithara já mais cantou victoria,
 Que assi mereça eterno nome, e gloria.

.LIII.

Nunca com Marte instructo, e furioso,
 Se vio server Leucate, quando Augusto
 Nas civis Accias guerras animoso,
 O capitão venceu Romano injusto,
 Que dos povos de Aurora, e do famoso
 Nilo, e do Bactra Scythico, e robusto,
 A victoria trazia, e presa rica,
 Preso da Eglypcia linda, e não pudica :

LIV.

Como vereis o mar fervendo à cressa,
 Co'os incendios dos vossos pelejando,
 Levando o Idololatra, e o Mouro preso,
 De nações diferentes triumphando:
 E sujeita a rica Aurea-Chersoneso,
 Até o longiuo China navegando,
 E as ilhas mais remotas do Oriente,
 Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

LV.

De modo, filha minha, que de geito
 Amostrarão esforço mais que humano,
 Que nunca se verá tão forte peito,
 Do Gangetico mar ao Geditano;
 Nem das Boreaes ondas ao Estreito,
 Que mostrou o aggravado Lusitano;
 Posto que em todo o mundo, de affrontados,
 Resuscitassem todos os passados.

LVI.

Com isto disse, manda o consagrado
 Filho de Maia á terra, porque tenha
 Hum pacifico porto, e socegado,
 Para onde sem receio a frota venha:
 E para que em Mombaça aventurado
 O forte Capitão se não detenha,
 Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
 A terra, onde quieto repousasse.

LVII.

Já pelo ar o Cylleneo voava ;
 Com as azas nos pés á terra dece ;
 Sua vara fatal na mão levava,
 Com que os olhos cansados adormece :
 Com esta, as tristes almas revocava
 Do inferno, e o vento lhe obedece ;
 Na cabeça o galero costumado ;
 E desta arte a Melinde foi chegado.

LVIII.

Comsigo a Fama leva, porque diga
 Do Lusitano o preço grande, e raro ;
 Que o nome illustre a hum certo amor obriga
 E faz a quem o tem, amado e charo,
 Deste arte vai fazendo a gente amiga,
 Co'o rumor famosissimo, e preclaro ;
 Já Melinde em desejos arde todo
 De ver da gente forte o gesto, e modo.

LIX.

Dalhi para Mombaça logo parte,
 Aonde as naos estavam temerosas,
 Para que á gente mande, que se aparte
 Da barra inimiga, e terras suspeitosas :
 Porque mui pouco val esforço, e arte,
 Contra infernaes vontades enganosas :
 Pouco val coração, astucia, e siso,
 Se lá dos Ceos não vem celestes aviso,

LX.

Meio caminho a noite tinha andado ;
 E as estrellas no ceo, co'a luz alhea,
 Tinhão o largo mundo allumiado ;
 E só co'o somno a gente se recrea.
 O Capitão illustre, já cansado
 De vigiar a noite que arrecea,
 Breve repouso então aos olhos dava ;
 A outra gente a quartos vigiava.

LXI.

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,
 Dizendo : Fuge, fuge, Lusitano,
 Da cilada que o Rei malvado tece,
 Por te trazer ao fim, e extremo dano ;
 Fuge, que o vento, e o ceo te favorece ;
 Pereno o tempo tens, e o Oceano,
 E outro Rei mais amigo, n'outra parte,
 Onde podes seguro agasalhar-te.

LXII.

Não tens aqui senão apparelhado
 O hospicio que o cru Diomedes dava,
 Fazendo ser manjar acostumado
 De cavallos a gente que hospedava ;
 As aras de Busiris inflamado,
 Onde os hospedes tristes immolava,
 Terás certas aqui, se muito esperas ;
 Fuge das gentes perfidas e feras.

LXIII.

Vai-te ao longo da costa discorrendo,
 E outra terra acharás de mais verdade,
 Lá quasi junto donde o Sól ardendo
 Iguala o dia e noite em quantidade :
 Alli tua frota alegre recebendo
 Hum Rei, com muitas obras de amizade,
 Gasalhado seguro te daria,
 É para a India certa e sabia guia.

LXIV.

Isto Mercurio disse, e o somno leva
 Ao Capitão, que com mui grande espanto
 Acorda, e vê ferida a escura treva
 De huma subita luz, e raio santo.
 E vendo claro quanto lhe releva
 Não se deter na terra iniqua tanto;
 Com novo espirito ao mestre seu mandava,
 Que as velas desse ao vento que assoprava.

LXV.

Dai velas, disse, dai ao largo vento,
 Que o Ceo nos favorece, e Deos o manda ;
 Que hum mensageiro vindo claro, assento
 Que só em favor de nossos passos anda.
 Alevanta-se nisto o movimento
 Dos marinheiros, de huma e de outra banda ;
 Levam gritando as ancoras arima,
 Mostrando a ruda força que se estima.

LXVI.

Neste tempo que as ancoras levavam,
 Na sombra escura os Mouros escondidos
 Mansamente as amarras lhe cortavam,
 Por serem, dando á costa, destruidos :
 Mas com vista de lincez vigiavam
 Os Portuguezes, sempre apercebidos :
 Elles como acordados os sentiram,
 Voando, e não remando, lhe fugiram.

LXVII.

Mas já as agudas proas apartando
 Hiam as vias humidas de argento ;
 Assopra-lhe galerno o vento, e braudo,
 Com suave e seguro movimento :
 Nos perigos passados vão fallando ;
 Que mal se perderão do pensamento
 Os casos grandes, donde em tanto aperto
 A vida em salvo escapa por acerto.

LXVIII.

Tinha huma volta dado o Sol ardente,
 E n'outra começava, quando viram
 Ao longe dous navios, brandamente
 Co'os ventos navegando, que respiram :
 Porque, haviam de ser da Manra gente,
 Para elles arribando, as velas viram :
 Hum de temór do mal que arreceava,
 Por se salvar a gente, á costa dava.

LXIX.

Não he o outro que fica tão manhoso ;
 Mas nas mãos vai cabir do Lusitano,
 Sem o rigor de Marte furioso,
 E sem a furia horrenda de Vulcano :
 Que como fosse debil e medroso
 Da pouca gente o fraco peito humano,
 Não teve resistencia ; e se a tivera,
 Mais d'atno resistindo recebera.

LXX.

E como o Gama muito desejasse
 Piloto para a India que buscava,
 Cuidou que entre estes Mouros o tomasse ;
 Mas não lhe succedeo como cuidava :
 Que nenhum d'elles ha que lhe ensinasse
 A que parte dos ceos a India estava :
 Porém dizem-lhe todos, que tem perto
 Meliude, onde acharão piloto certo.

LXXI.

Louvam do Rei os Mouros a bondade,
 Condição liberal, sincero peito,
 Magnificencia grande, e humanidade,
 Com partes de grandissimo respeito.
 O Capitão o assella por verdade,
 Porque já lho dissera, deste getito,
 O Gyllento em sonhos ; e partia
 Para onde o sonho ; e o Meuro lhe dizia,

LXXII.

Era no tempo alegre, quando entrava
 No roubador, de Europa a luz Phebica ;
 Quando hum e o outro corno lhe aquentava,
 E Flora derramava o de Amalthea.
 A memoria do dia renovava
 O pressuroso Sol, que o ceo rodea,
 Em que aquelle, a quem tudo está sujeito,
 O sello poz a quanto tinha feito;

LXXIII.

Quando chegava a frota áquella parte,
 Onde o reino Melinde já se via,
 De toldos adornada, e leda de arte,
 Que bem mostra estimar o sancto dia:
 Treme a bandeira, voa o estandarte,
 A cor purpurea ao longe apparecia ;
 Soam os alambôres, e pandeiros ;
 E assi entravam ledos, e guerreiros.

LXXIV.

Enche-se toda a praia Melindana
 De gente que vem ver a leda armada ;
 Gente mais verdadeira, e mais humana,
 Que toda a d'outra terra atrás deixada.
 Surge diante a frota Lusitana ;
 Péga no fundo a ancora pezada :
 Mandam fora hum dos Mouros que tomaram,
 Por quem sua vinda ao Rei manifestaram.

LXXV.

O Rei que já sabia da nobreza,
 Que tanto os Portuguezes engrandece,
 Tomarem o seu porto tanto preza,
 Quanto a gente fortissima merece:
 E com verdadeiro animo, e pureza,
 Que os peitos generosos ennobrece,
 Lhe manda rogar muito que sahisses;
 Para que de seus reinos se servissem.

LXXVI!

São offercimentos verdadeiros,
 E palavras sinceras, não dobradas,
 As que o Rei manda aos nobres Cavalleiros,
 Que tanto mar, e terras tem passadas.
 Manda-lhe mais lanigeros carneiros,
 E gallinhas domesticas cevadas;
 Com as fructas que então na terra havia;
 E a vontade á dadiva excedia.

LXXVII.

Recebe o Capitão alegremente
 O mensageiro ledo, e seu recado;
 E logo manda ao Rei outro presente,
 Que de longe trazia aparelhado:
 Escarlata purpurea, cor ardente;
 O ramoso coral, fino, e prezado,
 Que dehaixo das aguas molle crece,
 E como he fóra dellas se endurece.

LXXVIII.

Manda mais hum na pratica elegante,
 Que co'o Rei nobre as pazes concertar-se;
 É que de não sahir naquelle instante
 De suas naos em terra o desculpasse.
 Partido assi o embaixador prestante,
 Como na terra ao Rei se apresentasse,
 Com estylo que Pallas lhe ensinava,
 Estas palavras taes fallando orava :

LXXIX.

Sublime Rei, a quem do Olympo puro,
 Foi da Summa Justiça concedido
 Refrear o soberbo povo duro,
 Não menos deste amado que temido :
 Como porto mui forte, e mui seguro,
 De todo o Oriente conhecido,
 Te vimos a buscar, para que achemos
 Em ti o remedio certo que queremos.

LXXX.

Não somos roubadores, que passando
 Pelas fracas cidades descuidadas,
 A ferro, e a fogo, as gentes vão matando,
 Por roubar-lhe as fazendas cobicadas :
 Mas da soberba Europa navegando,
 Imos buscando as terras apartadas
 Da India grande e rica, por mandado
 De hum rei que temos, alto, e sublimado.

LXXXI.

Que geração tão dura ha hi de gente?
 Que barbaro costume, e usança fea,
 Que não vedem os portos tamsomente,
 Mas inda o hospicio da deserta area?
 Que má tenção, que peito em nós-se sente,
 Que de tão pouca gente se arrecea?
 Que com laços armados tão fingidos,
 Nos ordenassem ver-nos destruidos?

LXXXII.

Mas tu, em quem mui certo confiamos
 Achar-se mais verdade, ó Rei benigno,
 É aquella certa ajuda em ti esperamos,
 Que teve o perdido Ithaco em Alcino;
 A teu porto seguros navegamos,
 Conduzidos do Interprete divino:
 Que pois a ti nos manda, está mui claro,
 Que es de peito sincero, humano, e raro.

LXXXIII.

É não cuides, ó Rei, que não sahisse
 O nosso Capitão esclarecido
 A ver-te, ou a servir-te, porque visse,
 Ou suspeitasse em ti peito fingido:
 Mas saberás que o fez, porque cumprisse
 O regimento em tudo obedecido
 De seu Rei, que lho manda que não saia,
 Deixando a frota, em nenhum porto, ou praia.

LXXXIV.

É porque he de vassallos o exercicio,
 Que os membros tem regidos da cabeça,
 Não querêis, pois tens de Rei o officio,
 Que ninguem a seu Rei desobedeça :
 Masias mercês, e o grande beneficio,
 Que ora acha em ti, promette que conheça
 Em tudo aquillo que elle e os seus puderem,
 Em quanto os rios para o mar correrem.

LXXXV.

Assi dizia ; e todos juntamente,
 Huns com outros em pratica fallando,
 Louvavam muito o estomago da gente,
 Que tantos ceos e mares vai passando.
 É o Rei illustre, o peito obediente
 Dos Portuguezes na alma imaginando,
 Tinha por valor grande, e mui subido
 O do Rei, que he tão longe obedecido.

LXXXVI.

E com risonha vista, e ledo aspecto,
 Responde ao Embaixador, que tanto estima :
 Toda a suspeita má tirai do peito,
 Nenhum frijo temor em vós se imprima :
 Que a vosso preço, o obras são de geito,
 Para vos ter o mundo em muita estima ;
 E quem vos fez molesto tratamento,
 Não pode ter subido pensamento.

LXXXVII.

De não sabir em terra toda a gente,
 Por observar a usada precipinencia,
 Aindaque me peze estranhamente,
 Em muito tenho a muita obediencia.
 Mas se lho o regimento não consente,
 Nem eu consentirei que a excellencia
 De peitos tão leaes em si desfaça,
 Só porque a meu desejo satisfaça.

LXXXVIII.

Porem como a luz crastina chegada
 Ao mundo for, em minhas almadias
 Eu irei visitar a forte armada,
 Que ver tanto desejo, ha tantos dias.
 E se vier do mar desbaratada,
 Do furioso vento, e longas vias,
 Aqui terá, de limpos pensamentos
 Piloto, munições, e mantimentos.

LXXXIX.

Isto disse ; e nas aguas se escondia
 O filho de Latona ; e o mensageiro
 Co'a embaixada alegre se partia
 Para a frota, no seu batel ligeiro.
 Enchem-se os peitos todos de alegria,
 Por terem o remedio verdadeiro
 Para acharem a terra que buscavam ;
 Assim ledos a noite festejavam.

XC.

Não faltam alli os raios de artificio,
 Os tremulos cometas imitando :
 Fazem os bombardeiros seu officio,
 O ceo, a terra: e as ondas atroando.
 Mostra-se dos Cyclopas o exercicio
 Nas bombas que de fogo estão queimando :
 Outros com vozes, com que o ceo feriam,
 Instrumentos altisonos tangiam.

XCI.

Respondem-lhe da terra juntamente,
 Co'o raio volteando, com zonido ;
 Anda em gyros no ar a roda ardente,
 Estoura o pó sulphureo escondido.
 A grita se alevanta ao ceo, da gente ;
 O mar se via em fogos accendido,
 E não menos a terra : e assi festeja
 Hum ao outro, á maneira de peleja,

XCII.

Mas já o ceo inquieto revolvendo,
 As gentes incitava a seu trabalho :
 E já a mãe de Memnon a luz trazendo,
 Ao somno longo punha certo atalho :
 Hiam-se as sombras lentas desfazendo,
 Sobre as flores da terra, em frio orvalho,
 Quando o Rei Melindano se embarcava
 A ver a frota que no mar estava,

XCIII.

Viam-se em denredor ferver as praias
 Da gente, que a ver só concorre leda ;
 Luzem da fina purpura asicabaia,
 Lustram os pannos da tecida seda :
 Em lugar de guerreiras azagaias,
 E do arco, que os cornos arremeça
 Da Lua, trazem ramos de palmeira,
 Dos que vencem coroa verdadeira.

XCIV.

Hum batel grande, e largo, que toldado
 Vinha de sedas de diversas cores
 Traz o Rei de Melinde, acompanhado,
 De nobres de seu reino, e de senhores.
 Vem de ricos vestidos adornado,
 Segundo seus costumes, e primores ;
 Na cabeça huma fota guarnecida,
 De ouro, e de seda, e de algodão tecida:

XCV.

Cabaia de damasco rico, e dino,
 Da Tyria cor, entre elles estimada ;
 Hum collar ao pescoço, de ouro fino,
 Onde a materia da obra he superada ;
 C'hum resplendor reluze adamantino,
 Na cinta, a rica adaga bem lavrada ;
 Nas alparcás dos pés, em fim de tudo,
 Cobrem ouro, e aljofar ao veludo.

XCVI.

Com hum redondo amparo alto de seda,
 N'hum alta e dourada hastea enxerido,
 Hum ministro á solar quentura veda
 Que não offenda, e quome o Rei subido,
 Musica traz na proa, estranha e leda,
 De aspero som, horrissimo ao ouvido,
 De trombetas areadas em redondo,
 Que sem concerto fazem rudo estrondo.

XCVII.

Não menos guardecido o Lusitano,
 Nos seus bateis da frota se partia
 A receber no mar o Melindano,
 Com lustrosa e honrada companhia.
 Vestido o Gama vem ao modo Hispano ;
 Mas Franceza era a rompa que vestia,
 De setim da Adriatica Veneza
 Carmesi, cõr que a gente tanto preza :

XCVIII.

De botões d'ouro as mangas vem tomadas,
 Onde o Sol reluzindo a vista cega ;
 As calças soldadescas recamadas
 Do metal, que fortuna a tantos nega ;
 E com pontas do mesmo delicadas
 Os golpes do gibão ajunta. e achega ;
 Ao Italico modo a aurea espada ;
 Pluma na gorra, hum pouco declinada.

XCIX.

Nos de sua companhia se mostrava,
 Da tinta que dá o murice excellente,
 A varia cor, que os olhos alegrava,
 E a maneira do trajo diferente.
 Tal o formoso esmalte se notava
 Dos vestidos olhados juntamente,
 Qual apparece o arco rutilante
 Da bella nympha, filha de Thaumante.

C.

Sonorosas trombetas incitavam
 Os animos alegres resonando :
 Dos Mouros os bateis o mar coalhavam,
 Os toldos pelas aguas arrojando :
 As bombardas, horrisonas bramavam,
 Com as nuvens de fumo o Sol tomando ;
 Amiudam-se os brados accendidos,
 Tapam co'as mãos os Mouros os ouvidos.

CI.

Já no batel entrou do Capitão
 O Rei, que nos seus braços o levava ;
 Elle co'a cortezia, que a razão
 (Por ser Rei) requeria, lhe fallava.
 C'humas mostras de espanto, e admiração,
 O Mouro o gesto, e o modo lhe notava,
 Como quem em mui grande estima tinha
 Gente que de tão longe á India vinha.

CII.

E com grandes palavras lhe offerce
 Tudo o que de seus reinos' lhe cumprisse,
 E que se mantimento lhe fallere,
 Como se proprio fosse lho pedisse :
 Diz-lhe mais, que por fama bem conhece
 A gente Lusitana, sem que a visse :
 Que já ouvio dizer, que n'outra terra
 Com gente de sua lei tivesse guerra.

CIII.

E como por toda Africa se soa,
 Lhe diz os grandes feitos que fizeram,
 Quando nella ganharam a coroa
 Do reino, onde as Hesperidas viveram :
 E com muitas palavras apregoa
 O menos que os de Luso mereceram,
 E o mais que pela fama o Rei sabia :
 Mas desta sorte o Gama respondia.

CIV.

Ó tu que só tiveste piedade,
 Rei benigno, da gente Lusitana,
 Que com tanta miseria, e adversidade,
 Nos mares exprimenta a furia insana ;
 Aquella alta, e divina Eternidade,
 Que o ceo revolve, e rege a gente humana,
 Pois que de'ti taes obras recebemos,
 Te pague o que nós outros não podemos.

CV.

Tu só de todos quantos queima Apollo
 Nos recebes em paz, do mar profundo ;
 Em ti dos ventos horridos de Eolo
 Refugio achamos bom, fido, e jucundo.
 Em quanto apascentar o largo polo
 As estrellas, e o Sol der lume ao mundo,
 Onde quer que eu viver, com fama e gloria
 Viverão teus louvores em memoria.

CVI.

Isto dizendo, os barcos vão remando
 Para a frota, que o Mouro ver deseja ;
 Vão as naos huma a huma rodeando,
 Porque de todas, tudo note, e veja,
 Mas para o ceo Vulcano luzilando,
 A frota co'as bombardas o festeja,
 E as trombetas canoras lhe tangiam ;
 Co'os anafis os Mouros respondiam.

CVII.

Mas depois de ser tudo já notado
 Do generoso Mouro, que pasmava,
 Ouvindo o instrumento inusitado,
 Que tamanho terror em si mostrava ;
 Mandava estar quieto, e ancorado
 N'agua o batel ligeiro que os levava,
 Por fallar de vagar co'o torte Gama,
 Nas cousas de que tem noticia, e fama.

CVIII.

Em praticas o Mouro differentes
 Se delectava, perguntando' agora
 Pelas guerras famosas e excellentes,
 Co'o povo havidas; que a Mafoma adora:
 Agora lhe pergunta pelas gentes
 De toda a Hesperia ultima, onde mora;
 Agora pelos povos seus vizinhos;
 Agora pelos humidos caminhos.

CIX.

Mas antes, valeroso Capitão,
 Nos conta, lhe dizia, diligente,
 Da terra tua o clima, e região
 Do Mundo onde morais, distinctamente;
 É assi de vossa antiga geração,
 É o principio do reino tão potente,
 Co'os successos das guerras do começo;
 Que sem sabe-las, sei que são de preço:

CX.

E assi tambem nos conta dos rodeios
 Longos, em que te traz o mar irado,
 Vendo os costumes ha' baros alheios,
 Que a nossa Africa nuda tem criado.
 Conta: que agora vem co'os aureos freios,
 Os cavallos, que o carro marchetado
 Do novo Sol, da fria Aurora trazem;
 O vento dorme, o mar, e as ondas jazem.

CXI.

E não menos co'o tempo se parece
 O desejo de ouvir-te o que contares ;
 Que quem ha, quo por fama não conhece
 As obras Portuguezas singulares ?
 Não tanto desviado resplandece
 De nós o claro Sol, para julgares
 Que os Melindanos tem' tão rudo peito,
 Que não estimem muito hum grande feito.

CXII.

Commetteram soberbos os Gigantes,
 Com guerra vã, o Olympo claro e puro :
 Tentou Pirithoo, e Theseo, de ignorantes,
 O reino de Plotão horrendo e escuro :
 Se hoye feitos no mundo tão possantes,
 Não menos he trabalho illustre e duro,
 Quanto foi commetter inferno, e ceo,
 Que outrem commetta a furia de Nereo.

CXIII.

Queimou o sagrado templo de Diana,
 Do subtil Ctesiphonio fabricado,
 Herostrato, por ser da gente humana
 Conhecido no mundo, e nomeado :
 Se tambem com taes obras nos engana
 O desejo de hum nome avantajado,
 Mais razão ha que queira eterna gloria,
 Quem faz obras tão dignas de memoria.

OS LUSIADAS.

CANTO TERCEIRO.

ARGUMENTO

DO CANTO TERCEIRO.

Prática de Vasco da Gama com El Rei de Melinde, em que lhe faz a descripção da Europa : dá-lhe conta dos principios do Reino de Portugal, de seus Reis, (até El Rei D. Fernando) e das suas acções principaes : feito notavel de Egas Moniz : vem a Portugal a Rainha de Castella D. Maria, a pedir soccorro para a batalha do Salado : amores, e caso desastrado de D. Ignez de Castro : alguns successos d'El Rei D. Fernando.

OUTRO ARGUMENTO.

A populosa Europa se descreve ;
De Egas Moniz o feito sublimado ;
Insitania, que Reis, que guerras teve ;
Christo a Afonso se expoem crucificado ;
De Dona Ignez de Castro a pura neve
Em purpura converte o povo irado :
Mostra-se o vil descuido de Fernando,
E o gião poder de hum gesto suave, e brando.



OS LUSIADAS.



CANTO TERCEIRO:

I.

Agora tu, Calliope, me ensina
O que contou ao Rei o illustre Gama;
Inspira immortal canto, e voz divina
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Assi o claro inventor da Medicina,
De quem Orpheo pariste, ó linda dama,
Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothoe,
Te negue o amor devido, como soe.

II.

Poem tu, Nympba, em effeito meu desejo;
Como merece a gente Lusitana;
Que veja e saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganippe corre, e mana.
Deixa as flores de Pindo, que já vejo
Bauhar-me Apollo na água soberana;
Senão direi, que tens algum receio,
Que se escureça o teu querido Orpheo,

III.

Promptos estavam todos escuitando
 O que o sublime Gama contaria ;
 Quando, depois de hum pouco estar cuidando,
 Alevantando o rosto, assi dizia :
 Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
 De minha gente a grão genealogia :
 Não me mandas contar estranha historia :
 Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

IV.

Que outrem possa louvar esforço alheio,
 Cousa he que se costuma, e se deseja :
 Mas louvar os meus proprios, arreceio
 Que louvor tão suspeito mal me esteja ;
 E para dizer tudo, temo e creio,
 Que qualquer longo tempo curto seja :
 Mas pois o mandas, tudo se te deve ;
 Irei contra o que devo, e serei breve.

V.

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,
 He não poder mentir no que disser,
 Porque de feitos taes, por mais que diga,
 Mais me ha de ficar inda por dizer :
 Mas porque nisto a ordem leve, e siga,
 Segundo o que desejas dê saber,
 Primeiro tratarei da larga terra,
 Depois direi da sanguinosa guerra.

VI.

Entre a zona que o Cancro senhorea,
Meta Septentrional do Sol luzante,
E aquella, que por fria se arrecea
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodea,
Pela parte do Arcturo, e do Occidente,
Com suas salsas ondas o Oceano,
E pela Austral o mar Mediterraneo.

VII.

Da parte donde'o dia vem nascendo,
Com Asia se avizinha : mas o rio
Que dos montes Rhipheios vai correndo;
Na alagoa Meotis, curvo e frio,
As divide, é o mar, que sero e horrendo
Vio dos Gregos o irado senhorio,
Onde agora de Troia triumphante
Não vê mais que a memoria o navegante.

VIII.

Lá onde mais debaixo está do polo,
Os montes Hyperboreos apparecem,
E aquelles onde sempre sopra Folo,
E co' o nome dos sopros se ennobrecem.
Aqui tão pouca força tem de Apollo
Os raios que no mundo resplandecem,
Que a neve está contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

IX.

Aqui dos Scythas grande quantidade
 Vivem, que antigamente grande guerra
 Tiveram, sobre a humana antiguidade,
 Co'os que tinham então a Egypcia terra :
 Mas quem tão fóra estava da verdade,
 (Já que o juizo humano tanto erra)
 Para que do mais certo se informara,
 Ao campo Damasceno o perguntara.

X.

Agora nestas partes se nomea
 A Lappia fria, a inculta Noí oega,
 Escandinavia ilha, que se arrea
 Das victorias que Italia não lhe nega.
 Aqui, em quanto as aguas não reftrea
 O congelado inverno, se navega
 Hum braço do Sarmatico Oceano,
 Pelo Brusio, Suecio, e frio Dano.

XI.

Entre este mar, e o Tanais vive estranha
 Gente, Ruthenos, Moscos, e Livonios,
 Sarmatas outro tempo ; e na montanha
 Hercyna, os Marcomanos são Polonios.
 Sujeitos ao Imperio de Alemanha
 São Saxones, Bohemios, e Pannonios,
 E outras varias nações, que o Rheno frio
 Lava, e o Danubio, Amasis, e Albis rio.

XII.

Entre o remoto Istro, e o claro estreito,
 Aonde Helle deixou co' o nome a vida,
 Estão os Thraces de robusto peito,
 Do fero Marte patria tão querida,
 Onde co' o Hemo, o Rhodope sujeito
 Ao Othomano está, que submettida
 Byzanção tem a seu serviço indino;
 Boa injuria do grande Constantino!

XIII.

Logo de Macedonia estão as gentes,
 A quem lava do Axio a agua fria:
 E vós tambem ó terras excellentes
 Nos costumes, engenhos e ousadia,
 Que creastes os peitos eloquentes,
 E os juizos de alta phantasia,
 Com quem tu, clara Grecia, o ceo penetras,
 E não menos por armas, que por letras.

XIV.

Logo os Dalmatas vivem: e no seio,
 Onde Antenor já muros levantou,
 A soberba Veneza está no meio
 Das aguas, que tão baixa começou.
 Da terra hum braço vem ao mar, que cheio
 De esforço nações varias sujeitou;
 Braço forte, de gente sublimada,
 Não menos nos engenhos, que na espada.

XV.

Em torno o cerca o reino Neptunino;
 Co'os muros naturaes por outra parte :
 Pelo meio o divide o Apennino,
 Que tão illustre fez o patrio Marte.
 Mas despois que o porteiro tem divino,
 Perdendo o esforço veio, e bellica arte :
 Pobre está já de antiqua potestade ;
 Tanto Deos se contenta de humildade !

XVI.

Gallia alli se verá, que nomeada
 Co'os Cesareos triumphos foi no mundo,
 Que do Sequana, e Rhodano he regada,
 E do Garumna frio, e Rheno fundo :
 Logo os montes da Nympha sepultada
 Pyrene se alevantam, que segundo
 Antiquidades contam, quando arderam,
 Rios de ouro, e de prata então correram.

XVII.

Eis-aqui se descobre a nobre Hespanha,
 Como cabeça alli de Europa toda,
 Em cujo senhorio, e gloria estranha
 Muitas voltas tem dado a fatal roda :
 Mas nunca poderá com força, ou manha,
 A fortuna inquieta pôr-lhe noda,
 Que lha não tire o esforço, e ousadia
 Dos bellicosos peitos que em si cria.

XVIII.

Com Tingitania entesta, e alli parece
 Que quer fechar o mar Mediterraneo,
 Onde o sabido Estreito se ennobrece
 Com extremo trabalho do Thebano.
 Com nações diferentes se engrandece,
 Cercadas com as ondas do Oceano,
 Todas de tal nobreza, e tal valor,
 Que qualquer dellas cuida que he melhor.

XIX.

Tem o Tarragonéz, que se fez claro
 Suadando Parthenope inquieta;
 O Navarro, as Asturias, que reparo
 Já foram contra a gente Mahometa;
 Tem o Gallego cauto, e o grande e raro
 Castelhana, a quem fez o seu planeta
 Restituidor de Hespanha, e senhor della,
 Betis, Leão, Granada, com Castella.

XX.

Eis-aqui, quasi cume da cabeça
 De Europa toda, o reino Lusitano,
 Onde a terra se acaba, e o mar começa,
 E onde Phebo repousa no Oceano.
 Este quiz o Ceo justo que florea
 Nas armas contra o torpe Mauritano,
 Deitando-o de si fóra; e lá na ardente
 Africa estar quieto o não consente.

XXI.

Esta he a ditosa patria minha amada,
 A' qual se o Ceo me dá, que eu sem perigo
 Torne, com esta empreza já acabada,
 Acabe-se esta luz alli comigo.
 Esta foi Lusitania, derivada
 De Luso, ou Lysa, que de Baccho antigo
 Filhos foram, parece, ou companheiros,
 E nella então os incolas primeiros.

XXII.

Desta o Pastor nasceo, que no seu nome
 Se vê que de homem forte os feitos teve ;
 Cujá fama ninguem virá que dome,
 Pois a grande de Roma não se atreve.
 Esta, o velho que os filhos proprios come,
 Por decreto do Ceo, ligeiro e leve,
 Veio a fazer no mundo tanta parte,
 Creando-a reino illustre ; e foi desta arte.

XXIII.

Hum Rei, por nome Afonso, foi na Hespanh¹,
 Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
 Que por armas sanguinas, força, e manha,
 A muitos fez perder a vida, e a terra.
 Voando deste Rei a fama estranha
 Do Herculano Calpe á Caspia serra,
 Muitos para na guerra esclarecer-se,
 Vigham a elle, e á morte offerecer-se.

XXIV.

E c'hum amor intrinseco accendidos
Da Fé, mais que das honras populares,
Eram de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada, e proprios lares.
Despois que em feitos altos, e subidos,
Se mostraram nas armas singulares,
Quiz o famoso Alonso, que obras taes
Levassem premio digno, e dons iguaes.

XXV.

Destes Henrique, dizem que segundo
Filho de hum Rei de Hungria experimentado,
Portugal houve em sorte, que no mundo
Então não era illustre, nem prezado :
E para mais signal d'amor profundo,
Quiz o Rei Castelhanao, que casado
Com Teresa sua filha o Conde fosse ;
E com ella das terras tomou posse.

XXVI.

Este despois que contra os descendentes
Da escrava Agar, victorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve,
Em premio destes feitos excellentes,
Deo-lhe o supremo Deus, em tempo breve,
Hum filho que illustrasse o nome ufano
Do bellicoso reino Lusitano.

XXVII.

Já tinha vindo Henrique da conquista
 Da cidade Hierosolyma sagrada,
 E do Jordão a area tinha vista,
 Que vio de Deos a carne em si lavada ;
 Que não tendo Gothfredo a quem resista,
 Depois de ter Judea subjugada,
 Muitos que nestas guerras o ajudaram,
 Para seus senhorios se tornaram.

XXVIII.

Quando chegado ao fim de sua idade,
 O forte, e famoso Hungaro estremado,
 Forçado da fatal necessidade,
 O espirito deo a quem lho tinha dado :
 Ficava o filho em tenra mocidade,
 Em quem o pai deixava seu traslado,
 Que do mundo os mais fortes igualava ;
 Que de tal pai, tal filho se esperava.

XXIX.

Mas o velho rumor, não sei se errado,
 Que em tanta antiguidade não ha certeza,
 Conta que a mãi tomando todo o estado,
 Do segundo hymenco não se despreza.
 O filho orpham deixava desherdado,
 Dizendo, que nas terras a grandeza
 Do senhorio todo se sua era,
 Porque para casar seu pai lhas dera.

XXX.

Mas o príncipe Afonso, que desta arte
 Se chamava, do avô tomando o nome,
 Vendo-se em suas terras não ter parte,
 Que a mãe com seu marido as manda, e come;
 Servendo-lhe no peito o duro Marte,
 Imagina consigo como as tome.
 Desolvidas as causas no conceito,
 Ao proposito firme segue o effeito.

XXXI.

De Guimarães o campo se tingia
 Com o sangue proprio da intestina guerra;
 Onda a mãe, que tão pouco o parecia,
 A seu filho negava o amor, e a terra.
 Com elle posta em campo já se via;
 E não vê a soberba o muito que erra
 Contra Deos, contra o maternal amor;
 Mas nella o sensual era o maior.

XXXII.

Ó Progne crua! ó magica Medea!
 Se em vossos proprios filhos vos vingais
 Da maldade dos pais, da culpa alhea,
 Olhai que inda Teresa pecca mais.
 Incontinencia má, cobiça fea,
 São as causas deste erro principais:
 Scylla por huma mata o velho pai,
 Esta por ambas, contra o filho vai.

XXXIII.

Mas já o Príncipe claro o vencimento
 Do padrasto, e da iniqua mãe levava ;
 Já lhe obedece a terra n'hum momento,
 Que primeiro contra elle pelejava :
 Porém, vencido de ira o entendimento,
 A mãe em ferros asperos atava :
 Mas de Deos foi vingada em tempo breve ;
 Tanta veneração aos pais se deve !

XXXIV.

Eis se ajunta o soberbo Castelhanao,
 Para vingar a injuria de Teresa,
 Contra o tão raro em gente Lusitano,
 A quem nenhum trabalho agrava, ou pesa
 Em batalha cruel o peito humano,
 Ajudado da angelica defesa,
 Não só contra tal furia se sustenta,
 Mas o inimigo asperrimo allugenta.

XXXV.

Não passa muito tempo, quando o forte
 Príncipe em Guimaraens está cercado
 De infinito poder : que desta sorte
 Foi refazer-se o imigo magoado :
 Mas, com se offerecer á dura morte
 O fiel Egas amo, foi livrado ;
 Que de outra arte pudera ser perdido,
 Segundo estava mal apercebido.

XXXVI.

Mas o leal vassallo, conhecendo
 Que seu senhor não tinha resistencia,
 Que vai ao Castelhaño, promettendo
 Que elle faria dar-lhe obediencia.
 Levanta o inimigo o cerco horrendo,
 Fiado na promessa, e consciencia,
 De Egas Moniz. Mas não consente o peito
 Do moço illustre a outrem ser sujeito.

XXXVII.

Chegado tinha o prazo promettido,
 Em que o Rei Castelhana já aguardava,
 Que o Principe a seu mando submettido,
 Lhe desse a obediencia que esperava.
 Vendo Egas, que ficava sementido,
 O que delle Castella não cuidava,
 Determina de dar a doce vida
 A troco da palavra mal cumprida.

XXXVIII.

E com seus filhos, e mulher se parte
 A levantar com elles a fiança ;
 Descalços, e despidos de tal arte,
 Que mais move a piedade, que a vingança.
 Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
 De minha temeraria confiança,
 Dizia, eis-aqui venho offerecido
 A te-pagar co'a vida o promettido.

XXXIX.

Vês aqui trago as vidas innocentes
 Dos filhos sem peccado, e da consorte ;
 Se a peitos generosos, e excellentes,
 Dos fracos satisfaz a fera morte.
 Vês aqui as mãos, e a lingua delinquentes ;
 Nellas sês exprimenta toda sorte
 De tormentos, de mortes, pelo estylo
 De Scinis, e do touro de Perillo.

XL.

Qual diante do algoz o condemnado,
 Que já na vida a morte tem bebido,
 Poem no cepo a garganta ; e já entregado
 Espera pelo golpe tão temido :
 Tal diante do Principe indignado,
 Egas estava a tudo offerecido :
 Mas o Rei vendo a estranha lealdade,
 Mais pôde em fim que a ira a piedade.

XLI.

Oh grão fidelidade Portugueza
 De vassallo que a tanto se obrigava !
 Que mais o Persa fez naquella empreza,
 Onde rosto, e narizes se cortava ?
 Do que ao grande Dario tanto peza,
 Que mil vezes dizendo suspirava,
 Que mais o seu Zopyro são prezara,
 Que vinte Babylonias que tomara.

XLII.

Mas já o Príncipe Afonso aparelhava
 O Lusitano exercito difoso,
 Contra o Mouro, que as terras habitava
 D'alem do claro Tejo deleitoso :
 Já no campo de Ourique se assentava
 O arraial soberbo, e bellicoso,
 De fronte do inimigo Sarraceno,
 Postoque em força, e gente tão pequeno :.

XLIII.

Em nenhuma outra cousa confiado,
 Senão no summo Deos que o ceo regia ;
 Que tão pouco era o povo baptizado,
 Que para hum só cem Mouros haveria :
 Julga qualquer juizo socegado
 Por mais temeridade que ousadia,
 Commetter hum tamanho ajuntamento ;
 Que para hum cavalleiro houvesse cento,

XLIV.

Cinco Reis Moutos são os inimigos,
 Dos quaes o principal Ismar se chama ;
 Todos experimentados nos perigos
 Da guerra, onde se alcança a illustre fama ;
 Seguem guerreiras damas seus amigos,
 Imitando a famosa e forte dama,
 De quem tanto os Troianos se ajudaram ;
 E as que o Thermudonte já gostaram.

XLV.

A máltina luz serena, e fria
 As estrellas do polo já apartava,
 Quando na Cruz o Filho de Maria,
 Amostrando-se a Afonso, o animava.
 Elle adorando quem lhe apparecia,
 Na Fé todo inflammado, assi gritava :
 Aos infieis, Seuhor, aos infieis,
 E não a mi que creio o que podeis !

XLVI.

Com tal milagre os animos da gente
 Portugueza inflammados, levantavam
 Por seu Rei natural este excellente
 Principe, que do peito tanto amavam :
 E diante do exercito potente
 Dos imigos, gritando o ceo tocavam,
 Dizendo em alta voz : « Real, Real,
 Por Afonso alto Rei de Portugal.»

XLVII.

Qual co'os gritos, e vozes incitado,
 Pela montanha o rabido moloso,
 Contra o touro remette, que fiado
 Na força está do corno temeroso ;
 Ora pega na orelha, ora no lado,
 Latindo, mais ligeiro que forçoso,
 Até que em fim rompendo-lhe a garganta,
 De bravo a força horrenda se quebranta :

XLVIII.

Tal do Rei novo o estomago accendido,
 Por Deos, e pelo povo juntamente,
 O barbaro commette apercebido
 Co'o animoso exercito rompente.
 Levantam nisto os perros o alarido
 Dos gritos; tocam á arma, ser'v'e a gente;
 As lanças e arcos tomam, tubas soam,
 Instrumentos de guerra tudo atroam.

XLIX.

Bem como quando a' flamma, que atcada
 Foi nos aridos campos, (assoprando
 O sibilante Boreas) animada
 Co'o vento, o secco mato vai queimando:
 A pastoral companhia, que deitada
 Co'o doce somno estava, despertando
 Ao estridor do fogo, que se atea;
 Recolhe o fato, e foge para a aldeia:

L.

Deste arte o Mouro attonito, e torvado,
 Tomá sem tento as armas mui depressa;
 Não foge, mas espera confiado,
 E o ginete belligero arremessa.
 O Portuguez o encontra denodado,
 Pelos peitos as lanças lhe atravessa:
 Huns cahem meios mortos, e outros vão
 A ajuda convocando do Alcorão.

LI.

Alli se vem encontros temerosos,
Para se desfazer huma alta serra,
E os animaes correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra.
Golpes se dão medonhos, e forçosos,
Por toda a parte andava accessa a guerra :
Mas o de Luso, arnez, couraça, e malha
Rompe, corta, desfaz, abola, e talha.

LII.

Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono, e sem sentido,
E d'outros as entranhas palpitando,
Pallida a cor, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exercito nefando,
Correm rios do sangue desparzido,
Com que tambem do campo a cor se perde,
Tornado carmesi de branco, e verde.

LIII.

Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os tropheos, e presa rica :
Desbaratado, e routo o Mauro Hispano,
Tres dias o grão Rei no campo fica.
Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta victoria certifica,
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em signal destes cinco Reis vencidos.

LIV.

E nestes cinco escudos pinta os trinta
 Dinheiros por que Deos fora vendido ;
 Escrevendo a memoria em varia tinta
 Daquelle de quem foi favorecido.
 Em cada hum dos cinco, cinco pinta ;
 Porque assi fica o numero cumprido,
 Contando duas vezes o do meio,
 Dos cinco azues, que em cruz pintando veio.

LV.

Passado já algum tempo, que passada
 Era esta grão victoria, o Rei subido
 A tomar vai Leiria, que tomada
 Fora mui pouco havia do vencido.
 Com esta a forte Arronches subjugada
 Foi juntamente, e ó sempre ennobrecido
 Scalabicastró, cujo campo ameno,
 Tu claro Tejo regas tão sereno.

LVI.

A estas nobres villas submettidas
 Ajunta tambem Mafra em pouco espaço,
 E nas serras da Lua conhecidas
 Subjuga a fria Cintra o duro braço ;
 Cintra, onde as Naiades escondidas
 Nas fontes vão fugindo ab duce laço,
 Onde Amor as enreda brandamente,
 Nas aguas accendendo fogo ardente.

LVII.

E tu, nobre Lisboa, que no mundo
 Facilmente das outras és princesa,
 Que edificada foste do sacundo,
 Por cujo engano foi Dardanija accessa :
 Tu, a quem obedece o mar profundo,
 Obedeceste á força Portugueza,
 Ajudada tambem da forte armada,
 Que das Boreaes partes foi mandada.

LVIII.

Iá do Germanico Albis, e do Rheno,
 E da fria Bretanha conduzidos
 A destruir o povo Sarraceno,
 Muitos com tenção sancta eram partidos.
 Entrando a boca já do Tejo ameno,
 Co'o arraial do grande Afonso unidos,
 Cujá alta fama então subia aos ceos,
 Foi posto cerco aos muros Ulysseos,

LIX.

Cinco vezes a Lya se esconderá,
 E outras tantas mostrara cheio o rosto,
 Quando a cidade entrada se renderá
 Ao duro cerco que lhe estava posto.
 Foi a batalha tão sanguina e fera,
 Quanto obrigava o firme p'gesupposto
 De vencedores asperos e ousados,
 E de yencidos já desesperados.

LX.

Desta arte em fim tomada se reñdeo,
Aquella que nos tempos já passados
A' grande força nunca obedeceo
Dos frios povos Scythicos ousados,
Cujó poder a tanto se estendeo,
Que o Ibero o vio, e o Tejo amedrontados ;
E em fim co'o Betis tanto alguns puderam,
Que á terra de Vandalia nome deram.

LXI.

Que cidade tão forte por ventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não pode resistir á força dura
Da gente, cuja fama tanto voa ?
Já lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos Alemquer, por onde soa
O tom das frescas aguas, entre as pedras,
Que murmurando lava, e Torres-Vedras.

LXII.

E vós também, ó terras Transtaganas,
Assamadas co'o dom da flava Ceres,
Obedeceis ás forças mais que humanas,
Entregando lhe os muros, e os poderes :
E tu, lavrador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres ;
Que Elvas, e Moura, e Serpa conhecidas,
E Alcacere-do-Sal estão rendidas.

LXIII.

Eis a nobre cidade, certo assento,
 Do rebelde Sertorio antigamente,
 Onde ora as agnas nitidas de argento
 Vem sustentar de longo a terra, e a gente
 Pelos arcos reaes, que cento e cento
 Nos ares se alevantam nobremente,
 Obedeço por meio e ousadia
 De Giraldo, que medos não tomia.

LXIV.

Já na cidade Beja vai tomar
 Vingança de Traucoso destruida.
 Afonso, que não sabe socegar,
 Por estender co'a fama a curta vida.
 Não se lhe pode muito sustentar
 A cidade; mas sendo já rendida,
 Em toda a cousa viva a gente irada.
 Provando os fios vai da dura espada.

LXV.

Com estas subjugada foi Palmella,
 E a piscosa Cezimbra, e juntamente,
 Sendo ajudado mais de sua estrella,
 Desbarata hum exercito potente:
 Sentio-o a villa, e vio-o o senhor della,
 Que a soccorre-la vinha diligente,
 Pela fralda da serra, descuidado
 Do temeroso encontro inopinado:

LXVI.

O Rei de Badajoz era alto Mouro,
 Com quatro mil cavallos furiosos,
 Innumeros peões, d'armas, e de ouro
 Guarnecidos, guerreiros, e lustrosos.
 Mas qual no mez de Maio o bravo touro,
 Co'os ciumes da vacca arreceosos,
 Sentindo gente o bruto e cego amante,
 Saltea o descuidado caminhante ;

LXVII.

Desta arte Afonso subito mostrado
 Na gente dá, que passa bem segura,
 Fere, mata, derriba denodado ;
 Foge o Rei Mouro, e só da vida cura.
 D'hum pauco terror todo assombrado,
 Só de segui-lo o exercito procura,
 Sendo estes que fizeram tanto abalo.
 No mais que so sessenta de cavallo.

LXVIII.

Logo segue a victoria sem tardança
 O grão Rei incansabil, ajuntando
 Gentes de todo o Reino, cuja usança
 Era andar sempre terras conquistando.
 Cercar vai Badajoz, e logo alcança
 O fim de seu desejo, polejando
 Com tanto esforço, e arte, e valentia,
 Que a faz fazer ás outras companhia.

LXIX.

Mas o alto Deus, que para longe guarda
 O castigo daquello que o merece ;
 Ou para que se emende, ás vezes tarda,
 Ou por segredos que homem não conhece ;
 Se atéqui sempre o forte Rei resguarda
 Dos perigos a que elle se offerece,
 Agora lhe não deixa ter defesa
 Da maldição da mãe que estava presa ;

LXX.

Que estando na cidade que cercara,
 Cercado nella foi dos Leonezes,
 Porque a conquista della lhe tomara,
 De Leão sendo, e não dos Portuguezes.
 A pertinacia aqui lhe custa cara,
 Assi como acontece muitas vezes,
 Que em ferros quebra as pernas, indo acceso
 A' batalha onde foi vencido, e preso.

LXXI.

Ó famoso Pompeio, não te pene
 De teus feitos illustres a ruina ;
 Nem ver que a justa Nemesis ordene
 Ter teu sogro de ti victoria dina :
 Postoque o frio Phasis, ou Syene,
 Que para nenhum cabo a sombra inclina,
 O Bootes gelado, e a Linha ardente,
 Temessem o teu nome geralmente ;

LXXII.

Postoque a rica Acabia, e que os feroces
 Heniachos, e Colchos, cuja fama
 O veo dourado estende. e os Cappadoces,
 E Judea que hum Deus adora e ama ;
 E que os molles Sophenes, e os atroces
 Cilicios, com a Armenia, que derrama
 As aguas dos dons rios, cuja fonte
 Está n'outro mais alto, e sancto monte ;

LXXIII.

E posto em fim que desd'o mar de Atlante
 Até o Scythico Tauro, monte erguido,
 Já vencedor te vissem ; não te espante
 Se o campo Emathio só te vio vencido :
 Porque Afonso verás soberbo, e ovante,
 Tudo render, e ser despois rendido.
 Assi o quiz o Conselho alto celeste,
 Que vença o sogro a ti, e o genro a este.

LXXIV.

Tornado o Rei sublime finalmente
 Do divino Juizo castigado,
 Despois que em Santarem soberhamente
 Em vão dos Sarracenos foi cercado,
 E despois que do martyre Vicente
 O sanctissimo corpo venerado,
 Do Sacro promontorio conhecido,
 A' cidade Ulysea foi trazido ;

LXXV.

Porque levasse avante seu desejo,
 Ao forte filho manda o lasso velho,
 Que ás terras se passasse d'Alemtejo,
 Com gente, e co'o belligero apparelho;
 Sancho, d'esforço, e d'animo sobejo,
 Avante passa, e faz correr vermelho
 O rio que Sevilha vai regando,
 Co'o sangue Mauro, barbaro, e nefando.

LXXVI.

E com esta victoria cobizoso,
 Já não descansa o moço até que veja
 Outro estrago, como este temeroso;
 No barbaro que tem cercado Beja.
 Não tarda muito o Principe ditoso,
 Sem ver o fim daquillo que deseja.
 Assi estragado o Mouro, na vingança,
 De tantas perdas poem sua esperança;

LXXVII.

Já se ajuntam do monte, a quem Medusa .
 O corpo fez perder, que teve o ceo :
 Já vem do promontorio de Ampelusa,
 E do Tingõ que assento foi de Anteo.
 O morador de Abyla não se escusa ;
 Que tambem com suas armas se moveo,
 Ao som da Mauritana e ronca tuba,
 Todo o reino que foi do nobre Juba.

LXXVIII.

Entrava com toda esta companhia
 O Mir-almuminin em Portugal ;
 Treze Reis Mouros leva de valia,
 Entre os quaes tem o sceptro Imperial :
 E assi fazendo quanto mal podia,
 O que em partes podia fazer mal,
 Dom Sancho vai cercar em Santarem ;
 Porém não lhe succede muito bem.

LXXIX.

Da-lhe combates asperos, fazendo
 Ardis de guerra mil o Mouro iroso ;
 Não lhe aproveita já trabuco horrendo ;
 Mina secreta, ariete forçoso :
 Porque o filho de Afonso não perdendo
 Nada do esforço, e acordo generoso,
 Tudo provê com animo, e prudencia ;
 Que em toda a parte ha esforço, e resistencia.

LXXX.

Mas o velho, a quem tinham já obrigado
 Os trabalhosos annos ao socego,
 Estando na cidade, cujo prado
 Enverdecem as aguas do Mondego,
 Sabendo como o filho está cercado,
 Em Santarem, do Mauro povo cego,
 Se parte diligente da cidade ;
 Que não perde a presteza co'a idade.

LXXXI.

E co'a famosa gente á guerra usada,
 Vai soccorrer o filho; e assi ajuntados,
 A Portugueza furia costumada
 Em breve os Mouros tem desbaratados.
 A campina, que toda está coalhada
 De marlotas, capuzes variados,
 De cavallos, jaezes, presa rica,
 De seus senhores mortos cheia fica.

LXXXII.

Logo todo o restante se partio
 De Lusitania, postos em fugida:
 O Mir-almuminin so não fugio,
 Porque antes de fugir lhe foga a vida.
 A quem lhe esta victoria permittio,
 -Dão louvores, e graças sem medida:
 Que em casos tão estranhos claramente
 Mais peleja o favor de Deos, que a gente.

LXXXIII.

De tamanhas victorias triumphava
 O velho Afonso, Principe subido,
 Quando quem tudo em fim vencendo andava,
 Da larga e muita idade foi vencido.
 A pallida doença lhe tocava
 Com-fria mão o corpo enfraquecido,
 E pagaram seus annos deste geito
 A' triste Libitina seu direito.

LXXXIV.

Os altos promontorios o choraram ;
E dos rios as aguas saudosas
Os semeados campos alagaram,
Com lagrimas correndo piedosas.
Mas tanto pelo mundo se alargaram
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu reino chamarão,
Afonso, Afonso, os eccos : mas em vão.

LXXXV.

Sancho forte mancebo, que ficara
Imitando seu pai na valentia,
E que em sua vida já se experimentara,
Quando o Betis de sangue se tingia,
E o barbaro poder desbarata
Do Ismaelita Rei de Andaluzia,
E mais quando os que Beja em vão cercaram
Os golpes em seu braço em si provaram :

LXXXVI.

Depois que foi por Rei alevantado,
Havendo poucos annos que reinava,
A cidade de Sylves tem cercado,
Cujos campos o barbaro lavrava :
Foi das valentes gentes ajudado
Da Germanica armada, que passava,
E armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Judea já perdida.

LXXXVII.

Passavam a ajudar na sancta empresa;
 O roxo Frederico, que moveo
 O poderoso exercito em defesa
 Da cidade onde Christo padecco,
 Quando Guido, co'a gente em sede accesa;
 Ao grande Saladino se rendeo,
 No lugar onde aos Mouros sobejavam
 As aguas, que os de Guido desejavam.

LXXXVIII.

Mas a formosa armada, que viera
 Por contraste de vento áquella parte,
 Sancho quiz ajudar na guerra fera,
 Já que em serviço vai do sancto marte :
 Assi como a seu pai aconterera
 Quando tomou Lisboa, da mesma arte,]
 Do Germano ajudado Sylves toma,
 E o bravo moradores destrue, e doma,

LXXXIX.

E se tantos trophéos do Mahometa
 Alevantando vai, tambem do forte
 Leonez não consente estar quieta
 A terra usada aos casos de Mavorte ;
 Até que na cerviz seu jugo metta
 Da soberba Tui, que a mesma sorte
 Viu ter a muitas villas suas visinhas,
 Que por armas, tu Sancho, humildes tinhas.

XC.

Mas entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Hum filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Afonso, e Rei terceiro.
No tempo deste aos Mouros foi tomado
Alcacere-do-Sal por derradeiro ;
Porque d'antes os Mouros o tomaram,
Mas agora estruidos o pagaram.

XCI.

Morto depois Afonso, lhe succede
Sancho segundo, manso e descuidado :
Que tanto em seus descuidos se desnede,
Que de outrem, quem mandava, era mandado ;
De governar o reino, que outro pede,
Por causa dos privados foi privado ;
Porque, como por elles se regia,
Em todos os seus vicios consentia.

XCII.

Não era Sancho, não, tão deshonesto
Como Nero, que hum moço recebia
Por mulher, e depois horrendo incesto
Com a mãe Agrippina commettia ;
Nem tão cruel ás gentes, e molesto,
Que a cidade queimasse onde vivia ;
Nem tão máo como foi Heliogabalo,
Nem como o molle Rei Sardanapalo.

XCIII.

Nem era o povo seu tyrannizado,
 Como Sicilia foi de seus tyrannos;
 Nem tinha como Phalaris achado,
 Genero de tormentos inhumanos:
 Mas o reino de allivo, e costumado
 A senhores em tudo soberanos,
 A Rej não obedece, nem consente,
 Que não for mais que todos excellente.

XCIV.

Por esta causa o reino governou
 O Conde Bolonhez, depois alçado
 Por Rei, quando da vida se apartou.
 Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado,
 Este que Afonso o bravo se chamou,
 Depois de ter o reino segurado,
 Em dilata-lo cuida; que em terreno
 Não cabe o allivo peito tão pequeno.

XCV.

Da terra dos Algarves, que lhe fora
 Em casamento dada, grande parte
 Recupera co'o braço, e deita fora
 O Mouro mal querido já de Marte.
 Este de todo fez livre e senhora
 Lusitania, com força, e bellica arte;
 E acabou de opprimir a nação forte,
 Na terra que aos de Luso coube em sorte.

XCVI.

Eis despois vem Diniz; que bem parece
 Do bravo Afonso estirpe nobre e dina;
 Com quem a fama grande se escurece
 Da liberalidade Alexandrina:
 Com este o reino prospero florece
 (Alcançada já a paz aurea divina)
 Em constituições, leis, e costumes,
 Na terra já tranquilla claros lumes.

XCVII.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se'
 O valeroso officio de Minerva;
 E de Helicon as Musas fez passar-se
 A pizar do Mondego a fertil herva.
 Quanto pode de Athenas desejar-se,
 Tudo o soberbo Apollo aqui reserva:
 Aqui as capellaz dá tecidas de ouro,
 Do baccharo, e do sempre verde louro.'

XCVIII.

Nobres villas de novo edificou,
 Fortalezas, castellos nui seguros;
 E quasi o reino todo reformou
 Com edificios grandes, e altos muros.
 Mas despois que a dura Atropos cortou
 O fio de seus dias já maduros,
 Ficou-lhe o filho pouco obediente,
 Quarto Afonso; mas forte e excellente.'

XCIX.

Este sempre as soberbas Castelhanas
Co'o peito desprezou firme e sereno ;
Porque não he das forças Lusitanas,
Temer poder maior, por mais pequeno.
Mas porém quando as gentes Mauritanas
A possuir o Hesperico terrêno
Entraram pelas terras de Castilla,
Foi o soberbo Afonso a soccorre-la.

C.

Nunca com Semiramis gente tanta
Veio os campos Hydaspicos enchendo ;
Nem Attila, que Italia toda espanta,
Chamando-se de Deus açoute horrendo,
Gothica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co'o poder excessivo de Granada,
Foi nos campos Tartessios ajuntada.

CI.

E vendo o Rei sublime Castelhanao
A força inexpugnabil, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo Hispano,
Já perdido huma vez, que a propria morte ;
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandava a charissima consorte,
Mulher de quem a manda, e filha amada
Daquelle a cujo reino foi mandada.

CII.

Entrava a formosissima Maria
 Pelos paternaes paços sublimados,
 Lindo ó gesto, más fóra de alegria,
 E seus olhos em lagrimas banhados :
 Os cabellos angelicos trazia
 Pelos eburneos hombros espalhados :
 Diante do pai ledo, que a agasalha,
 Estas palavras tacs chorando espalha :

CIII.

Quantos povos a terra produzio
 De Africa toda: gente séra e estrauha,
 O grão Rei de Marrócos conduzio,
 Para vir possuir a nobre Hespanha :
 Poder tamanho junto não se vio,
 Depois que o salso mar a terra banha :
 Trazem ferocidade, e furor tanto,
 Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

CIV.

Aquelle que me déste por marido,
 Por defender sua terra amedrontada,
 Co'o pequeno poder offerecido
 Ao duro golpe está illa Manfa esxada ;
 E se não for contigo soccòrrido,
 Ver-me-has delle, e do reino set privada,
 Viuva, e triste, e posta em vida estufa,
 Sem marido, sem reino, e sem ventura.

CV.

Por tanto, ó Rei, de quem com puro medo
 O corrente Mulucha se congela,
 Rompe toda a tardança, acude cedo
 A' miseranda gente de Castella :
 Se esse gesto que mostras claro e ledo,
 De pai o verdadeiro amor assella,
 Acúde, e corre-pai ; que se não corres,
 Pode ser que não aches quem soccorres.

CVI.

Não de outra sorte a tímida Maria
 Fallando está, que a triste Venus, quando
 A Jupiter seu pai favor pedia
 Para Eneas seu filho navegando ;
 Que a tanta piedade o commoio,
 Que cahido das mãos o raio infando,
 Tudo o clemente Padre lhe concede,
 Pezando-lhe do pouco que lhe pede.

CVII.

Mas já co'os-esquadrões da gente armada
 Os Eborenses campos vão coalhados ;
 Lustra co'o Sol o arnez, a lança, a espada ;
 Vão rinchando os cavallos jaezados.
 A canora trombeta embandeirada,
 Os corações á paz acostumados
 Vai ás fulgentes armas incitando,
 Pelas concavidades retumbando.

CVIII.

Entre todos no meio se sublima,
Das insignias reaes acompanhado,
O valeroso Afonso, que por cima
De todos leva o collo alevantado,
E somente com o gesto esforça, e anima
A qualquer coração amedrontado :
Assi entra nas terras de Castella
Com a filha gentil, Rainha della.

CIX.

Juntos os dous Afonsos finalmente
Nos campos de Tarifa, estão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Para quem são pequenos campo e monte.
Não ha peito tão alto, e tão potente,
Que de desconfiança não se afronte,
Em quanto não conheça e claro veja,
Que co' o braço dos seus Christo pejeja,

CX.

Estão de Agar os netos quasi rindo
Do poder dos Christãos fraco e pequeno;
As terras como suas repartindo
Antemão entre o exercito Agareno,
Que com titulo falso possuindo
Está o famoso nome Sarraceno ;
Assi tambem com falsa conta, e nua,
A' nobre terra alheia chamam sua.

CXI.

Qual o membrudo e barbaro Gigante,
Do Rei Saul com causa tão temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante,
Sô de pedras, e esforço apercebido ;
Com palavras soberbas, e arrogante
Despreza o fraco moço mal vestido,
Que rodeando a funda, o desengana
Quanto mais pode a fé, que a força humana'

CXII.

Desta arte o Mouro perfido despreza
O poder dos Christãos, e não entende
Que está ajudado da alta fortaleza
A quem o inferno horrifico se rende :
Com ella o Castelhana, e rom destreza
De Marrocos o Rei commette, e offende :
O Portuguez, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao reino de Granãda.

CXIII.

Eis as lanças, e espadas retiniam
Por cima dos arnezes ; bravo estrago !
Chamam, segundo as leis que alli seguiam,
Huns Mafamede, e os outros Sanct-lago.
Os feridos com grita o ceo feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meios mortos se affogavam,
Quando do ferro as vidas escapavam.

CXIV.

Com esforço tamanho estrue, e mata ?
 O Luso ao Granadil, que em pouco espaço
 Totalmente o poder lhe desbarata,
 Sem lhe valer defeza, ou preito de aço.
 De alcançar tal victoria tão barata
 Inda não bem contente o forte braço,
 Vai ajudar ao bravo Castelhana,
 Que pelejando está co'o Mauritano,

CXV.

Já se hia o Sol ardente recolhendo
 Para a casa de Thetis ; e inclinado,
 Para o Ponente o vespero trazendo,
 Estava o claro dia memorado :
 Quando o poder do Mauro grande e horrendo
 Foi pelos fortes Reis desbaratado,
 Com tanta mortandade, que a memoria
 Nunca no mundo vio tão grão victoria,

CXVI.

Não matou a quarta parte o forte Mario,
 Dos que morreram neste vencimento,
 Quando as agnas co'o sangue do adversario
 Fez beber ao exercito sedento :
 Nem o Peno, asperissimo contrario
 Do Romano poder, de nascimento,
 Quando tantos matou da illustre Roma,
 Que alqueires tres de annéis dos mortos toma.

CXVII.

E se tu tantas almas só pudeste
 Mandar ao reino escuro de Coccyto,
 Quando a sancta Cidade desfizeste
 Do povo pertinaz no antigo rito,
 Permissão, e vingança foi celestê,
 E não força de braço, ó nobre Tito ;
 Que assi dos Vates foi prophetizado,
 E depois de Jesu certificado.

CXVIII.

Passada esta tão prospera victoria,
 Tornando Alfonso á Lusitana terra,
 A se lograr da paz com tanta gloria,
 Quanta soube ganhar na dura guerra ;
 O caso triste, e digno da memoria,
 Que do sepulcro os homens desenterra,
 Aconteceo da misera, e mesquinha,
 Que depois de ser morta foi Rainha.

CXIX.

Tu só, tu puro Amor, com força crua,
 Que os corações humanos tanto obriga,
 Dêste causa a molesta morte sua,
 Como se fora perbida inimiga.
 Se dizem, sero Amor, que a sede tua
 Nem com lagrimas tristes se mitiga,
 He porque queres, aspero e tyranno,
 Tuas aras banbar em sangue humano.

CXX.

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
 De teus annos colhendo doce fructo,
 Naquelle engano da alma, ledo e cego,
 Que a fortuna não deixa durar muito ;
 Nos saudosos campos do Mondego,
 De teus formosos olhos nunca enxuto,
 Aos montes ensinando, e ás ferveilhas,
 O nome que no peito escripto tinhas.

CXXI.

Do teu Principe alli te respondiam
 As lembranças que na alma lhe moravam,
 Que sempre ante seus olhos te traziam,
 Quando dos teus formosos se apartavam ;
 De noite em doces sonhos, que mentiam,
 De dia em pensamentos, que voavam ;
 E quanto em, firm, cuidava, e quanto via,
 Erant tudo memorias de alegria.

CXXII.

De outras bellas senhoras, e Princezas
 Os desejados thalamos engeita ;
 Que tudo em fim, tu puro amor, desprezas,
 Quando hum gesto suave te sujeita.
 Vendo estas namoradas estranhezas
 O velho pai sesudo, que respeita
 O murmurar do povo, e a phantasia
 Do filho, que casar-se não queria :

CXXIII.

Tirar Ignez ao mundo determina,
 Por lhe tirar o filho que tem preso ;
 Credo co'o sangue só da morte indina
 Matar do firme amor o fogo acceso.
 Que furor consentio que a espada fina,
 Que pôde sustentar o grande preso
 Do furor Mauro, fosse alevantada
 Contra huma fraca dama delicada ?

CXXIV.

Traziam-na os horrificos algozes
 Ante o Rei, já movida a piedade ;
 Mas o povo com falsas e feroces
 Razões á morte crua o persuade.
 Ella com tristes, e piedosas vozes,
 Sabidas só da magoa, e saudade
 Do seu Principe, e filhos que deixava,
 Que mais que a propria morte a magoava :

CXXV.

Para o ceo crystallino alevantando
 Com lagrimas os olhos piedosos ;
 Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
 Hum dos duros ministros rigorosos :
 E depois nos meninos attentando,
 Que tão queridos tinha, e tão mimosos,
 Cujá orphandade como mãi temia,
 Para o avô cruel assi dizia :

CXXVI.

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruél de nascimento,
E, nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas aerias tem o intento,
Com pequenas crianças vio a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co'a mãi de Nino já mostraram,
E co'os irmãos que Roma edificaram :

CXXVII.

Ó tu, que tens de humano o gesto, e o peito,
(Se de humano he matar huma donzella
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vence-la)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura della :
Mova-te a piedade sua, e minha,
Pois te não movê a culpa que não tinha.

CXXVIII.

E se vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perde-la não fez erro.
Mas se to assi merece esta innocencia,
Poem-me em perpetuo e misero desterro
Na Scythia fria, ou lá na Lybia ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

CXXXV.

As filhas do Mondego a morte, escura
 Longo tempo chorando memoravam ;
 E por memoria eterna, em fonte pura
 As lagrimas choradas transformaram :
 O nome lhe puzeram, que inda dura,
 Dos amores de Ignez, que alli passaram.
 Vede que fresca fonte rega as flores,
 Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

CXXXVI.

Não correo muito tempo que a vingança
 Não visse Pedro das mortaes feridas ;
 Que em tomando do reino a governança,
 A tomou dos fugidos homicidas :
 Do outro Pedro cruissimo os alcança ;
 Que ambos inimigos das humanas vidas,
 O concerto fizeram duro e injusto,
 Que com Lepido, e Antonto fez Augusto.

CXXXVII.

Este castigador foi rigoroso
 De latrocinios, mortes, e adulterios ;
 Fazer nos maos cruzas, fero e irroso,
 Eram os seus mais certos refrigerios.
 As cidades guardando, justicioso,
 De todos os soberbos vituperios,
 Mais ladrões castigando á morte deo,
 Que o vagabundo Alcides, ou Theseo.

CXXXVIII.

Do justo, e duro Pedro nasce o brando,
 (Vede da natureza o desconcerto!)
 Bemisso, e sem cuidado algum, Fernando,
 Que todo o reino poz em muito aperto:
 Que vindo o Castelhana devastando
 As terras sem defeza, esteve perto
 De destruir-se o reino totalmente;
 Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente;

CXXXIX.

Qu' foi castigo claro do peccado
 De tirar Leonor a seu marido,
 E casar-se com ella, de enlevado
 E hum falso parecer mal entendido:
 Qu' foi que o coração sujeito, e dado
 Ao vicio vil, de quem se vio rendido;
 Molle se fez, e fraco; e bem parece,
 Que hum baixo amor os fortes enfraquece,

CXL.

Do peccado tiveram sempre a pena
 Levitos, que Deos o quiz, e permittio;
 Os que foram roubar a bella Helena;
 E com Apio tambem Tarquino o vio:
 Puls por quem David sancto se condena?
 Que quem o Tribu illustre destruo
 He Benjamin? Bem claro no-lo ensina
 Por Sara Pharaó, Sicheu por Dina,

CCLI.

E pois se os peitos fortes enfraquece
 Hum inconcesso amor desalinado,
 Bem no filho de Alcmena se parece,
 Quando em Omphale andava transformado;
 De Marco Antonio a fama se escurece
 Com ser tanto a Cleopatra afeiçoado.
 Tu tambem, Pæno prospero, o sentiste,
 Depois que hũa moça vil na Apulia viste.

CXLII.

Mas quem pode livrar-se por ventura
 Dos laços que amor arma brandamente
 Entre as rosas, e a neve humana pura,
 O ouro, e o alabastro transparente?
 Quem de huma peregrina formosura,
 De hum vulto de Medusa propriamente,
 Que o coração converte que tem preso,
 Em pedra não ; mas em desejo acceso?

CXLIII.

Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brando,
 Huma suave, e angelica excellencia,
 Que em si está sempre as almas transformando,
 Que tivesse contra ella resistencia?
 Desculpado por certo está Fernando,
 Para quem tem de amor experiencia:
 Mas antes, tendo livre a phantasia,
 Por muito mais culpado o julgaria,

OS LUSIADAS.

CANTO QUARTO.

ARGUMENTO

DO CANTO QUARTO.

Continua o Gama a prática com El Rei de Melinde, e refere as guerras de Portugal com Castella sobre a successão do Reino, por morte d'El Rei D. Fernando : façanhas militares do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira : batalha e victoria de Aljubarrota : diligencias que se fizeram para descobrir a India por mar, no tempo d'El Rei D. João o II : como El Rei D. Manoel conseguiu esse fim, determinando esta viagem : prevenções para ella : embarque e despedida dos navegantes nas praias de Belém.

OUTRO ARGUMENTO.

Acclamado João, de Pedro herdeiro;
Convoca Leonor ao Castelhana :
Oppoem-se Nuno, intrepido guerreiro ;
Dá-se batalha ; vence o Lusitano ;
Quem a Aurora buscar tentou primeiro
Pelas tumidas ondas do Oceano ;
E como ao Gama coube esta alta empreza,
Por afinar a gloria Portugueza.



OS LUSIADAS.



CANTO QUARTO.

I.

Depois de procellosa tempestade;
Nocturna sombra, e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto, e salvamento :
Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensamento :
Assi no reino forte aconteceu,
Depois que o Rei Fernando falleceo.

II.

Porque se muito os nossos desejaram,
Quem os damnos e offensas vá vingando
Naquelles, que tão bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando ;
Depois de pouco tempo o alcançaram,
Joanne sempre illustre alevantando
Por Rei, como de Pedro unico herdeiro,
(Aindaque bastardo) verdadeiro.

III.

Ser isto ordenação dos Ceos divina,
 Por signaes muito claros se mostrou,
 Quando em Evora a voz de huma menina,
 Ante tempo fallando, o nomeou ;
 E como cousa em fim que o Ceo destina,
 No berço o corpo, e a voz alevantou :
 Portugal, Portugal, alçando a mão,
 Disse, pelo Rei novo, Dom João.

IV.

Alteradas então do Reino as gentes
 Co' o odio que occupado os peitos tinha,
 Absolutas cruezas, e evidentes
 Faz do povo o furor; por onde vinha :
 Matando vão amigos, e parentes
 Do adultero Conde, e da Rainha,
 Com quem sua incontinencia deshonesta
 Mais, depois de viuva, maniesta.

V.

Mas elle em fim, com causa deshonorado,
 Diante della a ferro frio morre,
 De outros muitos na morte acompanhado ;
 Que tudo o fogo erguido queima, e corre :
 Quem como Astyanax precipitado
 (Sem lhe valerem ordens) de alta torre ;
 A quem ordens, nem aras, nem respeito ;
 Quem nu por ruas, e em pedaços feito,

VI.

Podem-se pôr em longo esquecimento
 As cruezas mortaes, que Roma vio,
 Feitas do feroz Mario, e do cruento
 Sylla, quando o contrario lhe fugio.
 Por isso Leonor, que o sentimento
 Do morto Conde ao mundo descobrio,
 Faz contra Lusitania vir Castella,
 Dizendo ser sua filha herdeira della.

VII.

Beatriz era a filha, que casada
 Co' o Castelhana está, que o reino pede;
 Por filha de Fernando reputada,
 Se a corrompida fama lho concede.
 Com esta voz Castella alevantada,
 Dizendo que esta filha ao pai succede,
 Suas forças ajunta para as guerras,
 De varias regiões, e varias terras.

VIII.

Vem de toda a provincia, que de hum Brigo;
 Se foi, já teve o nome derivado;
 Das terras que Fernando, e que Rodrigo
 Ganharam do tyranno e Mauro estado.
 Não estimam das armas o perigo
 Os que cortando vão co' o duro arado
 Os campos Leonzes, cuja gente
 Co' os Moutos foi nas armas excellente.

IX.

Os vandalos, na antigua valentia
 Ainda confiados, se ajuntavam
 Da cabeça de toda Andaluzia,
 Que do Guadalquivir as aguas lavam.
 A nobre ilha tambem se apercebia,
 Que antiguamente os Tyrios habitavam,
 Trazendo, por insignias verdadeiras,
 As Herculeas columnas nas bandeiras.

X.

Tambem vem lá do reino de Toledo,
 Cidade nobre e antigua, a quem cercando
 O Tejo em torno vai suave e ledão,
 Que das serras de Conca vem manando,
 A vós outros tambem não tolhe o medo,
 O sordidos Gallegos, duro bando,
 Que, para resistirdes, vos armastes,
 A'quelles cujos golpes já provaes.

XI.

Tambem movem da guerra as negras furias
 A gente Biscaiuha, que carece
 De polidas razões, e que as injurias
 Muito mal dos estranhos compadece.
 A terra de Guipuscua, e das Asturias,
 Que com minas de ferro se ennobrece,
 Armou d'elle os soberbos moradores,
 Para ajudar na guerra a seus senhores.

XII.

Joanne, a quem do peito o esforço crece,
Como a Samsão Hebreo da guedelha,
Postoque tudo pouco lhe parece,
Co' os poucos de seu reino se apparella:
E não porque conselho lhe fallece,
Co' os principaes senhores se aconselha;
Mas so por ver das gentes as sentenças,
Que sempre houve entre muitos differenças.

XIII.

Não falta com razões quem desconcerte
Da opinião de todos, na vontade,
Em que o esforço antigo se converte
Em desusada e má deslealdade,
Padendo o temor mais, gelado, inerte,
Que a propria e natural fidelidade:
Negam o Rei, e a patria; e se convem,
Negarão, como Pedro, o Deos que tem.

XIV.

Mas nunca foi que este erro se sentisse
No forte Dom Nuno Alvares: mas antes,
Postoque em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes,
A'quellas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado, e não sacundo,
Ameaçando a terra, o mar, e o mundo:

XV.

Como da gente illustre Portugueza
 Ha de haver quem refuse o Patrio marte?
 Como, desta provincia, que princeza
 Foi das gentes nau guerra em toda parte,
 Ha de sahir quem negue ter defeza,
 Quem negue a lá, o amor, o esforço e arte
 De Portuguez, e por nenhum respeito
 O proprio reino queira ver sujeito?

XVI.

Como? Não sois vós inda os descendentes
 Daquelles, que de baixo da bandeira
 Do grande Henriques, feros e valentes,
 Venceram esta gente tão guerreira?
 Quando tantas bandeiras, tantas gentes;
 Puzeram em fugida, de maneira
 Que sete illustres Condes lhe trouxeram
 Presos, agora a presa que tiveram?

XVII.

Com quem foram contino sopeados
 Estes, de quem o estais agora vós,
 Por Diniz, e seu filho, sublimados,
 Senão co'os vossos fortes pais, e avós?
 Pois so com seus descuidos, ou peccados,
 Fernando em tal fraqueza assi vos poz,
 Torne-vos vossas forças o Rei novo:
 Se he certo que co'o Rei se muda o povo.

XVIII.

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Igual ao Rei que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes :
E se com isto em fim vos não moverdes
Do penetrante medo que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

XIX.

Eu só com meus vassallos, e com esta,
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da força dura, e infesta
A terra nunca de outrem subjugada :
Em virtude do Rei, da patria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei, não só estes adversarios,
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

XX.

Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canusio, reliquias sós de Cannas,
Já para se entregar, quasi movidos,
A' fortuna das forças Africanas,
Cornelio moço os faz, que compellidos
Da sua espada jurem, que as Romanas
Armas não deixarão, em quanto a vida
Os não deixar, ou nellas for perdida :

XXI.

Desta arte a gente força, e esforça Nuno,
 Que com lhe ouvir as ultimas razões,
 Removem o temor frio, importuno,
 Que gelados lhe tinha os corações :
 Nos animaes cavalgam de Neptuno,
 Brandindo, e volteando arremessões,
 Vão correndo e gritando a boca aberta :
 « Viva o famoso Rei que nos liberta. »

XXII.

Das gentes populares, huns approvam
 A guerra com que a patria se sustinha ;
 Huns as armas alimpam, e renovam,
 Que a ferrugem da paz gastadas tinha ;
 Capacetes estofam, peitos provam,
 Arma-se cada hum como convinha ;
 Outros fazem vestidos de mil cores,
 Com letras e tenções de seus amores.

XXIII.

Com toda esta lustrosa companhia;
 Joanne forte sae da fresca Abrantes ;
 Abrantes, que tambem da fonte fria
 Do Tejo logra as aguas abundantes.
 Os primeiros armigeros regia,
 Quem para reger era os mui possantes
 Orientaes exercitos, sem conto,
 Com que passava Xerxes o Hellesponto :

XXIV.

Dom Nuno Alvares digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como já o forte Hunno o foi primeiro
Para Francezes, para Italianos.
Outro também famoso cavalleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para manda-los, e rege-los,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos.

XXV.

E da outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasques de Almada lie capitão,
Que depois foi de Abranches nobre Conde,
Das gentes vai regendo a sestra mão.
Logo na retaguarda não se esconde
Das quinas e castellos o pendão,
Com Joanne Rei forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte.

XXVI.

Estavam pelos muros temerosas,
E de hum alegre medo quasi frias,
Rezando as mãis, irmãs, damas, e esposas,
Promettendo jejuns, e romarias.
Já chegam as esquadras bellicosas
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem,
E todas grande duvida concebem.

XXVII.

Respondem as trombetas mensageiras;
 Pifaros sibilantes, e atambores ;
 Alferezes volteam as bandeiras,
 Que variadas são de muitas cores.
 Era no secco tempo, que nas eiras
 Ceres o fructo deixa aos lavradores ;
 Entra em Astrea o Sol, no mez de Agosto;
 Baccho das uvas tira o doce mosto.

XXVIII.

Deo signal a trombeta Castelhana
 Horrendo, fero, ingente, e temeroso :
 Ouvio-o o monte Artabro ; e Guadiana
 Atraz tornou as ondas de medroso :
 Ouvio-o o Douro, e a terra Transtagana ;
 Correo ao mar o Tejo duvidoso :
 E as mãis, que o som terribil escuitaram ;
 Aos peitos os filhinhos apertaram.

XXIX.

Quantos rostos alli se vem sem cor,
 Que ao coração acode o sangue amigo ;
 Que nos perigos grandes o temor
 He maior muitas vezes que o perigo :
 E se o não he, parece-o ; que o furor
 De offender, ou vencer o duro imigo,
 Faz não sentir que he perda grande e rara,
 De s membros corporaes, da vida clara.

XXX.

Começa-se a travar a incerta guerra ;
De ambas partes se move a primeira ala ;
Huns leva a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganha-la :
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala ;
Derriba, e encontra, e a terra em fim semea
Dos que a tanto desejam, sendo alhea.

XXXI.

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, settas, e varios tiros voam :
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos treme a terra, os valles soam :
Espedaçam-se as lanças ; e as frequentes
Quedas co'as duras armas tudo atroam :
Recrescem os inimigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

XXXII.

Eis alli sens irmãos contra elle vão :
Caso feo e cruel ! Mas não se espanta,
Que menos he querer matar o irmão,
Quem contra o Rei, e a patria se alevanta :
Destes arrengados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes : caso estranho !
Quaes nas guerras civis de Julio Magno.

XXXIII.

Ó tu Sertorio, ó nobre Coriolano,
 Catilina, e vós outros dos antigos,
 Que contra vossas patrias, com profano
 Coração, vos fizestes inimigos;
 Se lá no reino escuro de Sumano
 Receberdes gravissimos castigos,
 Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes
 Alguns traidores houve algumas vezes.

XXXIV.

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros;
 Tantos dos inimigos a elles vão:
 Está alli Nuno, qual pelos outeiros
 De Ceita está o fortissimo leão,
 Que cercado se vê dos cavalleiros,
 Que os campos vão correr de Tetuão;
 Perseguem-no co'as lanças, e alle irôso,
 Torvado hum pouco está, mas não medroso.

XXXV.

Com torva vista os vê; mas a natura
 Ferina, e a ira não lhe compadecem
 Que as costas dê; mas antes na espessura
 Das lanças se arremessa, que recrecem.
 Tal está o cavalleiro, que a verdura
 Tinge co'o sangue alheio: alli perecem
 Alguns dos seus; que o animo valente
 Perde a virtude contra tanta gente,

XXXVI.

Sentio Joanne a affronta que passava
 Nuno; que, como sabio capitão,
 Tndo corria, e via, e a todos dava,
 Com presença e palavras, coração:
 Qual parida-leoa, lera é brava,
 Que os filhos, que no ninho sós estão,
 Sentio que em quanto pasto lhe huncara,
 O pastor de Massylia lhos furtara:.

XXXVII.

Corre raivosa, e freme. e com liramidos
 Os montes Sete Irmãos atoa e abala:
 Tal Joanne, com outros escolhidos
 Dos seus, correndo acode á primeira ala.
 O fortes companheiros, o subidos
 Cavalleiros, a quem nenhum se ignala,
 Delendei vossas terras; que a esperança
 Da liberdade está na vossa lança.

XXXVIII.

Vedes-me aqui Rei vosso. e companheiro,
 Que entre as lanças, e settas. e os arnezes
 Dos inimigos corro, e vou primeiro:
 Pelejai verdadeiros Portuguezes.
 Isto disse o magnanimo gnerreiro;
 E sopesando a lança quatro vezes,
 Com força tira: e deste unico tiro
 Muitos lançaram o ultimo suspiro:

XXXIX.

Porque eis os seus accesos novamente
 D'huma nobre vergonha, e honroso fogo,
 Sobre qual mais com animo valente
 Perigos vencerá do marçio jogo,
 Porfiar : tinge o ferro o fogo ardente,
 Rompem malhas primeiro, e peitos logo :
 Assi recebem junto, e dão feridas,
 Como a quem já não doe perder as vidas,

XL.

A muitos mandam ver o Estygio lago,
 Em cujo corpo a morte, e o ferro entrava :
 O Mestre morre alli de Sanct-lago,
 Que fortissimamente pelejava :
 Morre também, fazendo grande estrago,
 Outro Mestre cruel de Calatrava :
 Os Perciras também arrenegados
 Morrem, arrenegando o Ceo, e os fados,

XLI.

Muitos também do vulgo vil sem nome
 Vão, e também dos nobres, ao profundo,
 Onde o trifuace cão perpetua fome
 Tem das almas que passam deste mundo :
 E porque mais aqui se amanse, e dome
 A soberba do imigo suribundo,
 A sublime bandeira Castelhana
 Foi derribada aos pés da Lusitana,

XLII.

Aqui a fera batalha se encrucece
 Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas ;
 A multidão da gente que perece,
 Tem as flores da propria cor mudadas :
 Já as costas dão, e as vidas ; já fallece
 O furor, e sobejam as lançadas :
 Já de Castella o Rei desbaratado
 Se vê, e do seu proposito mudado.

XLIII.

O campo vai deixando ao vencedor ;
 Contente de lhe não deixar a vida :
 Seguem-no os que ficaram ; e o temor
 Ihe dá, não pés, mas azas á fugida.
 Encobrem no profundo peito a dor
 Da morte, da fazenda despendida,
 Da magoa, da deshonra, e triste nojo
 De ver outrem triumphar de seu despojo.

XLIV.

Alguns vão maldizendo, e blasphemando
 Do primeiro que guerra fez no mundo ;
 Outros a sede dura vão culpando
 Do peito cobigoso, e sitibundo,
 Que pôr tomar o alheio, ô miserando
 Povo aventura ás penas do profundo ;
 Deixando tantas mãis tantas esposas,
 Sem filhos, sem maridos, desditosas.

XLV.

O vencedor Joanne esteve os dias
 Costumados no campo, em grande gloria:
 Com offertas depois, e romarias,
 As graças deo a quem lhe deo victoria.
 Mas Nuno, que não quer por outras vias
 Entre as gentes deixar de si memoria,
 Senão por armas sempre soberanas,
 Para as terras se passa Transtaganas.

XLVI.

Ajuda-o seu destino de maneira,
 Que fez igual o effeito ao pensamento;
 Porque a terra dos Vandalos fronteira
 Lhe concede o despojo, e o vencimento.
 Já de Sevilha a Belica bandeira,
 E de varios senhores, n'hum momento.
 Se lhe derriba aos pés, sem ter deleza,
 Obrigados da força Portugueza.

XLVII.

Destas e outras victorias longamente
 Eram os Castelhanos opprimidos,
 Quando a paz, desejada já da gente,
 Deram os vencedores aos vencidos,
 Depois que quiz o Padre omnipotente
 Dar os Reis inimigos por maridos
 A's duas illustrissimas Inglezas,
 Gentis, formosas, inclytas Princezas.

XLVIII.

Não soffre o peito forte, usado á guerra,
 Não ter imigo já a quem faça dano;
 É assi não tendo a quem vencer na terra,
 Vai commetter as ondas do Oceano.
 Este he o primeiro Rei que se desterra
 Da patria, por fazer que o Africano
 Conheça pelas armas, quanto excede
 A lei de Christo á lei de Mafamede.

XLIX.

Eis miú nadantes aves pelo argento
 Da furiosa Thetis inquieta
 Abrindo as pandas azas vão ao vento,
 Para onde Alcides poz a extrema meta.
 O monte Abyla, e o nobre fundamento
 De Ceita toma, e o torpe Mahometa
 Deita fóra; e segura toda Hespanha
 Da Juliana, má, e desleal manha.

L.

Não consentio a morte tantos annos
 Que de Heroe tão ditoso se lograsse
 Portugal, mas os coros soberanos
 Do Ceo supremo quiz que povoasse:
 Mas para defensão dos Lusitanos
 Deixou quem o levou, quem governasse,
 E augmentasse a terra mais que d'antes,
 Inclyta geração, altos Infantes.

LI.

Não foi do Rei Duarte tão ditoso
 O tempo que ficou na summa alteza;
 Que assi vai alternando o tempo irroso
 O bem co'o mal, o gosto co'a tristeza.
 Quem vio sempre hum estado deleitoso?
 Ou quem vio em fortuna haver firmeza?
 Pois inda neste reino, e neste Rei,
 Não usou ella tanto desta lei.

LII.

Vio ser captivo o sancto irmão Fernando,
 Que a tão altas empresas aspirava,
 Que por salvar o povo miserando
 Cercado, ao Sarraceno s'entregava:
 Só por amor da patria está passando
 A vida de senhora feita escrava,
 Por não se dar por elle a forte Ceita:
 Mais o publico bem que o seu respeita.

LIII.

Codro, porque o inimigo não venoesse,
 Deixou antes vencer da morte a vida:
 Regulo, porque a patria não perdesse,
 Quiz mais a liberdade ver perdida.
 Este, porque se Hespanha não temesse,
 A captivo eterno se convidava:
 Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,
 Nem os Descios leaes fizeram tanto.

LIV.

Mas Afonso, do Reino unico herdeiro,
 Nome em armas ditoso, em nossa Hesperia,
 Que a soberba do barbaro fronteiro
 Tornou em baixa e humillima miseria,
 Tora por certo invicto cavalleiro,
 Se não quizerá ir ver a terra Iberia:
 Mas Africa dirá ser impossibil,
 Poder ninguem vencer o Rei terribil.

LV.

Este pode colher as maçãs de ouro,
 Que somente o Tyrinthio colher pode:
 Do jugo que lhe poz, o bravo Mouró
 A cerviz inda agora não sacode.
 Na fronte a palma leva, e o verde louro
 Das victorias do barbaro, que acode
 A defender Alácer, forte villa,
 Tangere populoso, e a dura Azilla.

LVI.

Porem ellas em fim por força entradas,
 Os muros abaixaram de diamante
 A's Portuguezas forças, costumadas
 A derribarem quanto acham diante.
 Maravilhas em armas esteemadas,
 E de escriptura dignas elegarte,
 Fizeram cavalleiros netta empreza,
 Mais affinando a fama Portugueza,

LVII.

Porem depois tocado de ambição;
 É gloria de mandar, amara e bella,
 Vai commetter Fernando de Aragão,
 Sobre o potente reino de Castella.
 Ajunta-se a inimiga multidão
 Das soberhas e varias gentes della,
 Desde Caliz ao alto Pyreneo,
 Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

LVIII.

Não quiz ficar nos reinos ocioso
 O mancebo Joanne, e logo ordena
 De ir ajudar o pai ambicioso,
 Que então lhe foi ajuda não pequena.
 Sahio-se em fim do trance perigoso,
 Com fronte não torvada, mas serena,
 Desbaratado o pai sanguinolento;
 Mas ficou duvidoso o vencimento:

LIX.

Porque o filho sublime e soberano,
 Gentil, forte, animoso cavalleiro,
 Nos contrarios fazendo immenso dano,
 Todo hum dia ficou no campo inteiro.
 Desta arte foi vencido Octaviano,
 E Antonio vencedor, seu companheiro,
 Quando daquelles que Cesar mataram,
 Nos Philippicós campos se vingaram.

LX.

Porem depois que a escura noite eterna
 Alôns, aposentou no Ceo sereno,
 O Principe que o reino então governa,
 Foi Joanne segundo, e Rei trezeno.
 Este por haver fama sempiterna,
 Mais do que tentar pode homem terreno
 Tentou, que foi buscar da roxa Aurora
 Os terminos, que eu vou buscando agora.

LXI.

Manda seus mensageiros, que passaram
 Hespanha, França, Italia celebrada,
 E lá no illustre porto se embarcaram,
 Onde já foi Parthenope enterrada,
 Napoles, onde os fados se mostraram,
 Fazendo-a a varias gentes subjugada,
 Pela illustrar no fim de tantos annos
 Co'o senhorio de inclytos Hispanos.

LXII.

Pelo mar alto Siculo navegam ;
 Vão-se ás praias de Rhodes arenosas,
 E dalli ás ribeiras altas chegam,
 Que com morte de Magoo são famosas.
 Vão a Memphis, e ás terras que se regam
 Das enchentes-Niloticas undosas ;
 Sobem á Ethiopia, sobre Egypto,
 Que de Christo lá guarda o sancto rito.

LXIII.

Passam tambem as ondas Erythreas,
 Que o povo de Israel sem não passou ;
 Ficam-lhe atraz as serras Nabatheas,
 Que o filho de Ismael co'o nome ofnou.
 As costas odorileras Sabeas,
 Que a mãe do bello Adonis tanto honrou,
 Cercam, com toda a Arabia descoberta
 Feliz, deixando a Petrea, e a Cesorta.

LXIV.

Entram no estreito Persico, onde dura
 Da confusa Babel inda a memoria :
 Alli co'o Tigre o Euphrates se mistura,
 Que as fontes onde nascem tem por gloria;
 Dalli vão em demanda da agua pura,
 Que causa inda será de larga historia,
 J o Indo, pelas ondas do Oceano,
 Onde não se atreveo passar Trajano.

LXV.

Viram gentes incognitas e estranhas,
 Da India, da Carmânia, e Gedrosia.
 Vendo varios costumes, varias manhas,
 Que cada região produz e cria,
 Mas de vias tão asperas, tamarilhas,
 Tornar-se facilmente não podia:
 Lá morreram em fim, e lá ficaram ;
 Que á desejada patria não tornaram.

LXVI.

Parece que guardava o claro Céu
 A Manoel, e seus merecimentos,
 Esta empresa tão ardua, que o moveo
 A subidos, e illustres movimentos :
 Manoel, que a Joanne succedeo
 No reino, e nos altivos pensamentos,
 Logo como tomou do reino cargo,
 Tomou mais a conquista do mar largo.

LXVII.

O qual, (como do nobre pensamento
 Daquella obrigação, que lhe ficara
 De seus antepassados, cujo intento
 Foi sempre accrescentar a terra clara,
 Não deixasse de ser hum só momento
 Conquistado :) no tempo que a luz clara
 Foge, e as estrellas nitidas que sabem,
 A repouso convidam quando cahem;

LXVIII.

Fstando já deitado no auneo leito,
 Onde imaginações mais certas são,
 Revolvendo contino no conceito,
 De seu officio, e sangue, a obrigação ;
 Os olhos lhe occupou o somno accerto,
 Sem lhe desuccapar o coração ;
 Porque tanto que lasso se adormece,
 Morf heo em varias formas lhe apparece.

LXIX.

Aqui se lhe apresenta que subia
 Tão alto que tocava á prima esphera,
 Donde diante varios mundos via,
 Nações de muita gente estranha, e fera:
 E lá bem junto donde nasce o dia,
 Depois que os olhos longos estendera,
 Vio de antigos, longinquos, e altos montes,
 Nascerem duas claras e altas fontes.

LXX.

Aves agrestes, feras, e alimarias,
 Pelo monte selvatico habitavam:
 Mil arvores sylvestres, e hervas varias
 O passo, e o trato ás gentes atalhavam,
 Estas duras montanhas adversarias
 De mais conversação, por si mostravam,
 Que desde Adão peccou aos nossos annos,
 Não as romperam nunca pés humanos.

LXXI.

Das aguas se lhe antolha que sahiam,
 Para elle os largos passos inclinando,
 Dous homens, que mui velhos pareciam,
 De aspeito, inda que agreste, venerando:
 Das pontas dos cabellos lhe cahiam
 Gottas, que o corpo todo vão banhando;
 A cor da pelle, baça e denegrada;
 A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

LXXII.

D'ambos de dous a fronte coroada
 Ramos não conhecidos, e hervas tinhas:
 Hum delles a presença traz cansada,
 Como quem de mais longe alli caminha:
 É assi a agua, com impeto alterada,
 Parecia que d'outra parte vinha;
 Bem como Alpheo de Arcadia em Syracusa:
 Vai buscar os abraços de Arethusa.

LXXIII.

Este, que era o mais grave na pessoa,
 Desta arte para o Rei de longe brada:
 Ó tu, a cujos reinos, e coroa,
 Grande parte do mundo está guardada,
 Nós outros, cuja fama tanto voa,
 Cujá cerviz bem nunca foi domada,
 Te avisamos que he tempo que já mandes
 A receber de nós tributos grandes.

LXXIV.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
 Celeste tenho o berço verdadeiro:
 Est'outro he o Indo Rei, que nesta serve
 Que vês, seu nascimento tem primeiro.
 Gustar-te-hemos com tudo dura guerra;
 Mas insistindo tu, por derradeiro,
 Com não vistas victorias, sem receio,
 A quantas geutes vês porás o freio.

LXXV.

Não disse mais o rio illustre, e santo,
 Mas ambos desaparecem n'hum momento:
 Acorda Manoel c'hum novo espanto,
 E grande alteração de pensamento.
 Estendeo nisto Phebo o claro manto
 Pelo escuro Hemispherio somnolento ;
 Veio a manhã no ceo pintando as cores
 De pudibunda rosa, e roxas flores.

LXXVI.

Chama o Rei os senhores a conselho,
 E propoem-lhe as figuras da visão ;
 As palavras lhe diz do sancto velho,
 Que a todos foram grande admiração.
 Determinam o nautico apparelho,
 Para que com sublime coração
 Vá a gente que mandar cortando os mares,
 A buscar novos climas, novos ares.

LXXVII.

Eu que bem mal cuidava que em effeito
 Se pozesse o que o peito me pedia ;
 Que sempre grandes cousas deste geito
 Presago o coração me promettia ;
 Não sei por que razão, por que respeito,
 Ou por que hom signal que em mi se via,
 Me poem o inclyto Rei nas mãos a chave
 Deste commettimento grande e grave.

LXXVIII.

E com rogo, e palavras amorosas,
 Que he hum mando nos Reys que a mais obriga,
 Me disse : as cousas arduas e lustrosas
 Se alcançam com trabalho, e com fadiga :
 Faz as pessoas altas e famosas
 A vida que se perde, e que periga ;
 Que quando ao medo infame não se rende,
 Então, se menos dura, mais se estende.

LXXIX.

Eu vos tenho entre todos escolhido
 Para huma empresa, qual a vós se deve ;
 Trabalho illustre, duro, e esclarecido ;
 O que eu sei, que por mi vos será leve.
 Não soffri mais, mas logo : O Rei subido,
 Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
 He tão pouco por vós, que mais me pena
 Ser esta vida cousa tão pequena.

LXXX.

Imaginai tamanhas aventuras,
 Quaes Eurystheo a Alcides inventava ;
 O leão Cleonæo, Harpyas duras,
 O porco de Erymantho, a Hydra brava ;
 Descer em fim ás sombras vãs, e escuras,
 Onde os campos de Dite a Estyge lava ;
 Porque a maior perigo, a mor affeonta,
 Por vós, ó Rei, o espirito, a carne he pronta.

LXXXI.

Com mercês sumptuosas me agradece;
 E com razões me louva esta vontade;
 Que a virtude louvada vive e cresce,
 E o louvor altos casos persuade.
 A acompanhar-me logo se offeroce,
 Obrigado d'amor, e d'amizade,
 Não menos cobicioso de honra, e fama,
 O charo meu irmão, Paulo da Gama.

LXXXII.

Mais se me ajunta Nicolao Coello;
 De trabalhos mui-grande soffredor;
 Ambos são de valia, e de conselho,
 D'experiencia em armas, e furor.
 Já de manceba gente me apparelho,
 Em que cresce o desejo do valor,
 Todos de grande esforço; e assi parece
 Quem a tamanhas cousas se offeroce.

LXXXIII.

Foram de Manoel remunerados;
 Porque com mais amor se apercebessem,
 E com palavras altas animados
 Para quantos trabalhos succedessem.
 Assim foram os Minyas ajuntados,
 Para que o veo dourado combatessem,
 Na fatidica nao que ousou primeira
 Mentar o mar Euxino, aventureira.

LXXXIV.

E já no porto da inclyta Ulyssea;
 C'hum alvoroço nobre, e c'hum desejo
 (Onde o licor mistura, e branca areia
 Co'o salgado Neptuno o doce Tejo)
 As naos prestes estão : e não refrea
 Temor nenhum o juvenil despejo,
 Porque a gente marítima, e a de Marte.
 Estão para seguir-me a toda parte:

LXXXV.

Pelas praias vestidos os soldados
 De varias cores vem, e varias artes ;
 E não menos de esforço aparelhados
 Para buscar do mundo novas partes.
 Nas fortes naos os ventos socegados
 Ondeam os aérios estandartes ;
 Ellas promettera, vendo os mares largos,
 De ser no Olympo estrellas; como a de Argos;

LXXXVI.

Depois de'aparelhados desta sorte,
 De quanto tal viagem pede e manda,
 Apparelhámos a alma para a morte,
 Que sempre aos nautas ante os olhos anda;
 Para o summo Poder, que a etherea corte
 Sustenta só co'a vista veneranda,
 Implorámos favor que nos guiasse,
 E que nossos começos aspirasse,

LXXXVII.

Partimos-nos assi, do sancto templo;
 Que nas praias do mar está assentado,
 Que o nome tem da terra, para exemplo,
 Onde Deos foi em carne ao mundo dado.
 Certifico-te, ó Rei, que se contemplo
 Como fui destas praias apartado,
 Cheio dentro de duvida, e receio,
 Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

LXXXVIII.

A gente da cidade aquelle dia;
 Huns por amigos, outros por parentes;
 Outros por ver somente, concorria,
 Saudosos na vista, e desconfortes:
 E nós co'a virtuosa companhia
 De mil Religiosos diligentes,
 Em procissão solemne a Deos orando;
 Para os batéis viemos caminhando.

LXXXIX.

Em tão longo caminho, e duvidoso,
 Por perdidos as gentes nos julgavam;
 As mulheres c'hum choro piedoso,
 Os homens com suspiros que arrancavam:
 Mães, esposas, irmãs, que o temeroso
 Amor mais desconfia, accrescentavam
 A desesperação, e frio medo
 Já nos não torçer a, ver tão cedo.

XC.

Qual vai dizendo : Ó filho, a quem eu tinha
 Só para refrigerio, e doce amparo
 Desta cansada já velhice minha,
 Que em choro acabarás penoso, e amaro ;
 Porque me deixas mísera, e mesquinha ?
 Porque de mim te vás, ó filho charo,
 A fazer o funereo enterramento,
 Onde sejas de peixes mantimento ?

XCI.

Qual em cabello : Ó doce e amado esposo ;
 Sem quem não quiz amor que viver possa ;
 Porque is aventurar ao mar irroso
 Essa vida, que he minha, e não he vossa ?
 Como por hum caminho duvidoso
 Vos esquecé a afeição tão doce nossa ?
 Nosso amor, nesse vão contentamento,
 Quereis que com as velas leve o vento ?

XCII.

Nestas e outras palavras que diziam
 De amor, e de piedosa humanidade,
 Os velhos, e os meninos os seguiam,
 Em quem inenós esforço põem a idade ;
 Os montes de máis perto respondiam,
 Quasi movidos de alta piedade :
 A branca areia as lagrimas banhavam,
 Que em multidão com ellas se igualavam ;

XCIII.

Nós outros sem a vista alevantarmos,
 Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,
 Por nos não magoarmos, ou mudarmos
 De proposito firme começado :
 Determinei de assi nos embarcarmos
 Sem o despedimento costumado,
 Que postoque he de amor usança boa,
 A quem se aparta, ou fica, mais magoa,

XCIV.

Mas hum velho d'aspeito venerando,
 Que ficava nas praias, entre a gente,
 Postos em nós os olhos, meneando
 Tres vezes a cabeça, descontente,
 A voz pesada hum pouco alevantando,
 Que nós no mar ouvimos claramente,
 C'hum saber só d'experiencia, feito,
 Taes palavras tirou do expêto peito :

XCV.

Oh gloria de mandar ! Oh vã cobiça
 Desta vaidade, a quem chamamos fama !
 Oh fraudulentó gosto, que se alicia
 C'humã aura popular, que honra se chama !
 Que castigo, tamanho, e que justiça
 Fazes no peito vão que muito te ama !
 Que mortes, que perigos, que tormentas,
 Que crueldades nelles exprimentas !

XCVI.

Dura inquietação d'alma, e da vida,
Fonte de desamparos, e adulterios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos, e de imperios:
Chamam-te illostre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vituperios:
Chamam-te fama, e gloria soberana,
Nomes com quem se o povo nescio engana!

XCVII.

A que novos desastres determinas
De levar estes reinos, e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo d'algum nome preeminente?
Que promessas de reinos, e de minas
D'ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometterás? Que historias?
Que triumphos, que palmas, que victorias?

XCVIII.

Mas ó tu geração daquelle insano,
Cujos peccado, e desobediencia,
Não somente do reino soberano
Te poz neste desterro, e triste ausencia:
Mas inda d'outro estado mais que humano;
Da quieta, e da simples innocencia,
Idade d'ouro, tanto te privou,
Que na de ferro, e d'armas te deitou:

XCIX.

Já que nesta gostosa vaidade
 Tanto enlevas a leve phantasia ;
 Já que á bruta cruexa, e fequidade
 Pozeste nome, esforço, e valentia ;
 Já que prézas em tanta quantidade
 O desprezo da vida, que devia
 De ser sempre estimada, pois que já
 Temeo tanto perde-la quem a dá :

C.

Não tens junto contigo o Ismaelita,
 Com quem sempre terás guerras sobejas ?
 Não, segue elle do Arabio a lei maldita,
 Se tu pela de Christo só pelejas ?
 Não tem cidades mil, terra infinita,
 Se terras, e riqueza mais desejas ?
 Não he elle por armas esforçado,
 Se queres por victorias ser louvado ?

CI.

Deixas criar ás portas o inimigo
 Por ires buscar outro de tão longe,
 Por quem se despovo o reino antigo,
 Se enfraqueça, e se vá deitando a longe !
 Buscas o incerto, e incognito perigo,
 Porque a fama te exalte, e te lisonge,
 Chamando-te senhor, com larga copia,
 Da ludia, Persia, Arabia, e da Ethiopia !

CII.

Oh maldito o primeiro que no mundo
 Nas ondas velas poz em secco lenho !
 Digno da eterna pena do profundo
 Se he justa a justa lei que sigo e tenho.
 Nunca juizo algum alto e profundo
 Nem cithara sonora, ou vivo engenho,
 Te dê por isso fama, nem memoria ;
 Mas contigo se acabe o nome, e a gloria !

CIII.

Trouxe o filho de Japeto do ceo
 O fogo, que ajuntou ao peito humano ;
 Fogo, que o mundo em armas accendeo,
 Em mortes, em deshonras : grande engano !
 Quanto melhor nos fora, Prometheo,
 E quanto para o mundo menos dano,
 Que a tua estatua illustre não tivera
 Fogo de altos desejos, que a movera !

CIV.

Não commettera o moço miserando
 O carro alto do pai, nem o ar vazio
 O grande architector, co'o filho, dando
 Hum, nome ao mar, e o outro, fama ao rio ;
 Nenhum commettimento alto, e nefando,
 Por fogo, ferro, agua, calma, e frio,
 Deixa intentado a humana geração.
 Misera sorte ! Estranha cundição !

OS LUSIADAS

CANTO QUINTO.


ARGUMENTO

DO CANTO QUINTO.


Prosegue Vasco da Gama na relação da sua viagem, e descreve ao Rei de Melinde a saída de Lisboa; as diversas terras que tocarão, e gentes que virão até ao Cabo de Boa Esperança: caso de Fernão Velloso: fabula do Gigante Adamastor: continuação da viagem até Melinde, em que dá fim a prática, estabelecida a paz, e huma verdadeira amizade entre o Gama, e aquelle Rei.

OUTRO ARGUMENTO.

Relata o Gama illustre ao Rei potente
Sua viagem longa, e incerta via,
As estranhas nações de Africa ardente,
E de Fernão Velloso a ousadia:
Como a Adamastor vio, Gigante ingente,
Que hum dos filhos da terra se dizia,
E as cousas que passou até seu porto,
Onde repouso achou, e são conforto.



OS LUSIADAS.



CANTO QUINTO.

I.

Estas sentenças taes o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As azas ao sereno e socegado
Vento, e do porto amado nos partimos :
E como he já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o ceo ferimos,
Dizendo : Boa viagem : logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

II.

Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemæo truculento ;
E o mundo, que co' o tempo se consume,
Na sexta idade andava enfermo, e lento :
Nella vê, como tinha por costume,
Cursos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

III.

Já a vista pouco e pouco se desterra
 Daquelles patrios montes que ficavam ;
 Ficava o charo Tejo, e a fresca serra
 De Cintra, e nella os olhos se alongavam.
 Ficava-nos tambem na amada terra
 O coração, que as magoas lá deixavam ;
 E já depois que toda se escondeo,
 Não vimos mais em fim que mar, e ceo.

IV.

Assi fomos abrindo aquelles mares
 Que geração alguma não abrio,
 As novas ilhas vendo, e os novos ares,
 Que o generoso Henrique descobrio :
 De Mauritania os montes, e lugares,
 Terra que Antheo n'hum tempo possuo ;
 Deixando á mão esquerda, que á direita
 Não ha certeza d'outra, mas suspeita.

V.

Passámos a grande ilha da Madeira,
 Que do muito arvoredo assi se chama ;
 Das que nós povoámos a primeira,
 Mais celebre por nome, que por fama :
 Mas nem por ser do mundo a derradeira
 Se lhe avantajam quantas Venus ama ;
 Antes sendo esta sua, se esquecerá
 De Cypro, Gnido, Paphos, e Cythera.

VI.

Deixámos de Massyllia a esteril coa,
 Onde seu gado os Azenegues pastam;
 Gente que as frescas aguas nunca gosta,
 Nem as hervas do campo bem lhe abastam;
 A terra a nenhum fructo om fim disposta,
 Onde as aves no ventre o ferro gastam,
 Padecendo de tudo extrema inopia,
 Que aparta a' Barbaria' de Ethiopia.

VII.

Passámos o limite aonde chega
 O Sol, que para' o Noite os carros guia;
 Onde jazem os povos, a quem nega
 O filho de Clymene a cor do dia.
 Aqui gentes estranhas lava, e rega
 Do negro Sanagá a corrente fria,
 Onde o cabo Arsiario o nome perde,
 Chamando-se dos nossos Cabo-Verde.

VIII.

Passadas tendo já as Canarias ilhas,
 Que tiveram por nome Fortunadas,
 Entrámos navegando pelas filhas
 Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas;
 Terras por onde novas maravilhas
 Andaram vendô já nossas armadas;
 Alli tomámos porto com bom vento,
 Por tomarmos da terra mantimento.

IX.

Aquella ilha aportámos, que tomou
 O nome do guerreiro Sanct-Iago ;
 Sancto, que os Hespanhoes tanto ajudou
 A fazerem nos Moaros bravo estrago.
 Daqui, tanto que Boreas nos ventou,
 Tornámos a cortar o immenso lago
 Do salgado Oceano. e assi deixámos
 A terra, ondê o refresco doce achámos,

X.

Por aqui rodeando a larga parte
 De Africa, que ficava ao Oriente,
 A Provincia Jalofo, que reparte
 Por diversas nações a negra gente ;
 A mui grande Mandinga, por cuja arte
 Lógrámos o metal rico e luzente,
 Que do curvo Gambia as agtuas bebe,
 As quaes o largo Atlantico recebe :

XI.

As Dórcadas passámos, povoadas
 Das irmãs, que outro tempo alli viviam ;
 Que de vista total sendo privadas,
 Todas tres d'hum só olho se serviam.
 Tu só, tu cujas tranças encrespadas
 Neplund lá nas agtuas ardeiam,
 Tornada já de todas a mais fea,
 De viboras encheste a ardente area.

XII.

Sempre em fim para o Austro a aguda proa,
 No grandissimo golfam nos mettemos,
 Deixando a serra asperrima Leoa,
 Co'o cabo, a quem das Palmas nome demos:
 O grande rio, onde batendo soa.
 O mar nas praias notas, que alli temos,
 Ficou, co'a ilha illustre que tomou
 O nome d'hum, que o lado a Deos tocou.

XIII.

Alli o mui grande reino está de Congo,
 Por nós já convertido á fé de Christo,
 Por onde o Zaire passa claro e longo,
 Rio pelos antigos nunca visto.
 Por este largo mar em fim me alongo
 Do conhecido polo de Callisto,
 Tendo o termino ardente já passado,
 Onde o meio do mundo he limitado.

XIV.

Já descoberto tinhamos diante
 Lá no novo hémispherio nova estrella;
 Não vista de outra gente, que ignorante
 Alguns tempos esteve incerta della:
 Vimos a parte menos rutilante,
 E por falta d'estrellas menos bella,
 Do polo fixo, onde inda se não sabe
 Que outra terra comece, ou mar acabe.

XV.

Assi passando aquellas regiões;
 Por onde duas vezes passa Apollo;
 Dous invernos fazendo, e dous verões,
 Em quanto cõrre d'hum ao outro polo;
 Por calmas, por tormentas, e oppressões,
 Que sempre faz no mar o irado Eolo,
 Vimos as Ursas, a pèzar de Juno,
 Banharem-se nas aguas de Neptuno.

XVI.

Contar-te longamente as perigosas-
 Cousas do mar, que os homens não entendem;
 Subitas trovoadas, temerosas,
 Relampagos, que o ar em fogo accendem;
 Negros chuveiros, noites tenebrosas,
 Bramidos de trovões, que o mundo fendem,
 Não menos he trabalho, que grande erro,
 Ainda que tivesse a voz de ferro.

XVII:

Os casos vi, que os rudos marinheiros;
 Que tem por mestra a longa experiencia,
 Contam por certos sempre, e verdadeiros,
 Julgando as cousas só pela apparencia:
 E que os que tem juizos mais inteiros,
 Que só por puro engenho, e por sciencia
 Vêm do mundo os segredos escondidos,
 Julgam por falsos, ou mal entendidos.

XVIII.

Vi claramente visto o lume, viro, a
 Que a maritimã gente tem por santo,
 Em tempo de tormenta, e vento esquivo;
 De tempestade e cura, e triste pranto.
 Não menos foi a todos excessivo
 Milagre, e cousa certo de alto espanto,
 Ver as nuvens do mar, com largo cano,
 Sorver as altas aguas do Oceano.

XIX.

Eu o vi certamente (e não presumo
 Que a vista me enganara) levantar-se
 No ar hum vaporzinbo, e subtil fumo;
 E do vento trazido, rodear-se:
 De aqui levado hum cano ao polo summo
 Se via, tão delgado, que enxergar-se
 Dos olhos facilmente não podia;
 Da materia das nuvens parecia.

XX.

Hia-se pouco e pouco accrescentando,
 E mais que hum largo mastro se engrossava;
 Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
 Os golpes grandes de agua em si chupava:
 Estava-se cõ as ondas ondeando;
 Em cima delle hũa nuvem se espessava,
 Fazendo-se maior, mais cartegada
 Co'o cargo grande d'agua em si tomada;

XXI.

Qual roxa sanguisuga se veria
 Nos beiços da alimaria (que imprudente;
 Bebendo a recolheço na fonte fria)
 Fartar co' o sangue alheio a sede ardente:
 Chupando mais e mais se engrossa, e cria;
 Alli se enche, e se alarga grandemente;
 Tal a grande columna, enchendo augmenta
 A si, e a nuvem negra que sustenta.

XXII.

Mas depois que de todo se fartou,
 O pé que tem no mar a si recolhe,
 E pelo ceo chovendo em fim voou,
 Porque co'a a agua a jacente agua molhe;
 A's ondas torna as ondas que tomou;
 Mas o sabor do sal lhe tira, e tolhe.
 Vejam agora os sabios na escriptura,
 Que segredos são estes de natura.

XXIII.

Se os antigos philosophos, que andaram
 Tantas terras por ver segredos dellas,
 As maravilhas que eu passei, passaram,
 A tão diversos ventos dando as velas;
 Que grandes escripturas que deixaram!
 Que influença de signos, e de estrellas!
 Que estranhezas, que grandes qualidades!
 É tudo sem mentir, puras verdades.

XXIV.

Mas já o planeta, que no ceo primeiro
 Habita, cinco vezes apressada,
 Agora meio rosto, agora inteiro
 Mostrara, em quanto o mar cortava a armada ;
 Quando da etherea gavela hum marinheiro,
 Prompto co'a vista, Terra, Terra, brada :
 Salta no bordo alvoroçada a gente,
 Co'os olhos no horizonte do Oriente.

XXV.

Á maneira de nuvens se começam
 A descobrir os montes que enxergamos ;
 As ancoras pezadas se adereçam,
 As velas já chegadas amainamos :
 E para que mais certas se conheçam
 As partes tão remotas onde estamos,
 Pelo novo instrumento do Astrolabio ;
 Invenção de subtil juizo, e sabio :

XXVI.

Desembarcámos logo na espaçosa
 Parte, por onde a gente se espalhou ;
 De ver cousas estranhas desejava,
 Da terra que outro povo não pizou :
 Porém eu co'os pilotos, na arenosa
 Praia, por vermos em que parte estou ;
 Me detenho em tomar do sol a altura,
 E compassar a universal pintura.

XXVII.

Achámos ter de todo já passado
 Do Semicapro peixe a grande meta,
 Estando entre elle, e o circulo gelado
 Austral, parte do mundo mais secreta.
 Eis de meus companheiros rodeado,
 Vejo hum estranho vir de pelle preta,
 Que tomaram por força, em quanto apanha.
 De mel os doces favos na montanha.

XXVIII.

Torvado vem na vista, como aquelle
 Que não se vira nunca em tal extremo ;
 Nem elle entende a nós, nem nós a elle,
 Selvagem mais que o bruto Polyphemo :
 Começo-lhe a mostrar da rica pelle
 De Colchos o gentil metal supremo,
 A prata fina, a quente especiaría ;
 A nada disto o bruto se movia.

XXIX.

Mando mostrar-lhe peças mais somenos ;
 Contas de crystallino transparente,
 Alguns soantes cascaveis pequenos,
 Hum barrete vermelho, cor contente.
 Vi logo por signaes e por acenos,
 Que com isto se alegra grandemente :
 Mando-o soltar com tudo ; e assi caminha.
 Para a povoação, que perto tinha.

XXX.

Mas logo ao outro dia seus parceiros,
Todos nus, e da cor da escura treva,
Descendo pelos asperos outeiros,
As peças vem buscar que est'outro leva :
Domesticos já tanto, e companheiros
Se nos mostram, que fazem que se atreva
Fernão Velloso a ir ver da terra o trato,
E partir-se com elles pelo mato,

XXXI.

He Velloso no braço confiado,
E de arrogante cré que vai seguro ;
Mas, sendo hum grande espaço já passado ;
Em que algum bom signal saber procuro,
Estando, a vista alçada, co'o cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Apparece, e segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fora vinha,

XXXII.

O batel de Coelho foi depressa
Pelo tomar, mas antes que chegasse ;
Hum Ethiope onsado se arremessa
A elle, porque não se lhe escapasse :
Outro e outro lhe sabem ; vê-se em pressa
Velloso, sem que alguém lhe alli ajudasse ;
Acudo eu logo, e em quanto o remo aperto,
Se mostra hum bando negro descoberto.

XXXIII.

Da espessa nuvem settas, e pedradas
 Chovem sobre nós outros sem medida :
 E não foram ao vento em vão deitadas,
 Que esta perna trouxe eu dalli ferida :
 Mas nós como pessoas magoadas,
 A resposta lhe demos tão tecida,
 Que em mais que nos barreles se suspeita
 Que a cor vermelha levam desta feita.

XXXIV.

E sendo já Velloso em salvamento,
 Logo nos recolhemos para a armada,
 Vendô a malícia fea, e rude intento
 Da gente bestial, bruta, e malvada,
 De quem nenhum melhor conhecimento
 Pudemos ter da India desejada,
 Que estarmos inda muito longe della ;
 E assi tornei a dar ao vento a vela.

XXXV.

Disse então a Velloso hum companheiro,
 (Começando-se todos a sorrir)
 Ou lá, Velloso amigo, aquelle outeiro
 He melhor de descer, que de subir.
 Si he, responde o ousado aventureiro,
 Mas quando eu para cá vi tantos vir
 Daquelles cães, depressa hum pouco vim,
 Por me lembrar que estaveis cá sem mim.

XXXVI.

Contou então que tanto que passaram
 Aquelle monte, os negros de quem fallo,
 Avante mais passar o não deixaram,
 Querendo, se não torna, alli mata-lo :
 E tornando-se, logo se emboscaram,
 Porque sabindo nós para toma-lo,
 Nos pudessem mandar ao reino escuro;
 Por nos roubarem mais a seu seguro.

XXXVII.

Porém já cinco soes eram passados
 Que dalli nos partiramos, cortando
 Os mares nunca d'outrém navegados,
 Prosperamente os ventos assoprando :
 Quando huma noite estando descuidados;
 Na cortadoura proa vigiando,
 Huma nuvem, que os ares escurece,
 Sobre nossas cabeças apparece.

XXXVIII.

Tão temerosa vinha, e carregada,
 Que poz nos corações hum grande medo :
 Bramindo o negro mar, de longe brada,
 Como se dêsse em vão n'algum rochedo,
 Ó Potestade, disse, sublimada !
 Que ameaço divino ou que segredo
 Este clima, e este mar nos apresenta,
 Que mór cousa parece que tormenta ?

XXXIX.

Não acabava, quando huma figura
 Se nos mostra no ar, robusta e válida;
 De disforme e grandissima estatura,
 O rosto carregado, a barba esqualida,
 Os olhos encovados, e a postura
 Medonha e má, e a cor terrena e pallida;
 Cheios de terra, e crespos os cabellos,
 A boca negra, os dentes amarellos.

XL.

Tão grande era de membros, que bem posso
 Certificar-te, que este era o segundo
 De Rhodes estranbissimo colosso,
 Que hum dos sete milagres foi do mundo:
 C'hum tom de voz nos falla horrendo e grosso,
 Que pareceo sahír do mar profundo:
 Arrepiam-se as carnes e o cabello
 A mí, e a todos, só de ouvi-lo e ve-lo.

XLI.

E disse: Ó gente ousada mais que quantas
 No mundo commetteram grandes cousas;
 Tu que por guerras cruas, taes e tantas,
 E por trabalhos vãos nunca repousas:
 Pois os vedados terminos quebrantas,
 E navegar meas longos mares ousas,
 Que eu tanto tempo ha que guardo, e tenho,
 Nunca arados d'estranho, ou proprio lenho:

XLII.

Pois vens ver os segredos escondidos
 Da natureza, e do humido elemento,
 A nenhum grande humano concedidos
 De nobre ou de immortal merecimento:
 Ouve os danos de mi, que apercebidos
 Estão a teu sobejo atrevimento
 Por todo o largo mar, e pela terra,
 Que inda has de subjugar com dura guerra.

XLIII.

Sabe que quantas naos esta viagem
 Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
 Inimiga terão esta paragem,
 Com ventos, e tormentas desmedidas:
 E da primeira armada, que passagem
 Fizer por estas ondas insoltridas,
 Eu larei d'improviso tal castigo,
 Que seja mór o damno, que o perigo.

XLIV.

Aquí espero tomar, se não me engano,
 De quem me descobrio summa vingança;
 E não se achará só nisto o dano
 De vossa pertinace confiança:
 Antes em vossas naos vereis cada anno
 (Se he verdade o que meu juizo alcança)
 Naufragios, perdições de toda sorte,
 Que o menor mal de todos seja a morte.

XLV.

E do primeiro illustre, que a ventura
 Com fama alta fizer tocar os ceos,
 Serei eterna, e nova sepultura,
 Por joizos incognitos de Deos :
 Aqui porá do Turca armada dura
 Os soberbos e prosperos tropheos ;
 Comigo de seus damnos o ameaça
 A destruida Quiloa com Mombaça.

XLVI.

Outro também virá de honrada fama,
 Liberal, cavalleiro, enamorado,
 E comsigo trará a formosa dama,
 Que Amor por grão mercê lhe terá dado :
 Triste ventura, e negro fado os chama
 Neste terreno meu, que duro e irado
 Os deixará d'hum cru naufrágio vivos,
 Para verem trabalhos excessivos.

XLVII.

Verão morrer com fome os filhos charos,
 Em tanto amor gerados e nascidos ;
 Veão os Cafres asperos e avaros
 Tirar á linda dama seus vestidos :
 Os crystallinos membros, e preclaros
 A' calma, ao frio, ao ar verão despídos,
 Depois de ter pizada longamente
 Co'os delicados pés a arêa ardente.

XLVIII.

E verão mais os olhos que escaparem
 De tanto mal, de tanta desventura,
 Os dous amantes miseros ficarem
 Na servida e implacabil espessura.
 Alli, depois que as pedras abrandarem
 Com lagrimas de dor, de magoa pura,
 Abraçados as almas soltação
 Da formosa e miserrima prisão.

XLIX.

Mais hia por diante o monstro horrendo
 Dizendo nossos lados, quando alçado
 Lhe disse eu : Quem es tu ? que esse estupendo
 Corpo certo me tem maravilhado.
 A boca, e os olhos negros retorcendo,
 E dando hum espantoso e grande brado,
 Me responde com voz pezada e amara,
 Como quem d'õs pergunta lhe quizera :

L.

Eu sou aquelle occulto, e grande Cabo,
 A quem chamais vós outros Tormentorio ;
 Que nunca a Ptolemeo, Pomponio, Estrabo,
 Plinio, e quantos passaram, fui notorio :
 Aqui toda a Africana costa acaba
 Nesté meu nunca visto promontorio,
 Que para o polo Antartico se estende,
 A quem vossa ousadia tanto offende.

LI.

Fui dos filhos asperrimos da terra,
 Qual Encélado, Egeu, e o Centimano ;
 Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
 Contra o que vibra os raios de Vulcano :
 Não que puzesse serra sobre serra,
 Mas conquistando as ondas do Oceano,
 Fui capitão do mar, por onde andava
 A armada de Neptuno, que eu buscava ;

LII.

Amores da alta esposa de Peleo
 Me fizeram tomar tamanha empreza ;
 Todas as deusas desprezei do ceo,
 Só por amar das aguas a princeza :
 Hum dia a vi, co'as filhas de Nereo,
 Sahin' nua na praia ; e logo preza
 A vohdade senti de tal maneira,
 Que ainda não sinto cousa que mais queira :

LIII.

Como fosse impossibil alcança-la
 Pela grandeza fea de meu gesto,
 Determinei por armas de toma-la,
 E a Doris este caso manifesto :
 De medo a deusa então por mi' lhe falla ;
 Mas ella c'hum formoso riso honesto
 Respondeo : qual será o amor bastante
 De nympha que sustente o d'hum gigante ?

LIV.

Com tudo, por livrarmos o Oceano.
 De tanta guerra, eu buscarei maneira,
 Com que com minha honra escuse o dano;
 Tal resposta me torna a mensageira.
 Eu que cabir não pude neste engano,
 (Que he grande dos amantes a cegueira).
 Enchoram-me com grandes abundanças.
 O peito de desejos, e esperanças.

LV.

Já nescio, já da guerra desistindo,
 Huma noite de Doris promettida
 Me apparece de longe o gesto lindo.
 Da branca Thetis unica despida:
 Como doudo corri de longe, abrindo.
 Os braços, para aquella que era vida
 Deste corpo, e começo os olhos bellos
 A lhe beijar, as faces, e os cabellos.

LVI.

Oh que não sei de nojo como o conte!
 Que crendo ter nos braços quem amava,
 Abraçado-me achei c'hum duro monte
 De aspera mato, e de espessura brava:
 Estando c'hum penedo fronte a fronte,
 Que eu pelo rosto angelico apertava,
 Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,
 E junto d'hum penedo outro penedo.

LVII.

Ó nympha a mais formosa do Oceano,
 Já que minha presença não te agrada,
 Que te custava ter-me neste engano,
 Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?
 Daqui me parto irado, e quasi insano
 Da magoa, e da deshonra alli passada,
 A buscar outro mundo, onde não visse
 Quem de meu pranto e de meu mal se risse;

LVIII.

Eram já neste tempo meus irmãos
 Vencidos, e em miséria extrema postos;
 E, por mais segurar-se os deuses vão,
 Alguns a varios montes sotopostos;
 E contra o ceo não valem mãos;
 Eu que chorando andava meus desgostos;
 Comecei a sentir do fado imigo,
 Por meus atrevimentos o castigo.

LIX.

Converte-se-me a carne em terra dura;
 Em penedos os ossos se fizeram;
 Estes membros que vês e esta figura
 Por estas longas aguas se estenderam:
 Em fim, minha grandissima estatura
 Neste remoto cabo converteram
 Os deuses; e por mais dobradas magoas,
 Me anda Thetis cercando destas aguas.

LX.

Assi contava, e c'hum medonho choro
Subito d'ante os olhos se apartou ;
Desfez-se a nuvem negra, e c'hum sonoro
Bramido muito longe o mar soou.
Eu, levantando as mãos ao sancto coro
Dos anjos, que tão longe nos guiou,
A Deus pedi que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

LXI.

Já Phlegon, e Pyrois vinham tirando
Co'os outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando,
Em que foi convertido o grão gigante.
Ao longo desta costa, começando
Já de cortar as ondas do Levante,
Por ella abaixo hum pouco navegámos,
Onde segunda vez terra tomámos.

LXII.

A gente que esta terra possuia,
Postoque todos Ethiopes eram,
Mais humana no trato parecia,
Que os outros, que tão mal nos receberam:
Com bailes, e com festas de alegria
Pela praia arenosa a nós vieram,
As mulheres comsigo, e o manso gado,
Que apascentavam, gordo e bem criado.

LXIII.

As mulheres queimadas vem em cima
 Dos vagarosos bois, alli sentadas,
 Animaes que elles tem em mais estima,
 Que todo o outro gado das manadas :
 Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,
 Na sua lingua cantam, concertadas
 Co'o doce som das rusticas azenas,
 Imitando de Tityro as Caucenas.

LXIV.

Estes como na vida prazenteiros.
 Fossem, humanamente nos trataram,
 Trazendo-nos gallinhas, e carneiros,
 A troco d'outras peças que levaram :
 Mas como nunca em fim meus companheiros.
 Palavra sua alguma lhe alcançaram,
 Que desse algum signal do que buscamos,
 As velas dando, as ancoras levamos.

LXV.

Já aqui tínhamos dado hum grão rodeio.
 A' costa negra de Africa, e tornava
 A proa a demandar o ardente meio
 Do ceo, e o polo Antártico ficava :
 Aquelle ilheo deixámos, onde veio
 Outra armada primeira, que buscava
 O Tormentorio cabo, e descoberto,
 Naquelle ilheo fez seu limite certo.

LXVI.

Daqui fomos cortando muitos dias,
 Entre tormentas tristes e boianças,
 No largo mar fazenilo novas vias,
 Só conduzidos de arduas esperanças;
 Co'o mar hum tempo andámos em porfias,
 Que como tudo nelle são mudanças,
 Corrente nelle achámos tão possante,
 Que passar não deixava pôr diante.

LXVII.

Era maior a força em demasia,
 Segundo para traz nos obrigava,
 Do mar, que contra nós alli corria,
 Que por nós a do vento que assoprava:
 Injuriado Noto da porfia
 Em que co'o mar, parece; tanto estava;
 Os assópros esfyrga iradamente,
 Com que nos fez vencer a grão corrente.

LXVIII.

Trazia o Sol o dia celebrado,
 Em que tres Reis das partes do Oriente
 Foram buçgar hum Rei de pouco nado,
 No qual Rei outros tres ha juntamente:
 Neste dia outro porto foi tomado
 Por nós da mesma já contada gente,
 E hum largo rio, ao qual o nome demos
 Do dia em que por elle nos mettemos.

LXIX.

Desta gente refresco algum tomámos;
 E do rio fresca agua ; mas com tudo
 Nenhum signal aqui da India achámos
 No povo, com nós outros quasi mudo.
 Ora vé, Rei, quamanha terra andámos,
 Sem sahir nunca deste povo rudo,
 Sem vermos nunca nova, nem signal,
 Da desejada parte Oriental.

LXX.

Ora imagina agora quão coitados
 Andariamos todos, quão perdidos,
 De fomes, de tormentas quebrantados;
 Por climas, e por mares não sabidos:
 E do esperar comprido tão cansados,
 Quanto a desesperar já compellidos,
 Por ceos não naturaes, de queidade
 Inimiga de nossa humanidade.

LXXI.

Corrupto já e damnado o mantimento;
 Damnosos e maos ao fraco corpo humano;
 E alem disso nenhum contentamento,
 Que se quer da esperanza fosse engano:
 Crês tu que se este nosso ajuntamento
 De soldados não fora Lusitano,
 Que durara elle tanto obediente
 Por ventura a seu Rei, e a seu regente?

LXXII.

Crês tu què já não foram levantados
 Contra seu capitão, se os resistira,
 Fazendo-se piratas, obrigados
 De desesperação, de fome, de ira ?
 Grandemente por certo estão provados,
 Pois que nenhum trabalho grande os tira
 Daquella Portugueza alta excellencia
 De lealdade firme, e obediencia.

LXXIII.

Deixando o porto em fim do doce rio,
 E tornando a cortar a agua salgada,
 Fizemos desta costa algum desvio,
 Deitando para o pego toda a armada ;
 Porque ventando Noto manso e frio,
 Não nos apanhasse a agua da enseada ;
 Que a costa faz alli daquella banda,
 Donde a rica Sofala o ouro manda.

LXXIV.

Esta passada, logo o leve leme
 Encomendado ao sacro Nicolao ;
 Para onde o mar na costa brada e geme,
 A proa inclina d'huma, e d'outra nao :
 Quando indo o coração que espera e teme,
 É que tanto fiou d'hum fraco pao,
 Do que esperava já desesperado,
 Foi d'huma novidade alvoroçado.

LXXV.

E foi, que estando já da costa perto,
 Onde as praias, e valles bem se viam,
 N'hum rio, que alli sahe ao mar aberto,
 Bateis á vela entravam, e sahiam.
 Alegria mui grande foi por certo
 Acharmos já pessoas que sabiam
 Navegar; porque entr'ellas esperámos
 De achar novas algumas, como achámos.

LXXVI.

Ethiopes são todos, mas parece
 Que com gente melhor communicavam;
 Palavra alguma Arabia se conhece
 Entre a linguagem sua que fallavam;
 E com panno delgado, que se tece
 De algodão, as cabeças aperçavam;
 Com outro, que de tinta azul se tinge;
 Cada hum as vergonhosas partes cinge,

LXXVII.

Pela Arabica lingua que mal fallam,
 E que Fernão Martins mui bem entende;
 Dizem, que por naos que em grandeza igualam
 As nossas, o sey mar se corta e fende:
 Mas que lá d'onde sahe o Sol, se abalam
 Para onde a costa ao Sul se alarga e estende,
 É do Sul para o Sol; terra onde havia
 Gente assi como nós da cor do dia.

LXXVIII.

Mui grandemente áqui nos alegrámos
 Co'a gente, e com as novas muito mais :
 Pelos signaes que neste rió achámos,
 O nome lhe ficou dos Bons-Signais :
 Hum padrão nesta terra alevantámos ;
 Que para assinalar lugares tais
 Trazia alguns ; o nome tem do bello
 Guiador de Tobias a Gabelo.

LXXIX.

Aqui de limos, cascas, e d'ostrinhos ;
 Nojosa criação das aguas fundas,
 Alimpámos as naós, que dos caminhos
 Longos do mar vem sordidas e immundas,
 Dos hospedes que tinhamos visinhos,
 Com mostras apraziveis e jucundas,
 Houvemos sempre o usado mantimento,
 Limpos de todo o falso pensamento.

LXXX.

Mas não foi da esperança grande e immensa,
 Que nestá terra houvemos, limpa e pura
 A alegria ; mas logo a recompensa
 A Rhamnusia com nova desventura.
 Assi no Ceo seréno se dispensa ;
 Com esta condição pezalla e dura
 Nascemos ; o pezar terá firmeza,
 Mas o bem logo mudá a natureza.

LXXXI.

E foi que de doença crua e feia,
 A mais que eu nunca vi, desampararam
 Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
 Os ossos para sempre sepultaram.
 Quem haverá que sem o ver o creia?
 Que tão disformemente alli lhe incharam
 As gengivas na boca, que crescia
 A carne, e juntamente apodrecia :

LXXXII.

Apodrecia c'hum feido e bruto
 Cheiro, que o ar visinho inficionava:
 Não tínhamos alli medico astuto,
 Cirurgião subtil menos se achava :
 Mas qualquer neste officio pouco instructo
 Pela carne já podre assi cortava,
 Como se fora morta ; e bem convinha,
 Pois que morto ficava quem a tinha.

LXXXIII.

Em fim que nesta incognita espessura
 Deixámos para sempre os companheiros,
 Que em tal caminhar, e em tanta desventura
 Foram sempre connosco aventureiros.
 Quão facil he ao corpo a sepultura !
 Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
 Estranhos, assi mesmo como aos nossos,
 Receberão de todo o illustre os ossos.

LXXXIV.

Assi que deste porto nos partimos
Com maior esperança, e mór tristeza,
E pela costa abaixo o mar abrimos,
Buscando algum signal de mais firmeza :
Na dura Moçambique, em fim, surgimos;
De cuja falsidade, e má vileza,
Já serás sabedor, e dos enganos
Dos povos de Mombaça pouco humanos.

LXXXV.

Até que aqui no teu seguro porto,
Cuja brandura, e doce tratamento
Dará saude a hum vivo, a vida a hum morto;
Nos trouxe a piedade do alto assento :
Aqui repouso, aqui doce conforto,
Nova quietação do pensamento
Nos deste : e ves-aqui, se attento ouviste;
Te contei tudo^o quanto me pediste.

LXXXVI.

Julgas agora, Rei, se houve nō mundo
Gentes, que taes caminhos commettessem ?
Crês tu que tanto Eneas, e o sacundo
Ulysses pelo mundo se estendessem ?
Ousou algum a ver do mar profundo,
Por mais versos que delle se escrevessem,
Do que eu vi, a poder d'esforço e de arte,
E do que inda hei de ver, a oitava parte ?

LXXXVII.

Esse que bebeo tanto da agua Aonia,
 Sobre quem tem contenda peregrina,
 Entre si, Rhodes, Smyrna, e Colophonia,
 Athenas, Ios, Argo, e Salamina:
 Ess'outro que esclarece toda a Ausonia,
 A cuja voz altisona e divina,
 Ouvindo, o patrio Mincio se adormece,
 Mas o Tybre co'o som se ensoberbece:

LXXXVIII.

Cantem, louvem, e escrevam sempre extremo
 Desses seus semideoses, e encareçam,
 Fingindo magas, Circes, Polyphemos,
 Sirenes, que co'o canto os adormeçam:
 Dem-lhe mais navegar á vela e remas
 Os Cicones, e a terra onde se esqueçam
 Os companheiros, em gostando o loto;
 Dem-lhe perder nas aguas o piloto:

LXXXIX.

Ventos soltos lhe finjam e imaginem
 Dos odes, e Calypsos namoradas,
 Harpyas, que o manjar lhe contaminem,
 Descer ás sombras nuas já passadas:
 Que por muito, e por muito que se affinem
 Nestas fabulas vãs, tão bem sonhadas,
 A verdade que eu conto nua e pura
 Vence toda grandiloqua escriptura.

XC.

Da boca do facundo Capitão
 Pendendo estavam todos embebidos,
 Quando deo fim á longa narração
 Dos altos feitos grandes, e subidos.
 Louva o Rei o sublime coração
 Dos Reis em tantas guerras conhecidos:
 Da gente louva a antigua fortaleza,
 A lealdade d'animo, e nobreza.

XCI.

Vai recontando o povo, que se admira,
 O caso cada qual que mais notou:
 Nenhum delles da gente os olhos tira,
 Que tão longos caminhos rodeou.
 Mas já o mancebo Delio as redeas vira,
 Que o irmão de Lampécia mal guiou,
 Por vir a descambar nos Thetios braços,
 E o Rei se vai do mar aos nobres paços.

XCII.

Quão doce he o louvor, e a justa gloria
 Dos proprios feitos, quando são soados!
 Qualquer nobre trabalha, que em memoria
 Vença, ou iguale os grandes já passados:
 As invejas da illustre e alheia historia
 Fazem mil vezes feitos sublimados:
 Quem valerosas obras exercita,
 Louvor alçea muito o esperta, e incita.

XCIII.

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
 De Achilles Alexandro na peleja,
 Quanto, de quem o canta; os numerosos
 Versos : isso só louva, isso deseja.
 Os trophens de Milciades famosos
 Themistocles despertam só de inveja ;
 E diz, que nada tanto o delectava,
 Como a voz que seus feitos celebrava.

XCIV.

Trabalha por mostrar Vasco da Gama
 Que essas navegações, que o mundo canta,
 Não merecem tamanha gloria, e fama,
 Como a sua, que o ceo e a terra espanta.
 Si ; mas aquelle Heroe, que estima, e ama
 Com dons, mercês, favores, e honra tanta
 A lyra Mantuana, faz que soe
 Eneas, e a Romana gloria voe.†

XCV.

Dá a terra Lusitana Scipiões,
 Cesares, Alexandros, e dá Augustos ;
 Mas não lhe dá com tudo aquelles dões,
 Cujas falta os faz duros, e robustos :
 Octavio, entre as maiores oppressões,
 Compunha versos doutos, e venustos.
 Não dirá Fulvia certo que he mentira,
 Quando a deixava Antonio por Glaphyra.

XCVI.

Vai Cesar subjugando toda França,
 E as armas não lhe impedem a sciencia ;
 Mas n'humã mão a penna, e n'outra a lança,
 Igualava de Cicero a eloquencia :
 O que de Scipião se sabe, e alcança,
 He nas comedias grande experiencia :
 Liã Alexandro a Homero de maneira,
 Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

XCVII.

Em fim não houve forte capitão,
 Que não fosse tambem douto, e sciente,
 Da Lacia, Grega, ou barbara nação,
 Senão da portugueza tamsoamente.
 Sem vergonha não digo, que a razão
 D'algum não ser por versos excellente,
 He não se ver prezado o verso, e rima,
 Porque quem não sabe a arte, não na estima.

XCVIII.

Por isso, e não por falta de natua,
 Não ha tambem Virgilios, nem Homeros ;
 Nem haverá, se este costume dura,
 L'ios Eneas, nem Achilles feros.
 Mas o peor de tudo he, que a ventura
 Tão asperos os fez, e tão austeros,
 Tão rudos, e de engenho tão remisso,
 Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso.

XCIX.

Às musas agradeça o nosso Gama
 O muito amor da patria, que as obriga.
 A dar aos seus na lyra nome, e fama
 De toda a illustre e bellica fadiga :
 Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
 Calliope não tem por tão amiga,
 Nem as filhas do thejo, que deixassem
 As telas d'ouro fino, e que o cantassem:

C.

Porque o amor fraterno, e puro gosto
 De dar a todo o Lusitano feito
 Seu louvor, he somente o presuppsto
 Das Tagides gentis, e seu respeito :
 Porém não deixe em fim de ter disposto
 Ninguem a grandes obras sempre o peito ;
 Que por esta, ou por outra qualquer via
 Não perderá seu preço, e sua valia.

OS LUSIADAS.

CANTO SEXTO

ARGUMENTO

DO CANTO SEXTO.

Sahe Vasco da Gama de Melinde , e em quanto nãvega prosperamente, desce Baccho ao mar : descripção do Palacio de Neptuno : convoca o mesmo Baccho os deuses maritimos , e lhes persuade destruição aos navegantes : em quanto isto se passa , refere Velloso, por entreter aos seus companheiros, a historia dos doze de Inglaterra : levanta-se horrosa tormenta : he aplacada por Venus, e pelas Nymphas : com bonança chegam finalmente a Calecut , ultimo , e desejado termo desta navegação.

OUTRO ARGUMENTO.

Parte-se de Melinde o illustre Gama,
Com Pilotos da terra, e mantimento :
Desce Lyeo ao mar, Neptuno chama
Todos os deuses do humido elemento :
Conta Velloso, aos seus dando honra, e fama,
Dos doze de Inglaterra o vencimento :
Soccorre Venus a affligida armada,
E á India chega tanto desejada.



OS LUSIADAS.



CANTO SEXTO.

I.

Não sabia em que modo festejasse
O Rei pagão os fortes navegantes,
Para que as amizades alcançasse
Do Rei Christão, das gentes tão possantes;
Peza-lhe que tão longe o aposentasse
Das Europeas terras abundantes
A ventura, que não o fez visinho
Donde Hercules ao mar abriu o caminho.

II.

Com jogos, danças, e outras alegrias,
A segundo a policia Melindana,
Com usadas e ledas pescarias,
Com que a Lageia Antonio alegra, e engana,
Este famoso Rei, todos os dias,
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com fructas, aves, carnes, e pescados;

III.

Mas vendo o Capitão que se delinha,
 Já mais do que devia, e o fresco vento
 O convida que parta, e tome asinha
 Os pilotos da terra, e mantimento,
 Não se quer mais deter, que ainda tinha
 Muito para cortar do salso argento ;
 Já d'ò Pagão benigno se despede,
 Que a todos amizade longa pede.

IV.

Pede-lhe mais; que aquelle porto seja
 Sempre com suas frotas visitado ;
 Que nenhum outro bem maior desça,
 Que dar a taes barões seu reino e estado :
 É que em quanto seu corpo o espirito reja,
 Estará de continuo aparelhado
 A pôr a vida, e reino totalmente;
 Por tão bom Rei, por tão sublime gente.

V.

Oú frás palavras taes lhe respondia.
 O Capitão, e logo, as velas dando,
 Para as terras da Aurora se partia,
 Que tanto tempo ha já que vai buscando.
 No piloto que leva não havia
 Falsidade, mas antes vai mostrando
 A navegação certa, e assi caminha
 Já mais seguro do que d'antes vinha.

VI!

As ondas nãvegavam do Oriente
 Já nos mares da Índia, e enxergavam
 Os thalamos do Sol, que nasce ardente ;
 Já quasi seus desejos so acabavam,
 Mas o mau de Thyoneo, que na alma septe
 As venturas, que então se aparelhavam
 Á gente Lusitana, dellas dina,
 Arde, morre, blasphema, e desatina,

VII!

Via estar todo o Ceo' determinado
 De fazer de Lisboa nova Roma ;
 Não no pôde estorvar, que destinado
 Está d'outro poder que tudo doma,
 Do Olympo desce em fim, desesperado ;
 Novo remedio em terna busca, e toma ;
 Entra no humido reino, e vai-se á cortê
 Daquelle a quem o mar sahio em sorte,

VIII.

No mais interno fundo das profundas
 Cavernas altas, onde o mar se esconde ;
 Lá donde as ondas sahem furibundas,
 Quando ás iras do vento o mar responde,
 Neptuno mora, e moram as jucundas
 Nereidas, e outros deoses do mar, onde
 As aguas campo deixam ás cidades,
 Que habitam estas brutidas deidades,

IX.

Descobre o fundo nunca descoberto
 As areas alli de prata fina ;
 Torres altas se vêm no campo aberto
 Da transparente massa crystallina :
 Quanto se chegam mais os olhos perto,
 Tanto menos a vista determina
 Se he crystal o que vê, se diamante,
 Que assi se mostra claro e radiante.

X.

As portas d'ouïro fino, e marchetadas
 Do rico aljofar que nas conchas nace,
 De esculptura formosa estão lavradas,
 Na qual do irado Baccho a vista paze :
 E vê primeiro em cores variadas
 Do velho chaos a tão confusa face ;
 Vem-se os quatro elementos trasladados,
 Em diversos officios occupados.

XI.

Alli sublime o Fogo estava em cima ;
 Que em nenhuma materia se sustinha ;
 Daqui as cousas vivas sempre anima,
 Depois que Prometheo furtado o tinha,
 Logo após elle leve se sublima
 O invisibil Ar, que mais asinha
 Tomou lugar, e nem por quente, ou frio,
 Algum deixa no mundo estar vazio.

XII.

Estava a Terra em montes revestida,
 De verdes bervas, e arvores floridas,
 Dando pasto diverso, e dando vida
 As alimarias nella produzidas:
 A clara, forma alli estava esculpida,
 Das Aguas entre a terra desparzidas,
 De pescados criando varios modos,
 Com seu humor mantendo os corpos todos.

XIII.

N'outra parte esculpida estava a guerra
 Que tiveram os deoses co'os gigantes;
 Está Typhéo debaixo da alta serra
 De Ethna, que as flammas lança cropitantes;
 Esculpido se vê ferindo a terra
 Neptuno, quando as gentes ignorantes,
 Delle o cavallo houveram, e a primeira
 De Minerva pacífica, oliveira.

XIV.

Pouca tardança faz Lyeo irado,
 Na vista destas cousas, mas entrando
 Nas paços de Neptuno, que avisado
 Da vinda sua, o estava já aguardando,
 As portas o recebe, acompanhado
 Das nymphas, que se estão maravilhando
 De ver que comtettendo tal caminho,
 Entre no reino d'agua o rei do vinho.

XV.

Ó Neptuno, lhe disse, não te espantes
 De Baccho nos teus reinos receberes,
 Porque também co'os grandes e possantes
 Mostra a fortuna injusta seus poderes :
 Manda chamar os deoses do mar, antes
 Que falle mais, se ouvir-me o mais quizeres ;
 Verão da desventura grandes modos,
 Ouçam todos o mal que toca a todos.

XVI.

Julgando já Neptuno que seria
 Estranho caso aquelle, logo manda
 Tritão, que chame os deoses da agua fria,
 Que o mar habitam d'huma e d'outra banda,
 Tritão, que de ser filho se gloria
 Do Rei, e de Salacia veneranda,
 Era mancebo grande, negro e feio
 Trombeta de seu pai, e seu correio.

XVII.

Os cabellos da barba, e os que decem
 Da cabeça nos hombros, todos eram
 Huns limos preñhes d'agua, e bem pareciam
 Que nunca brando pentem conheceram :
 Nas pontas pendurados não fallecem
 Os negros misilhões, que alli se geram,
 Na cabeça por gorra tinha posta
 Huma muy grande casca de lagosta,

XVIII.

O corpo nu; e os membros genitais,
Por não ter ao nadar impedimento,
Mas porém de pequenos animais
Do mar todos cobertos cento'e cento:
Camarões, e cangrejos, e outros mais
Que recebem de Phebo crescimento ;
Ostras, e breguigões do musco sujos,
As costas com a casca os caramujos.

XIX.

Na mão a grande concha retorcida
Que trazia, com força já tocava ;
A voz grande canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava:
Já toda a companhia apercebida
Dos deoses, para os paços caminhava
Do deos, que fez os muros de Dardania,
Destruídos depois da Grega insania.

XX.

Vinha o padre Oceano acompanhado
Dos filhos, e das filhas que gerara ;
Vem Nereo, que com Doris foi casado ;
Que todo o mar de nymphas povoara :
O propheta Proteo deixando o gado
Maritimo pascer pela agna amara,
Alli veio tambem ; mas já sabia
O que o padre Lyco no mar queria.

XXI.

Vinha por outra parte a linda esposa
 De Neptuno, de Cælo, e Vesta filha,
 Grave, e leda no gesto, e tão formosa,
 Que se amansava o mar de maravilha ;
 Vestida humma camisa preciosa
 Trazia de delgada beatilha,
 Que o corpo crystallino deixa ver-se ;
 Que tanto bem não he para esconder-se :

XXII.

Amphitrite, formosa como as flores,
 Neste caso não quiz que fallecesse ;
 O Delphim traz consigo, que aos amores
 Do Rei lhe aconselhou que obedecesse ;
 Co'os olhos, que de tudo são senhores,
 Qualquer parecerá que o Sol vencesse :
 Ambas vem pela mão ; igual partido ;
 Pois ambas são esposas d'hum marido.

XXIII.

Aquella, que das furias de Athamante
 Fugindo, veio a ter divino estado,
 Consigo traz o filho, bello infante,
 No numero dos deoses relatado :
 Pela praia brincando vem diante
 Com as lindas conchinhas, que o salgado
 Mar sempre eria ; e ás vezes pela areia
 No collo o toma a bella Panopea.

XXIV.

E o deos que foi n'hum tempo corpo humano;
 É por virtude da herba poderosa
 Foi convertido em peixe, e deste dano
 Lhe resultou deidade gloriosa,
 Inda vinha chorando o feo engano
 Que Circe tinha usado co'a formosa
 Scylla, que elle ama, desta sendo amado;
 Que a mais obriga amor mal empregado,

XXV.

Já finalmente todos assentados
 Na grande sala, nova e divinal,
 As deosas em riquissimos estrados,
 Os deoses em cadeiras de crystal;
 Foram todos do Padre agasalhados,
 Que co'o Thebano tinha assento igual;
 De fumos enche a casa a rica massa
 Que no mar nasce, e Arabia em cheiro passa

XXVI.

Estando socegado já o tumulto
 Dos deoses, e de seus recebimentos,
 Começa a descobrir do peito occulto
 A causa o Thyoneo de seus tormentos:
 Hum pouco carregando-se no vulto,
 Dando mostra de grandes sentimentos,
 Só por dar aos de Luso triste morte
 Co'o ferro alheio, falja desta sorte:

XXVII.

Principe, que de juro senhoreas
 D'hum polo ao outro polo o mar itado ;
 Tu, que as gentes da terra toda enfreas,
 Que não passem o termo limitado :
 E tu, padre Oceano, que rodeas
 O mundo universal, e o tens cercado,
 E com justo decreto assi permittes
 Que dentro vivam só de seus limites :

XXVIII.

E vós, deoses do mar, que não soffreis
 Injuria alguma em vosso reino grande,
 Que com castigo igual vos não vingueis
 De quem quer que por elle corra, e ande
 Que descuido foi este em que viveis ?
 Quem pode ser que tanto vos abrande
 Os peitos, com razão endurecidos
 Contra os humanos fracos, e atrevidos ?

XXIX.

Vistes que com grandissima ousadia
 Foram já commetter o ceo supremo ;
 Vistes aquella insana phantasia
 De tentarem o mar com vela, e remo :
 Vistes ; e ainda vemos cada dia
 Soberbas, e insolencias taes, que temo
 Que do mar e do ceo, em poucos annos,
 Venham deoses a ser, e nós humanos,

XXX.

Vede agora a fraca geração
 Que d'hum vassallo meu o nome toma,
 Com soberbo, e altivo coração,
 A vós, e a mi, e o mundo todo doma:
 Vede, o vosso mar cortando vão,
 Matando que fez a gente alta de Roma:
 Vede, o vosso reino devassando,
 Os vossos estatutos vão quebrando.

XXXI.

Eu si, que contra os Minyas, que primeiro
 No vosso reino este caminho abriram,
 Horras injuriado, e o companheiro
 Aquello, e os outros todos resistiram:
 Por se do ajuntamento aventureiro
 Os ventos esta injuria assi sentiram,
 Vede, a quem mais compete esta vingança,
 Que esperais? Porque a pondeis em tardança?

XXXII.

E não consinto, deoses, que cuideis
 Que por amor de vós do ceo desci,
 Sem da magoa da injuria que soffreis,
 Mas de que se me faz tambem a mi:
 Que aquellas grandes honras, que sabeis
 Que no mundo ganhei, quando venci
 As terras Indianas do Oriente,
 Todas vejo abatidas desta gente:

XXXIII.

Que o grão Senhor, e fados que destinam,
 Como lhe bem parece, o baixo mundo;
 Famas móres que nunca determinam
 De dar a estes Barões no mar profundo:
 Aqui verejs, ó deoses, como ensinam.
 O mal tambem a deoses, que a segundo
 Se vê, ninguem já tem menos valia,
 Que quem com mais razão valer devia.

XXXIV.

E por isso do Olympo já fugi,
 Buscando algum remédio a meus pezares,
 Por ver o preço, que no ceo perdi,
 Se por dita acharei nos vossos mares.
 Mais quer dizer; e não passou daqui,
 Porque as lagrimas já correndo a pares
 Lhe saltaram dos olhos, com que logo
 Se accendem as deidades d'agua em fogo.

XXXV.

A ira, com que subito alterado
 O coração dos deoses foi n'hum ponto,
 Não soffreo mais conselho bem cuidado,
 Nem dilação, nem outro algum desconto.
 Ao grande Eolo mandam já recado
 Da parte de Neptuno, que sem conto
 Solte as furias dos ventos repugnantes,
 Que não haja no mar mais navegantes.

XXXVI.

Nem quizera primeiro alli Proteo
 Dizer deste negocio o que sentia ;
 E segundo o que a todos pareceo,
 Era alguma profunda prophecia :
 Porém tanto o tumulto se moveo
 Subito na divina companhia,
 Que Jethys indignada lhe bradou :
 « Neptuno sabe bem o que mandou.»

XXXVII.

Ja ll o soberbo Hippótades soltava
 Do carcere fechado os lurosos
 Ventos, que com palavras animava
 Contra os Barões audaces, e animosos.
 Subito o ceo sereno se obumbrava,
 Que os ventos mais que nunca impetuosos
 Começam novas forças a ir tomando,
 Torres, montes, e casas derribando.

XXXVIII.

Em quanto este conselho se fazia
 No fundo aquoso, a leda lassa frota
 Com vento socegado proseguia
 Pelo tranquillo mar a longa rota.
 Era no tempo quando a luz do dia
 Do Polo hemispherio está remota :
 Os do quarto da prima se deitavam,
 Para o segundo os outros despertavam.

XXXIX.

Vencidos vem do somno, e mal despertos,
 Bocejando a miude se encostavam
 Pelas antenas, todos mal cobertos
 Contra os agudos ares que assopravam.
 Os olhos contra seu querer abertos ..
 Mas estregando, os membros estiravam :
 Remedios contra o somno buscar querem,
 Historias contam, casos mil referem.

XL.

Com que melhor podemos, hum dizia,
 Este tempo passar, que he tão pezado,
 Senão com algum conto de alegria,
 Com que nos deixe o somno carregado ?
 Responde Leonardo, que trazia,
 Pensamentos de firme namorado :
 Que contos poderemos ter melhores
 Para passar o tempo, que de amores ?

XLI.

Não he, disse Velloso, cousa justa
 Tratar branduras em tanta aspereza ;
 Que o trabalho do mar, que tanto custa,
 Não soffre amores, nem delicadeza ;
 Antes de guerra fervida, e robusta,
 A nossa historia seja, pois dureza
 Nossa vida ha, de ser, segundo entendo,
 Que o trabalho, por vir mo está dizendo.

XLII.

Consentem nisto todos, e encommendam
 A Velloso, que conte isto que approva.
 Contarei, disse, sem que me reprimam
 De contar cousa fabulosa, ou nova :
 E por que os que me ouvirem daqui aprendam
 A fazer feitos grandes de alta prova,
 Dos nascidos direi na nossa terra ;
 E estes sejam os doze de Inglaterra.

XLIII.

No tempo que do reino a redea leve
 João, filho de Pedro, moderava ;
 Depois que socegado e livre o teve
 Do vinho poder que o molestava,
 Já na grande Inglaterra, que da neve
 Dura sempre abunda, semeava
 A terra Erinny's dura e má cizania,
 Que triste fosse á nossa Lusitania.

XLIV.

Entre as damas gentis da corte Inglesa,
 E nobres cortezãos, acaso hum dia
 Se levantou Discordia em ira accesa,
 Ou foi opinião, ou foi porfia.
 Os cortezãos, a quem tão pouco pesa
 Soltar palavras graves de ousadia,
 Disseram que provarão, que honras e famas
 Lhe haes damas não ha, para ser damas.

XLV.

E que se houver alguém com lança e espada
 Que queira sustentar a parte sua,
 Que elles em campo razo, ou estacada,
 Lhe darão, sea inflamia ou morte crua.
 A feminil fraqueza pouco usada,
 Ou nunca a opprobrios-taes, vendo-se nua.
 De forças naturaes convenientes,
 Soccorro pedê a amigos, e parentes.

XLVI.

Mas como fossem grandes, e possantes,
 No reino os inimigos, não se atrevem
 Nem parentes, nem servidos-amantes,
 A sustentar as damas, como devem.
 Com lagrimas-formosas, e bastantes.
 A fazer que em soccorro os deoses levem.
 De todo o Ceo, por rostos de alabastro,
 Se vão todas ao Duque de Aleuicastro.

XLVII.

Era este Inglez potente, e militar.
 Co'os Portuguezes já contra Castella,
 Onde as forças magnanimas provara.
 Dos companheiros, e benigna estrella;
 Não menos nesta terra experimentara
 Namorados asseitos, quando nella
 A filha viu, que tanto o peito doma
 Do forte Rei, que por mulher a toma.

XLVIII.

Este que soccorrer-lhe não queria,
 Por não causar discordias intestinas,
 Lhe diz : Quando o direito pretendia
 Do reino lá das terras lberinas,
 Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
 Tanto primor, e partes tão divinas,
 Que elles sós poderiam, se não erro,
 Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

XLIX.

E se, aggravadas damas, sois servidas,
 Por vós lhe mandarei embaixadores,
 Que por cartas discretas, e polidas,
 De vosso agrado os façam sabedores.
 Tambem por vossa parte encarecidas
 Com palavras d'allagos, e d'amores,
 Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creio,
 Que alli tereis soccorro, e forte esteio.

L.

Desta arte as aconselha o Duque experto;
 E logo lhe nomea doze fortes;
 E porque cada dama hum tenha certo,
 Lhe manda que sobre elles lancem sortes;
 Que ellas só doze são : e descoberto
 Qual a qual tem cahido das consortes,
 Cada huma escreve ao seu por varios modos;
 E todas a seu rei, e o duque a todos.

LI.

Já chega a Portugál o mensageiro ;
 Toda a corte alvoroça a novidade :
 Quizera o Rei sublime ser primeiro,
 Mas não lho soffre a Regia magestade.
 Qualquer dos cortezãos aventureiro
 Deseja ser, com servida vontade ;
 E só fica por bemaventurado
 Quem já vem'pelo Duque nomeado :

LII.

Lá na leal cidade donde teve
 Origem (como he fama) o nome eterno
 De Portugal, armar madeiro leve
 Manda o que tem o leme do governo.
 Apercebem-se os doze em tempo breve
 D'armas, e roupas de uso mais moderno,
 Dé elmos, cimeiras, letras, e pçimores,
 Cavallos, e concertos de mil cores.º

LIII.

Já do seu Rei tomado tem licença,
 Para partir do Douro celebrado,
 Aquelles que escolhidos por sentença
 Foram do Duque Inglez experimentado.
 Não ha na companhia differença
 De cavalleiro, destro, ou esforçado ;
 Mas hum só, que Magriço se dizia,
 Desta arte falla á forte companhia :

LIV.

Fortíssimos consocios, eu desejo
 Ha muito já de andar terras estranhas,
 Por ver mais aguas, que as do Douro, e Tejo ;
 Varias gentes, e leis, e varias manhas.
 Agora que apparelho certo vejo,
 (Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
 Quero, se me deixais, ir só por terra,
 Porque eu serei comvosco em Inglaterra,

LV.

E quando caso for, que eu impedido
 Por quem das cousas he ultima linha;
 Não tor comvosco ao prazo instituido,
 Pouca falta vos faz a falta minha,
 Todos por mi fareis o que he devido ;
 Mas se a verdade o espirito me adivinha,
 Rios, montes, fortuna, ou sua inveja,
 Não farão que eu comvosco lá não seja.

LVI.

Assi diz ; e abraçados os amigos,
 E tomada licença, em fim se parte :
 Passa Leão, Castella, vendo antigos
 Lugares, que ganhara o patrio Marte ;
 Navarra, co'os altíssimos perigos
 Do Pyrenco, que Hespanha, e Gallia parte !
 Vistas em fim de França as cousas grandes ;
 No grande emporio foi parar de Frandes.

LVII.

Alli chegado, ou fosse caso, ou manha,
 Sem passar se deteve muitos dias ;
 Mas dos onze a illustrissima companhia
 Cortam do mar do Norte as ondas frias,
 Chegados de Inglaterra, á costa estranha,
 Para Londres já fazem todos vias :
 Do Duque são com festa agasalhados,
 E das damas servidos, e amimados.

LVIII.

Chega-se o prazo, e dia assignalado,
 De entrar em campo já co'os doze Inglezes,
 Que pelo Rei já tinham segurado :
 Armam-se d'elmos, grevas, e de arnezes :
 Já as damas tem por si fulgente, o armado,
 O Navortê feroz dos Portuguezes :
 Vestem-se ellas de cores, e de sedas,
 De ouro, e de joias mil, ricas, e ledas.

LIX.

Mas aquella, a quem fora em sorte dado
 Magriço, que não vinha, com tristeza
 Se veste, por não ter quem nomeado
 Seja seu cavalleiro nesta empreza :
 Bem que os onze apregoam, que acabado
 Será o negocio assi na corte Ingleza,
 Que as damas vencedoras se conheçam
 Postoque dous e tres dos seus falleçam ;

LX.

Já n'hum sublime, e publico theatro
 Se assenta o Rei Inglez com toda a corte :
 Estavam tres e tres, e quatro e quatro,
 Bem como a cada qual coubera em sorte.
 Não são vistos do Sol, do Tejo ao Bactro,
 De força, esforço, e d'animo mais forte,
 Outros doze sahir como-os Inglezes
 No campo contra os onze Portuguezes.

LXI.

Mastigam os cavallo escumando
 Os aureos freos com feroz sembrante :
 Estava o Sol nas armas rutilando
 Como em crystal, ou rigido diamante.
 Mas enxerga-se n'hum e n'outro bando
 Partido desigual, e dissonante,
 Dos onze contra os doze : quando a gente
 Começa a alvoroçar-se geralmente,

LXII.

Viram todos o rosto aonde havia
 A causa principal do reboiço :
 Eis entra hum cavalleiro, que trazia
 Armas, cavallo, ao bellico serviço :
 Ao Rei e ás damas falla, e logo se hia
 Para os onze, que este era o grão Magriço ;
 Abraça os companheiros como amigos,
 A quem não falta certo nos perigos.

LXIII.

A dama, como ouvio que este era aquelle
 Que vinha a defender seu nome, é fama,-
 Se alegre, e veste alli do animal de Helle,
 Que a gente bruta mais que virtude ama.
 Já dão signal, e o som da tuba impello
 Os bellicosos animos que inllamma:
 Picam d'esporas, largam redeas'logo,
 Abaixam lançãs, fere a terra fogo.

LXIV.

Dos cavallos o estrepito parece
 Que faz que o chão debaixo todo treme:
 O coração no peito, que estremece,
 De quem os olha, se alvoroca, e teme:
 Qual do cavallo voa, que não dece;
 Qual co'o cavallo em terra dando, geme;
 Qual vermelhas as armas faz de brancas;
 Qual co'os pennachos do elmo açouta as ancas.

LXV.

Algun dalli tomou perpetuo sono,
 E fez da vida ao fim breve intervallo:
 Correndo algum cavallo vai sem dono,
 E n'outra parte o dono sem cavallo:
 Cahe a soberba Ingleza do seu throno,
 Que dous, ou tres já fóra vão do vallo:
 Os que de espada vem fazer batalha,
 Mais acham já que arnez, escudo, e malha;

LXVI.

Gastar palavras em contar extremos
 De golpes seros, cruas estocadas,
 He desses gastadores, que sabemos,
 Maos do tempo com fabulas sonhadas :
 Basta por fim do caso, que entendemos
 Que com finezas altas e afamadas,
 Co'os nossos fica a palha da victoria,
 E as damas vencedoras, e com gloria.

LXVII.

Recolhe o Duque os doze vencedores
 Nos seus paços, com festas e alegria:
 Cozinheiros occupa, e caçadores
 Das damas a formosa companhia;
 Que querem dar aos seus libertadores
 Banquetes mil, cada hora, e cada dia,
 Em quanto se detem em Inglaterra,
 Até tornar á boce, e clara terra.

LXVIII.

Mas dizem, que com tudo o grão Magriço
 Desejoso de ver as cousas grandes,
 Lá se deixou ficar, onde hum serviço
 Notavel á Condessa fez de Frandes ;
 E como quem não era já noviço
 Em todo trance, onde tu Marte mandes,
 Hum Francez mata em campo, que o destino
 Lá teve de Torquato, e de Corvino,

LXIX.

Outro tambem dos doze'em Alemanha
 Se lança, e teve hum fero desafio
 C'hum Germano enganoso, que com manha
 Não devida o quiz pôr no extremo fio,
 Contando assi Velloso, já a companhia
 Lhe pede que não faça tal desvio
 Do caso de Magriço, e vencimento,
 Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

LXX.

Mas neste passo assi promptos estando,
 Eis o mestre, que olhando os ares anda,
 O apito toca; acordam despertando
 Os marinheiros d'hum e d'outra banda:
 E porque o vento vinha refrescando,
 Os traquetes das gaves tomar manda:
 Alerta, dissest' estai, que o vento crece
 Daquella nuvem negra que apparece.

LXXI.

Não eram os traquetes bem tomados,
 Quando dá a grande, e subita procella:
 Amaina, disse o mestre a grandes brados,
 Amaina, disse, amaina a grande vela.
 Não esperam os ventos indignados
 Que amainassem: mas juntos dando nella,
 Em pedaços a fazem c'hum ruido,
 Que o mundo pareceo ser destruido.

LXXII.

O ceo fere com gritos nisto a gente,
Com subito temor, e desacordo,
Que no romper da vela, a nao pendente
Toma grão somma d'agua pelo bordo.
Alija, disse o mestre rijamente,
Alija tudo ao mar, não falte acordo ;
Vão outros dar á bomba, não cessando ;
Á bomba, que nos imos alagando.

LXXIII.

Correm logo os soldados animosos
A dar á bomba, e tanto que chegaram ;
Os balanços que os mares temerosos
Deram á nao, n'hum bordo os derribaram ;
Tres marinheiros duros, e forçosos,
Á manear o leme não bastaram ;
Talhas lhe punham d'hum e d'outra parte ;
Sê aproveitar dos homens força, e arte.

LXXIV.

Os ventos eram taes que não puderam
Mostrar mais força d'impeto cruel,
Se para derribar então vieram
A fortissima torre de Babel :
Nos altissimos mares, que cresceram ;
A pequena grandura d'hum batel
Mostra a possante nao, que move espanto ;
Vendo que se sustem nas ondas tanto.

LXXV.

A nao grande em que vai Paulo da Gama
 Quebrado leva o mastro pelo meio,
 Quasi todaialagada : a gente chama
 Aquelle que a salvar o mundo veio.
 Não menos gritos vãos ao ar derrama
 Toda a nao de Coelho, com receio,
 Com quanto teve o mestre tanto tento,
 Que primeiro amainou, que desse o vento.

LXXVI.

Agora sobre as nuvens os subiam
 As ondas de Neptuno furibundo :
 Agora a vez parece que desciam
 As intimas, entranhas do profundo.
 Noto, Austro, Boreas, Aquillo queriam
 Arruinar a machina do mundo :
 A noite negra, e fea se allumia
 Co'os raios em que o polo todo'ardia.

LXXVII.

As Halcyoneas aves triste canto
 Junto da costa brava levantaram,
 Lembrando-se de seu passado pranto,
 Que as furiosas aguas lhe causaram,
 Os delphins namorados entretanto
 Já nas covas maritimas ontraram,
 Fugindo a tempestade e ventos duros,
 Que nêem no fundo os deixa estar seguros.

LXXVIII.

Nunca tão vivos raios fabricou
 Contra a fera soberba dos gigantes
 O grão ferreiro sordido, que obrou
 Do enteado as armas radiantes :
 Nem tanto o grão Tonante arremessou
 Relampagos ao mundo fulminantes,
 No grão diluvio, donde sós viveram,
 Os dous, que em gente as pedras converteram.

LXXIX.

Quantos montes então que derribaram
 As ondas que batiam denodadas !
 Quantas arvores velhas arrancaram
 Do vento bravo as furias indignadas !
 As forçosas raizes não cuidaram
 Que nunca para o ceo fossem viradas ;
 Nem as fundas areas que podessem
 Tanto os mares, que em cima as revolvessem.

LXXX.

Vendo Vasco da Gama, que tão perto
 Do fim do seu desejo se perdia ;
 Vendo ora o mar até o inferno aberto,
 Ora com nova furia ao ceo subia ;
 Confuso de temor, da vida incerto,
 Onde nenhum remedio lhe valia,
 Chama aquelle remedio sancto, e forte,
 Que, o impossibil pode, desta sorte ;

LXXXI.

Divina Guarda, angelica, celeste,
 Que os ceos, o mar, e terra senhoreas,
 Tu, que a todo Israel refugio deste
 Por metade das agnas Erythreas :
 Tu, que livraste Paulo, e defendeste
 Das syrtes arenosas, e ondas feas,
 E guardaste co'os filhos o segundo
 Povoador do alagado e vacuo mundo :

LXXXII.

Se tenho novos medos perigosos
 D'outro Scylla, e Charybdis já passados,
 Outras syrtes, e baixos arenosos,
 Outros Acroceraunios infamados ;
 No fim de tantos casos trabalhosos
 Porque somos de ti desamparados,
 Se este nosso trabalho não te offende;
 Mas antes teu serviço só preteñde ?

LXXXIII.

Oh ditosos aquelles que puderam
 Entre as agudas lanças Africanas
 Morrer, em quanto fortes sustiveram
 A sancta Fé nas terras Mauritanas ;
 De quem feitos illustres se souberam,
 De quem ficam memorias soberanas,
 De quem se ganha a vida com perde-la,
 Quoe fazendo a morte as honras della !

LXXXIV.

Assi dizendo, os ventos que lutavam,
 Como touros indomitos bramando,
 Mais e mais a tormenta accrescentavam,
 Pela miuda enxarcia assoviando :
 Relampagos mēdonhos não cessavam,
 Feros trovões, que vem representando
 Cabir o ceo dos eixos sobre a terra,
 Comsigo os elementos terem guerra.

LXXXV.

Mas já a amorosa estrella scintillava
 Diante do Sol claro no horizonte,
 Mensageira do dia, e visitava
 A terra, e o largo mar com leda fronte :
 A deosa que nos ceos a governava,
 De quem toge vrensífero Oriente,
 Tanto que o mar, e a chara armada vira,
 Tocada junto fôï de medo, e de ira.

LXXXVI.

Estas obras de Baccêlo são por certo,
 Disse ; mas não será que avante leve
 Tãã damnata tenção, que descoberto
 Me será sempre o mal a que se atreve :
 Isto dizendo, desce ao mar aberto,
 No caminho gastando espaço breve,
 Em quanto manda ás nymphas amorosas
 Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

LXXXVII.

Grinaldas manda pôr de varias cores
 Sobre cabellos louros á porfia :
 Quem não dirá, que nascem roxas flores
 Sobre ouro natural, que amor enfia ?
 Abrandar determina por amores
 Dos ventos, a nojosa companhia,
 Mostrando-lhe, as amadas nymphas bellas,
 Que mais formosas vinham que as estrellas.

LXXXVIII.

Assi foi, porque tanto que chogaram
 Á vista dellas, logo lhe fallecem
 As forças com que d'antes pelejaram,
 E já como rendidos lhe obedecem :
 Os pés, e mãos parece que lhe ataram
 Os cabellos que os raios escurecem.
 A Boreas, que do peito mais queria,
 Assi disse a bellissima Orithya :

LXXXIX.

Não creas, sero Boreas, que te creio,
 Que me tiveste nunca amor constante ;
 Que brandura he de amor mais certo arreio,
 E não convem furor a firme amante :
 Se já não poens a tanta insania freio,
 Não esperes de mim daqui em diante,
 Que possa mais amar-te, mas temer-te,
 Que amor contigo em medo se converte.

XCIII.

Esta he por certo a terra que buscais
 Da verdadeira India, que apparece ;
 E se do mundo mais não desejais,
 Voosso trabalho longo aqui tenere
 Sofrer aqui não pode o Gama mais
 De ledo em ver que a terra se conhece ;
 Os gíolhos no chão, as mãos ao ceo,
 A merce grande a Deos agradeceo.

XCIV.

As graças a Deos dava, e razão tinha,
 Que não somente a terra lhe mostrava,
 Que com tanto temor buscando vinha,
 Por quem tanto trabalho exprimentava ;
 Mas via-se livrado tão asinha
 De morte, que no mar lhe apparelhava
 O vento duro, fervido, e ruedonho,
 Como quem despertou de horrendo sonho.

XCV.

Por meio destes horridos perigos,
 Destes trabalhos graves, e temores,
 Alcançam os que são de fama amigos,
 As honras immortaes, e graos maiores :
 Não encostados sempre nos antigos
 Truncos nobres de seus antecessores ;
 Não nos leitos dourados, entre os finos
 Animaes de Moscovja zebellinos.

XCVI.

Não co'os manjares novos e exquisitos,
 Não co'os passeios molles e ociosos,
 Não co'os varios deleites e infinitos,
 Que affeminam os peitos generosos ;
 Não co'os nunca vencidos appetitos,
 Que a fortuna tem sempre tão mimosos,
 Que não soffre a nenhum, que o passo mude
 Para alguma obra heroica de virtude :

XCVII.

Mas com busca co'o seu forçoso braço
 As honras, que elle chame proprias suas,
 Vigiando, e vestindo o forjado aço,
 Soffrendo tempestades e ondas cruas,
 Vencendo os torpes frios no regaço
 Do Sul, e regiões de abrigo nuas,
 Engolindo o corruptõ mantimento,
 Temperado c'hum arduo soffrimento :

XCVIII.

E com forçar o rosto, que se enfia,
 A parecer seguro, ledo, inteiro,
 Para o pelouro ardente, que assovia,
 E leva a perna ou braço ao companheiro.
 Desta arte, o peito hum callo honroso cria,
 Desprazador das honras, e dinheiro,
 Das honras, e dinheiro, que a ventura
 Forjou, e não virtude justa, e dura.

XCIX.

Desta arte se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado ;
E fica vendo, como de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado :
Este, onde tiver força o regimento
Direito, e não de effeitos occupado,
Subirá (como deve) a illustre mando,
Contra vontade sua, e não rogando.

OS LUSIADAS.

CANTO SEPTIMO.

ARGUMENTO

DO CANTO SEPTIMO!

Por occasião deste famoso descobrimento da India se faz huma notavel, e poetica exhortação aos Principes Christãos, acordando-lhes semelhantes emprezas : descripção do Reino de Malabar , em que jaz o Imperio de Calecut , em cujo porto a Armada dá fundo : recebe o Imperador, ou Samori ao Gama cõm honradas demonstrações : apparece o Mouro Monçaide, que informando ao Gama, informa tambem aos naturaes da terra : vai o Cautual , ou Governador de Calecut ver a Armada.

OUTRO ARGUMENTO.

Dá fundo a frota a Calecut chegada ;
Manda-se mensageiro ao Rei potente ;
Chega Monçaide a ver a Lusa armada,
E da Provincia informa largamente :
Faz Gama ao Samori sua embaixada ;
He recebido bem da Indica gente :
Co'o Regedor o Mouro ao mar se torna,
Que de toldos e flammulas se adorna,



OS LUSIADAS.



CANTO SEPTIMO..

I.

Já se viam chegados junto á terra,
Que desejada já de tantos fora,
Que entre as correntes Indicas se encerra;
É o Ganges, que no ceo terreno mora.
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora;
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante.

II.

A vós, ó geração de Luso, digo,
Que tão pequena parte sois no mundo;
Não digo inda no mundo, mas no amigo
Curral de quem governa o ceo rotundo;
Vós, a quem não somente algum perigo
Estorva conquistar o povo immundo;
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia
Da Madre, que nos Ceos está em essencia;

III.

Vós, Portuguezes poucos, quanto fortes;
 Que o fraco poder vosso não pezais;
 Vós, que á custa de vossas varias mortes
 A Lei da vida eterna dilatais:
 Assi do Ceo deitadas são as sortes,
 Que vós por muito poucos que sejais;
 Muito fazeis na sancta Christandade:
 Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade!

IV.

Vede-los Alemães, soberbo gado,
 Que por tão largos campos se apascenta;
 Do successor de Pedro, rebellado,
 Novo pastor, e nova seita inventa:
 Vede-lo em feas guerras occupado,
 Que inda co' o cego error se não contenta;
 Não contra o superbissimo Othomano,
 Mas por sahir do jugo soberaño.

V.

Vede-lo duro Inglez, que se nomea
 Rei da velha e sanctissima Cidade,
 Que o torpe Ismaelita senhorea,
 (Quem vio honra tão longe de verdade!)
 Entre as Boreaes neves se recrea,
 Nova maneira faz de Christandade:
 Para os de Christo tem a espada nua,
 Não por tomar a terra que era sua,

VI.

Guarda-lhe por entanto hum falso Rei
 A cidade Hierosolyma terrestre,
 Em quanto elle não guarda a sancta lei
 Da cidade Hierosolyma celeste.
 Pois de si, Gallo indigno, que direi?
 Que o nome Christianissimo quizeste,
 Não para defende-lo, nem guarda-lo,
 Mas para ser contra elle, e derriba-lo!

VII.

Achas, que tens direito em senhorios
 De Christãos, sendo o teu tão largo, e tanto;
 E não contra o Cinypho e Nilo, rios
 Inimigos do antigo nome santo?
 Alli se hão de provar da espada os fios
 Em quem quer reprovár da Igreja o canto:
 De Carlos, de Luis, o nome e a terra
 Herdaste, e as causas não da justa guerra?

VIII.

Pois que direi daquelles, que em delicias,
 Que o vil ocio no mundo traz consigo,
 Gastão as vidas, logram as divicias,
 Esquecidos do seu valor antigo?
 Nascem da tyrannia inimicicias,
 Que o povo forte tem de si inimigo:
 Comtigo, Italia, fallo, já submersa
 Em vicios mil, e de ti mesma adversa:

IX.

Ó miseros Christãos, pela ventura
 Sois ns dentes de Cadmo desparzidos,
 Que huns aos outros se dão a morte dura,
 Sendo todos de hum xentre produzidos?
 Não vedes a divina sepultura
 Possuida de cães, que sempre unidos
 Vos vem tomar a vossa antigua terra,
 Fazendo-se famosos pela guerra?

X.

Vedes que tem por uso, e por decreto,
 Do qual são tão inteiros observantes,
 Ajuntarem o exercito inquieto
 Contra os povos que são de Christo amantes:
 Entre vós nunca deixa a fera Aleto
 De'semear cizanias repugnantes:
 Olhai se estais seguros de perigos,
 Que elles e vós, sois vossos inimigos.

XI.

Se cobiça de grandes senhorios
 Vos faz ir conquistar terras alheas,
 Não vedes que Pactolo e Hermo rios,
 Ambos volem auríferas areas?
 Em Lydia, Assyria, lavram de ouro os fios
 Africa esconde em si luzentes veas:
 Mova-vos já se quer riqueza tanta,
 Pois mover-vos não pode a Casa santa.

XII.

Aquellas invenções seras, e novas
 De instrumentos mortaes da artilheria;
 Já devem de fazer as duras provas
 Nos muros de Byzancio, e de Turquia.
 Fazei que torne lá ás sylvestres covas
 Dos Caspios montes, e da Scythia fria
 A Turca geração, que multiplica
 Na policia da vossa Europa rica.

XIII.

Gregos, Thraces, Armenios, Georgianos;
 Bradando-vos estão, que o povo bruto
 Lhe obriga os claros filhos aos profanos
 Preceitos do Alcorão : duro tributo !
 Em castigar os fêilos inhumanos
 Vos gloriai de peito forte, e astuto ;
 E não queírais, louvores arrogantes
 De serdes contra os vossos mui possantes.

XIV.

Mas em tanto que cegos, e sedentos
 Andais de vosso sangue, ó gente insana;
 Não faltarão Christãos atrevimentos
 Nesta pequena casa Lusitana.
 De Africa tem maritimos assentos ;
 He na Asia mais que todas soberana ;
 Na quarta parte nova os campos ara ;
 E se mais mundo houvera, lá chegara.

XV.

E vejamos em tanto que acontece
 Aquelles tão famosos navegantes,
 Depois que a branda Venus enfraquece
 O furor vão dos ventos repugnantes,
 Depois que a larga terra lhe apparece,
 Fim de suas porfias tão constantes,
 Onde vem semear de Christo a lei,
 E dar novo costume, e novo Rei.

XVI.

Tanto que á nova terra se chegaram,
 Leves embarcações de pescadores
 Acharam, que o caminho lhe mostraram
 De Calecut, onde eram moradores.
 Para lá logo as proas se inclinaram;
 Porque esta era a cidade das melhores
 Do Malabar melhor, onde vivia.
 O Rei, que a terra toda possuia.

XVII.

Alem do Indo jaz, e aquem do Gange,
 Hum terreno mui grande, e assaz famoso,
 Que pela parte Austral o mar abrange,
 E para o Norte o Emodio cavernoso.
 Jugo de Reis diversos o constrange
 A varias leis; alguns o vicioso
 Maloma, alguns os idolos adoram,
 Alguns os animaes, que entre elles moram.

XVIII.

Já bem no grande monte, que cortando
Tão larga terra, toda Asia discorre,
Que nunes tão diversos vai tomando,
Segundo as regiões por onde corre,
As pontes sahem, donde vem manando
Os rios, cuja grão corrente morre
No mar Indico, e cercam todo o peso
Da terreno, fazendo-o Chersoneso.

XIX.

Entre hum e o outro rio, em grande espaço,
Salta da larga terra hũa longa ponta
Qual pyramidal, que no regaço
Do mar com Ceilão insula confronta :
E junto donde nasce o largo braço
Gangatico, o rumor antigo conta,
Que os visinhos, da terra moradores,
Do celeiro se mantem das finas flores :

XX.

Mas agora de nomes, e de usança,
Nove e varios são os habitantes,
Os Belijs, os Patanes, que em possança
Do terra, e gente são mais abundantes :
Derranis, Oriás, que a esperança
Tem de sua salvação nas resonantes
Águas do Gange; e a terra de Bengala,
Fertil de sorte, que outra não lhe iguala.

XXI.

O reino de Cambaia bellicoso
 (Dizem que foi de Poro, Rei potente);
 O reino de Narsinga, poderoso
 Mais de ouro e pedras, que de forte gente:
 Aqui se enxerga lá do mar undoso
 Hum monte alto, que corre longamente,
 Servindo ao Malabar de forte muro,
 Com que do Canará vive seguro.

XXII.

Nã terra os naturacs lhe chamam Gate,
 Do pé do qual pequena quantidade
 Se estende hũa fralda estreita, que combate
 Do mar a natural ferocidade:
 Aqui de outras cidades, sem debate,
 Calecut tem a illustre dignidade
 De cabeça de imperio rica, e bella:
 Sathorim se intitula o senhor della.

XXIII.

Chegada a frota ao rico senhorio,
 Hum Portuguez mandado logo parto,
 A fazer sabedor o Rei gentio
 Da vinda sua a tão remota parte.
 Entrando o mensageiro pelo rio,
 Que alli nas ondas entra, a não vista arte,
 A cor, o gesto estranho, o traje novo,
 Fez concorrer a ve-lo todo o puyo.

XXIV.

Entre a gente que a ve-lo concorria,
Se chega hum Mahometa, que nascido
Fora na região da Barbaria,
Lá onde fora Anteo obedecido:
Ou pela visinhança já teria
O reino Lusitano conhecido,
Ou foi já assignalado de seu ferro,
Fortuna o trouxe a tão longo desterro.

XXV.

Em vendo o mensageiro com jucundo
Rosto, como quem sabe a lingua Hispana,
Lhe disse: Quem te trouxe a est'outro mundo,
Lão longe da tua patria Lusitana?
Abriudo, lhe responde, o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,—
Vimos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a Lei divina se occrescente.

XXVI.

Espantado ficou da grão viagem
O Mouro, que Monçaide se chamava,
Ouvindo as oppressões que na passagem
Do mar o Lusitano lhe contava:
Mas vendo em fim, que a força da mensagem
Só para o Rei da terra relevava,
Lhe diz, que estava fóra da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade:

XXVII.

E que em tanto que a nova lhe chegasse
 De sua estranha vinda, se queria,
 Na sua pobre casa repousasse,
 E do manjar da terra comeria :
 E depois que se hum pouco recreasse,
 Com elle para a armada tornaria ;
 Que alegria não pode ser tamanha,
 Que achar gente visinha em terra estranha.

XXVIII.

O Portuguez accita de vontade
 O que o ledo Monçaide lhe offerece ;
 Como se longa fora já a amizade,
 Com elle come e bebe. e lhe obrdece :
 Ambos se tornam logo da cidade
 Para a frota, que o Mouro bem conhece ;
 Sobem á capitaina e toda a gente
 Monçaide recebeo benignamente.

XXIX.

O Capitão o abraça em cabo ledo,
 Ouvindo clara a lingua de Castella ;
 Junto de si o assenta, e prompto e quedo,
 Pela terra pergunta, e cousas della,
 Qual se ajuntava em Rhodope o arvoredos,
 Só por ouvir o amante da donzella
 Eurydice, tocando a lyra de ouro,
 Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

XXX.

Elle comêça : Ó gente, que a natura
 Visinha fez de meu paterno ninho,
 Que destino tão grande, ou que ventura,
 Vos trouxe a commetterdes tal caminho ?
 Não he sem causa, não, occulta e escura,
 Vir do longiquo Tejo, e ignoto Minho,
 Por mares nunca d'outro lenho arados,
 A reinos tão remotos e apartados.

XXXI.

Decs por certo vos traz, porque pretende
 Algum serviço seu, por vós obrado :
 Por isso só vos guia, e vos defende
 Dos imigos, do mar, do vento irado.
 Sabei, que'estais na India, onde se estende
 Diverso povo, rico, e prosperado
 De ouro luzente, e fina pedraria,
 Cheiro suave, ardente especiaria.

XXXII.

Esta provincia, cujo porto agora
 Tomado tendes, Malabar se chama :
 Do culto antiguo dos idolos adora,
 Que cá por estas partes se derrama :
 De diversos Reis he, mas d'hum só fora
 N'outro tempo, segundo a antigua fama :
 Saramá Perimal foi derradeiro
 Rei, que este reino teve unido, e inteiro,

XXXIII.

Porém como a esta terra então viessem
 De lá do seio Arabico outras gentes,
 Que o culto Mahometico trouxessem,
 No qual me instituiram meus parentes,
 Succedeo, que prégando convertessem
 O Perimal, de sabios, e eloquentes ;
 Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto,
 Que presuppoz de nella morrer santo.

XXXIV.

Naos arma, e nellas mette eurioso
 Mercadoria, que offereça, rica,
 Para ir nellas a ser religioso,
 Onde o propheta jaz, que a lei publica :
 Antes que parta, o reino poderoso
 Co'os seus reparte, porque não lhe fica
 Herdeiro proprio ; faz os mais acceitos,
 Ricos de pobres, livres de sujeitos.

XXXV.

A hum Cochim, e a outro Cananor,
 A qual Chalé, a qual a ilha da Pimenta,
 A qual Coulão, a qual dá Cranganor,
 E os mais, a quem o mais serve, e contenta.
 Hum só moço, a quem tinha muito amor,
 Depois que tudo deo, se lhe apresenta :
 Para este Calecut somente fica,
 Cidade já por trato nobre, e rica.

XXXVI.

Esta lhe dá co'o título excellente
 De Imperador, que sobre os outros manda.
 Isto feito se parto diligente
 Para onde em sancta vida acabe, e ande :
 E daqui fica o nome de potente
 Samorim, mais que todos digno e grande,
 Ao moço, e descendentes, donde vem
 Este que agora o imperio manda e tem.

XXXVII.

A lei da gente toda, rica e pobre,
 De fabulas composta se imagina :
 Andam nus, e somente hum panno cobre
 As partes, que a cobrir natura ensina :
 Dous modos ha da gente ; porque a-nobre
 Naires chamados são e a menos dina
 Poleás, tem por nome, a quem obriga
 A lei não misturar a casta antiga :

XXXVIII.

Porque os q̄ usaram sempre hum mesmo officio
 D'outro não podem receber consorte ;
 Nem os filhos terão outro exercicio,
 Senão o de seus passados, até morte.
 Para os Naires he certo grande vicio
 Destes serem tocados, de tal sorte,
 Que quando algum se toca por ventura,
 Com ceremonias mil se alimpa, e apura.

XXXIX.

Desta sorte o Judaico povo antigo
 Não tocava na gente de Samaria :
 Mais estranhezas inda das que digo
 Nesta terra vereis de usança varia :
 Os Naires sós são dados ao perigo
 Das armas, sós defendem da contraria
 Banda o seu Rei, trazendo sempre usada
 Na esquerda a adarga, e na direita a espada :

XL.

Brahmenes são ns seus religiosos,
 Nome antigo, e de grande preeminencia :
 Observam os preceitos tão famosos
 D'hum, que primeiro poz nome á sciencia :
 Não matam cousa viva, e temerosos,
 Das carnes tem grandissima abstinencia :
 Somente no venero ajuntamento
 Tem mais licença, e menos regimento,

XLI.

Geraes são as mulheres, mas somente
 Para os da geração de seus maridos :
 Ditosa condição, ditosa gente,
 Que não são de ciúmes offendidos !
 Estes, e outros costumes variamente
 São pelos Malabares admittidos :
 A terra he grossa em trato em tudo aquillo,
 Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

XLII.

Assi contava o Mouro : mas vágando
 Andava a fama já pela cidade
 Da vinda desta gente estranha, quando
 O Rei saber mandava da verdade :
 Já vinham pelas ruas caminhando,
 Rodeados de todo sexo, e idade,
 Os principaes, que o Rei buscar mandara
 O capitão da armada que chegara.

XLIII.

Mas elle, que do Rei já tem licença
 Para desembarcar, acompanhado
 Dos nobres Portuguezes, sem detença
 Parte de ricos pannos adornado :
 Das cores a formosa differença
 A vista alegre ao povo alvoroçado :
 O remo compassado fere frio
 Agora o mar, depois o fresco rio.

XLIV.

Na praia hum regedor do reino estava;
 Que na sua lingua Catual se chama,
 Rodeado de Naires, que esperava
 Com desusada festa o nobre Gama :
 Já na terra nos braços o levava,
 E n'hum portatil leito hũa rica cama
 Lhe offerece em que vá, (costume usado)
 Que nos hombros dos homens he le ado.

XLV.

Dest'arte o Malabar, dest'arte o Luço, ,
 Caminham lá para onde o Rei o espera ;
 Os outros Portuguezes vão ao uso
 Que infanteria segue, esquadra, fera :
 O povo que concorre vai confuso,
 De ver a gente estranha, e bem quizera,
 Perguntar ; mas no tempo já passado, ,
 Na torre de Babel lhe foi vedado.

XLVI.

O Gama, e o Catual hiam fallando
 Nas cousas que lhe o tempo offerecia ;
 Monçaide entr'elles vai interpretando
 As palavras que de ambos entendia.
 Assi pela cidade caminhando,
 Onde huma rica fabrica se erguia
 De hum sumptuoso templo, já chegavam,
 Pelas portas do qual juntos entravam.

XLVII.

Alli estão das deidades, as figuras
 Esculpidas em pao, e em pedra tría ;
 Varios de gestos, varios de pinturas,
 A segundo o demonio lhe fingia :
 Vem se as abominaveis esculpturas,
 Qual a Chimera em membros se varia :
 Os Christãos olhos, a ver Deos usaslos
 Em forma humana, estão marajilhados,

XLVIII.

Hum na cabeça cornos esculpidos,
 Qual Jupiter Hammon em Lybia estava ;
 Outro n hum corpo rostos tinha unidos,
 Bem como o antigo Jano se pintava ;
 Outro com muitos braços divididos
 A Briareo parece que imitava ;
 Outro fronte canina tem de fóra,
 Qual Anubis Memphitico se adora,

XLIX.

Aqui feita do barbaro Gentio
 A supersticiosa adoração,
 Direitos vão sem outro algum desvio,
 Para onde estava o Rei do povo vão :
 Engrossando-se vai da gente o fio,
 Co os que vem ver o estranho Capitão :
 Estão pelos tellados, e janellas,
 Velhos e moços, donas e donzellas.

L.

Já chegam perto, e não com passos lentos,
 Dos jardins odoriferos, formosos,
 Que em si escondem os regios aposentos,
 Altos de torres não, mas sumptuosos :
 Edificam-se os nobres seus assentos
 Por entre os arvoredos deleitosos :
 As-i vivem os Reis daquella gente,
 No campo, e na cidade juntamente.

LI.

Pelos portaes da cerca a subtileza
 Se enxerga da Dedalea faculdade,
 Em figuras mostrando por nobreza
 Da India a mais remota antiguidade :
 Affiguradas vão com tal viveza
 As historias daquella antiqua idade,
 Que quera dellas tiver noticia inteira,
 Pela sombra conhece a verdadeira.

LII.

Estava hum grande exercito que pisa
 A terra Oriental, que o Hydaspe lava ;
 Rege-o hum capitão de fronte lisa,
 Que com frondentes thyrsos pelejava :
 Por elle edificada estava Nysa
 Nas ribeiras do rio, que manava ;
 Tão proprio, que se alli estiver Semele,
 Dirá por certo, que he seu filho aquelle.

LIII.

Mas avante bebendo secca o rio
 Mui grande multidão da Assyria gente,
 Sujeita a feminino senhorio
 De huma tão bella, como incontiente :
 Alli tem junto ao lado nunca frio
 Esculpido o feroz gineté ardente,
 Com quem teria o filho competencia :
 Amor nefando, bruta incontinecia!

LIV.

Daqui mais apartadas tremolavam
 As bandeiras de Grecia gloriosas,
 Terceira monarchia, e subjugavam
 Até as aguas Gangelicas undosas :
 D'hum capitão mancebo se guiavam,
 De palmas rodeado valerosas,
 Que já não de Philippo, mas sem falta;
 De progenie de Jupiter se exalta.

LV.

Os Portuguezes vendo estas memorias;
 Dizia o Catual ao Capitão :
 Tempo cedo virá, que outras victorias,
 Estas que agora olhais abaterão :
 Aqui se escreverão novas historias
 Por gentes estrangeiras que virão ;
 Que os nossos sabios magos o alcançaram,
 Quando o tempo futuro especularam.

LVI.

E diz-lhe mais a magica sciencia,
 Que para se evitar força tamanha,
 Não valerá dos homens resistencia,
 Que contra o Ceo não val da gente manha :
 Mas tambem diz, que a bellica excellencia
 Nas armas, e na paz, da gente estranha
 Será tal, que será no mundo ouvido
 O vencedor, por gloria do vencido.

LVII.

Assi fallando entravam já na sala;
 Onde aquelle potente Imperador
 N' huma camilha jaz, que não se iguala
 De outra alguma no preço, e no lavor :
 No recostado gesto se assignala
 Hum venerando e prospero senhor;
 Hum panno de ouro cinge, e na cabeça
 De preciosas gemmas se adereça.

LVIII.

Bem junto d'elle hum velho reverente,
 Co'os giolhos no chão, de quando em quando
 Jura dava a verde folha da herba ardente,
 Que a sey costume estava rufinando.
 Hum Brahmene, pessoa preeminente,
 Para o Gama vem com passo brando,
 Para que ao grande Principe o apresente,
 Que diante lhe açena que se assente.

LIX.

Sentado o Gama junto ao rico leito,
 Os seus mais afastados prompto em vista
 Estava o Samorim no trajo, e geito
 Da gente, nunca de antes d'elle vista :
 Lançanillo a grave voz do sabio peito,
 Que grande autoridade logo aquista
 N' a opinião do Rei, e do povo todo,
 O Capitão lhe falla deste modo :

LX.

Hum grande Rei de lá das partes, onde
 O ceo volubil, com perpetua roda,
 Da terra a luz solar co'a terra esconde,
 Tingindo-a que deixou de escura nodá;
 Ouvindo do rumor que lá responde
 U ecco, como em ti da India toda
 O principado está, e a magestade,
 Vinculo quer contigo de amizade :

LXI.

E por longos rodeios a ti manda,
 Porite fazer saber, que tudo aquillo
 Quo sobre o mar, que sobre as terras anda;
 De riquezas de lá do Tejo ao Nilo,
 E desde a fria plaga de Zelanda,
 Até hem doñde o Sul não muda o estylo
 Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,
 Tudo tem no'seu reino em grande copia:

LXII.

E se queres com patto, e lianças
 De paz, e de amizade sacra e nua,
 Commercio consentir das abundanças
 Das fazendas da terra sua, e tua ;
 Porque cresçam as rendas, e abastanças
 (Por quem a gente mais trabalho e sua)
 De vossos reinos, será certamente
 De ti proveito, e delle gloria ingente.

LXIII.

E sendo assi que o nó desta amizade
 Entre vós firmemente permaneça,
 Estará prompto a toda adversidade,
 Que por guerra a teu reino se offereça,
 Com gente, armas, e naos; de qualidade
 Que por irmão te tenha, e te conheça:
 E da vontade em ti sobre isto posta
 Me dês a mi certissima resposta.

LXIV.

Tal embaixada dava o Capitão,
 A quem o Rei gentio respondia,
 Que em ver embaixadores de nação
 Tão remota, grão gloria recebia:
 Mas neste caso a ultima tenção
 Com os de seu conselho tomaria,
 Informando-se certo de quem era
 O Rei, e a gente, a terra que dissera.

LXV.

E que em tanto podia do trabalho
 Passado ir repousar, e em tempo breve
 Daria a seu despacho hum justo talho,
 Com que a seu Rei resposta alegre leve.
 Já nisto punha a noite o usado atalho
 Às humanas canseiras, porque ceve
 De doce somno os membros trabalhados,
 Os olhos occupando ao ocio dados.

LXVI.

Apasalhados foram juntamente
 O Gama e Portuguezes no aposento
 Do nobre regedor da Indica gente,
 Cum festas, e geral contentamento.
 O Catual, no cargo diligente
 De seu Rei, tinha já por regimento
 Saber da gente estranha donde vinha,
 Que costumes, que lei, que terra tinha.

LXVII.

Tanto que os igneos carros do formoso
 Alancebo Delio vio, que a luz renova,
 Mandou chamar Monçaide, desejoso
 De poder-se informar da gente nova.
 Lhe pergunta prompto e curioso,
 Se tem noticia inteira, e certa prova
 Dos estranhos quem são : que ouvido tinha
 Que he gente de sua patria mui visinha.

LXVIII.

Que particularmente alli lhe desse
 Informação mui larga, pois fazia
 Nisso serviço ao Rei, porque soubesse
 O que neste negocio se faria.
 Monçaide torna : Postoque eu quizesse
 Inzer-te disto mais, não saberio :
 Somente sei, que he gente lá de Hespanha,
 Onde o meu vinho, e o Sol no mar se banha.

LXIX.

Tem a lei d'hum, Profeta, que gerado,
 Foi sem fazer na carne detrimento
 Da Mãe; tal que por baço está approvado
 Do Deos, que tem do mundo o regimento
 O que entre meus antigos he vulgado
 Delles, he que o valor sanguinolento
 Das armas no seu braço resplandeca,
 O que em nossos passados se parece;

LXX,

Porque elles, com virtude sobrehumana;
 Os deitaram dos campos abundosos
 Do rico Tejo, e fresca Guadiana,
 Com feitos memoraveis, e famosos:
 E não contentes iada, na Africana
 Parte, cortando os mares procellusos,
 Nos não querem deixar viver seguros,
 Tomando-nos cidades, e altos muros.

LXXI,

Não menos tem mostrado esforço, e manha
 Em quaesquer outras guerras que acoteçam,
 Ou das gentes belligeras de Hespanha,
 Ou já d'alguns que do Pyrene deçam:
 Ahi que nunca em fim com lança estranha
 Se tem, que por vencidos se conheçam;
 Nem se sabe iada, não, de assimo e assello,
 Para estes Annibaes nonhum Martello,

LXXII.

E se esta informação não for inteira
 Tanto quanto convem, delles pretende
 Informar-te, que he gente verdadeira,
 A que mais falsidade enoja, e offende:
 Vai ver-lhe a frota, as armas, e a maneira
 Do fundido metal, que tudo rende;
 E solgarás de veres a policia
 Portugueza na paz, e na milicia.

LXXIII.

Já com desejos o Idolátra ardia.
 De ver isto que o Mouro lhe contava:
 Manda esquipar batéis, que ir ver queria
 Os lenhos em que o Gama navegava;
 Ambos partem da praia, a quem seguia
 A Naire geração, que o mar qualhava;
 A capitaina sobem forte e bella,
 Onde Paulo os recebe a bordo d'ella.

LXXIV.

Púrpureos são os toldos, e as bandeiras
 Do rico fio são, que o bicho gera;
 Nellas estão pintadas as guerreiras
 Obras, que o forte braço já fizena;
 Batalhas tem campaes, aventureiras,
 Desafios cruéis, pintura fera,
 Que tanto que ao Gentio se apresenta,
 A tanto nella os olhos apresenta,

LXXV.

Pelo que se pergunta: mas o Gama
 Lhe pedia primeiro que se assente,
 E que aquelle delecte que tanto ama
 A seita epicurea experimente. |
 Dos espumantes vasos se derrama:
 O licor, que Noé mostrara á gente: |
 Mas, comer o Gentio não pretende;
 Que a seita que seguia lho defende:

LXXVI.

A trombeta, que em paz no pensamento
 Imagem faz de guerra, rompe os ares:
 Co'o logo o diabolico instrumento:
 Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
 Tudo o Gentio nota; mas o intento
 Mostrava sempre ter nos singulares
 Feitos dos homens, que em retrato breve
 A muda poesia alli descreve.

LXXVII.

Alça-se em pé, com elle o Gama junto,
 Coelho de outra parte, e o Mauritano:
 Os olhos poem no bellico transunto
 De hum velho branco, aspecto venerando;
 Cujos nome não pode ser defunto,
 Em quanto houver no mundo trato humano:
 No trajo a Grega usança está perfeita,
 Hum ramo por insignia na direita,

LXXVIII.

Hum ramo na mão tinha . . Mas' ó cego
 Eu, que commetto insano, e temerario,
 Sem vós, Nymphas do Tejo, e do Mondego,
 Por caminho tão arduo, longo, e vario !
 Vosso favor invoco, que navego
 Por alto mar, com vento tão contrario,
 Que se não me ajudais, hei grande medo,
 Que o meu fraco batel se alague cedo.

LXXIX.

Olhai que ha tanto tempo, que cantando
 O vosso Tejo, e os vossos Lusitanos,
 A fortuna me traz peregrinando,
 Novos trabalhos vendo, e novos danos:
 Agora o mar, agora experimentado
 Os perigos de torções inhumanos;
 Qual Canace, que á morte se condena,
 N'uma mão sempre a espada, en'outra a penã.

LXXX.

(na,

Agora campobreza aborrecida,
 Por hospícios alheios degradado;
 Agora da esperança já adquirida,
 De novo emais que nunca derribado:
 Agora ás costas escapando a vida,
 Que d'hum fio pendia tão delgado,
 Que não menos milagre foi salvar-se,
 Que para o Rio Judaico acrescentar-se.

LXXXI.

E ainda, Nymphas minhas, não bastava
 Que tanta miséria me cercasse;
 Senão que aquelles que eu cantando andava;
 Tal premio de meus versos me tornassem:
 A troco dos descansos que esperava,
 Das capellas de louro que me honrassem,
 Trabalhos nunca usados me inventaram,
 Com que em tão duro estado me deitaram.

LXXXII.

Vede, Nymphas, que engenhos de senhores
 O vosso Tejo cria valerosos,
 Que assim sabem prezar com taes favores
 A quem os faz cantando gloriosos!
 Que exemplos á futuros escriptores,
 Para esperar engenhos curiosos,
 Para pôrem as cousas em memoria,
 Que merecerem ter eterna gloria!

LXXXIII.

Pois logo em tantos males he forçado,
 Que só vosso favor me não falleça,
 Principalmente aqui, que sou chegado
 Onde feitos diversos engrandeça:
 Dai-mu vós sós, que eu tenho já jurado,
 Que não no empregue em quem o não mereça;
 Nem por lisonja louve algum subido,
 Sub pena de não ser agradecido.

LXXXIV.

Nem creais, Nymphias, não, que fama dêsse
A quem ao bem commum, e do seu Rei
Antepuzer seu proprio interesse,
Imigo da divina e humana lei:
Nenhum ambicioso, que quizesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercicios
Usar mais largamente de seus vicios.

LXXXV.

Nenhum que use de seu poder bastante
Para servir a seu desejo feio,
E que por comprazer ao vulgo errante
Se muda em mais figuras que Proteio:
Nem, Camezas, tambem cuideis que cante
Quem com habito honesto e grave veio,
Por contentar ao Rei no officio novo,
A despir, e roubar o pobre povo.

LXXXVI.

Nem quem acha que he justo, e que he direito
Guardar-se a lei do Rei reveramente,
E não acha que he justo, e bom respeito,
Que se pague o suor da servil gente:
Nem quem sempre com pouco experto peito
Razões apprende, e cuida que he prudente,
Para taixar com mão rapace, e escassa,
Os trabalhos alheios, que não passa.

LXXXVII.

Aquelles sós direi, que aventuraram
Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida,
Onde perdendo-a, em fama a dilataram,
Tão bem de suas obras merecida.
Apollo, e as Musas, que me acompanharam,
Me dobrarão a furia concedida,
Em quanto eu tômo alento descansado,
Por tornar ao trabalho, mais folgado.

OS LUSIADAS.

CANTO OITAVO.


ARGUMENTO.

DO CANTO OITAVO.


Vê o Governador de Calecut varias pinturas nas bandeiras da Armada, e ouve a declaração que dellas lhe faz Paulo da Gama : origem do nome Lusitania : feitos gloriosos dos Reis de Portugal (e de seus vassallos) até ElRei D. Afonso V : manda o Samori aos Haruspices, que especulem o futuro a respeito da Armada : elles o informão cóntra os navegantes : pretendem destruir ao Gama, o qual satisfaz ao Rei com huma notavel falla.

OUTRO ARGUMENTO.

Vem-se de Lusitania os Fundadores,
E aquelles, que por feitos valerosos,
De alta memoria são merecedores,
De hymnos, e de versos numerosos ;
Como de Calecut os Regedores
Consultam os Haruspices famosos,
E corruptos com dadivas possantes,
Tratam de destruir os navegantes.



OS LUSIADAS.



CANTO OITAVO.

I.

Na primeira figura se detinha
O Catual, que vira estar pintada,
Que por divisa hum ramo na mão tinha,
A barba branca, longa, e penteada:
« Quem era, e por que causa lhe convinha
« A divisa que tem na mão tomada? »
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sábio lhe interpreta,

II.

Estas figuras todas que apparecem,
Bravos em vista, e feros nos aspectos,
Mais bravos e mais feros se conhecem
Pela fama nas obras e nos feitos:
Antiguos são, mais inda resplandecem
Co'o nome, entre os engenhos mais perfeitos:
Este que vês he Luso, donde a fama
O nosso reino Lusitania chama,

III.

Foi filho e companheiro do Thebano,
 Que tão diversas partes conquistou :
 Parece vindo ter ao niho Hispano,
 Seguindo as armas que continuo usou
 Do Douro, e Guadiana o campo usou,
 Já dito Elysio, tanto o contentou,
 Que alli quiz dar aos já cansados ossos
 Eterna sepultura, e nome aos nossos.

IV.

O ramo que lhe vês para divisa,
 O verde thyrsos foi de Baccho usado,
 O qual á nossa idade amostra e avisa,
 Que foi seu companheiro, e filho amado.
 Vês outro que do Tejo a terra pisa,
 Depois de ter tão longo mar arado,
 Onde muros perpetuos edifica,
 E templo a Pallas, que em memoria fica :

V.

Ulysses he o que faz a sancta casa
 Á deosa, que lhe dá a lingua facunda ;
 Que se lá na Asia Troia insigne abrasa,
 Cá na Europa Lisboa ingente funda.
 Quem será est'outro cá, que o campo arrasa
 De mortos, com presença surihunda ?
 Grandes batalhas tem, desbaratadas,
 Que as aguijas nas bandeiras tem pintadas ;

VI.

Assi o Gentió diz: respondê' o Gamã:
 Este que vês, pastor já foi de gado;
 Viriato sabemós que se chama,
 Destro na lança' mais, que no cajado:
 Injuriada tem de Roma a fama,
 Vencedor invencibil, afamado;
 Não tem com ellê, não, nem ter puderam,
 O primor' que com Pyrro já tiveram:

VII.

Com força não, com manha vergonhosa
 A vida lhe tiraram, que os espanta!
 Que grande aperto em gente, inda que honro-
 A's vezes leis' magnanimas quebranta. (sa,
 Outro está aqui, que contra a patria irosa
 Degradado com nosco se alevanta:
 Escolheo bem com' quem se alevantasse,
 Para que eternamente se illustrasse:

VIII.

Vês, com nosco também vence as bandeiras
 Dessas aves de Jupiter validas;
 Que já naquelle tempo ás mais guerreiras
 Gentes de nós' souberam ser' vencidas:
 Olha tão subtlis artes, e maneiras,
 Para adquirir os povos, tão fingidas;
 A fatidica Cerva que o avisa,
 Elle hé Scelorio, é ella a sua divisa.

IX.

Olha est'outra bandeira, e vê pintado
 O grão progenitor dos Reis primeiros :
 Nós Hungaro o fazemos, porém nado
 Crem ser em Lotharingia os estrangeiros :
 Depois de ter co'os Mouros superado
 Gallegos e Leonizes cavalleiros,
 À Casa sancta passa o santo Henrique,
 Porque o tronco dos Reis se sanctifique.

X.

Quem he, me dize, est'outro que me espanta,
 (Pergunta o Malabar maravilhado)
 Que tantos esquadrões, que gente tanta,
 Com tão pouca, tem roto e destroçado ?
 Tantos muros asperrimos quebranta,
 Tantas batalhas dá, nunca cansado,
 Tantas coroas tem por tantas partes
 A seus pés derribadas, e estandartes ?

XI.

Este he o primeiro Monso, disse o Gama,
 Que todo Portugal aos Mouros toma,
 Por quem no Estygio lago jura a Fama
 De mais não celebrar nenhum de Roma :
 Este he aquelle zeloso, a quem Deos ama,
 Com cujo braço o Mouro inimigo doma,
 Para quem de seu reino abaixa os muros,
 Nada deixando já para os futuros.

XII.

Se César, se Alexandre Rei tiveram
 Tão pequeno poder, tão pouca gente,
 Contra tantos inimigos, quantos eram
 Os que desbaratava este excelente ;
 Não creas que seus nomes se estenderam
 Com glórias immortaes tão largamente :
 Mas deixa os feitos seus inexplicáveis,
 Vê que os de seus vassallos são notáveis.

XIII.

Este que vês olhar com gesto irado
 Para o rompido alumnô mal soffrido,
 Dizendo-lhe que o exercito espalhado
 Recolha, e torne ao campo defendido ;
 Torna o moço do velho acompanhado,
 Que vencedor o torna de vencido :
 Égas Moniz se chama o forte velho,
 Para leaes vassallos claro espelho.

XIV.

Ve-lo cá vai colos filhos a entregar-se,
 A corda ao collo, nú de seda e panno,
 Porque não quiz o moço sujeitar-se,
 Como elle promettera ao Castelhana :
 Fez com si só e promessas levantar-se
 O cerco, que já estava soheração :
 Os filhos, e mulher obriga á pena :
 Para que o senhor salve, a si condena.

XV.

Não fez o consul tanto, que cercado
 Foi nas forcas Caudinas de ignorante,
 Quando a passar por baixo foi forçado
 Do Samnitico jugo triumphante:
 Este, pelo seu povo injuriado,
 A si se entrega só firme e constante;
 Est'outro a si, e os filhos naturais,
 E a consorte, sem culpa, que doe mais.

XVI.

Vês este que sabindo da cilada
 Dá sobre o Rei que cerca a villa forte;
 Já o Rei tem preso, e a villa descercada:
 Illustre feito, digno de Mavorte!
 Ve-lo cá vai pintado nesta armada,
 No mar também aos Mouros dando a morte,
 Tomando-lhe as galés, levando a gloria
 Da primeira marítima victoria:

XVII.

He Dom Fuas Roupinho, que na terra,
 É no mar resplandece juntamente
 Co'o fogo que accendeo junto da serra
 De Abyla, nas galés da Maura gente.
 Olha como em tão justa e sancta guerra,
 De acabar pelejando está contente:
 Das mãos dos Mouros entra a felice alma
 Triumphando nos Ceos com justa palma.

XVIII.

Não vês hũ ajuntamento de estrangeiro
 Trejo sair da grande armada nova,
 Que ajuda a combater o Rei primeiro
 Estroa, de si dando sancta prova?
 Olha Henrique, famoso cavalleiro,
 A alma que lhe nasce junto á cova:
 Per elles mostra Deos milagre visto:
 Germados são os martyres de Christo.

XIX.

Hum Sacerdote vê brandindo a espada
 Contra Arronches que toma, por vingança
 De Leiria, que de antes foi tomada
 Por quem por Mafamede enresta a lança;
 He Theotonio, Prior. Mas Vê cercada
 Santarem, e verás a segurança
 Da haure nos muros, que primeira
 Subido ergueo das qpinas a bandeira:

XX.

Vedo eu donde Sancho desbarata
 Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
 Da Julios rompendo, o alferes mata,
 E Hippolico pendão derriba em terra:
 Meu Moniz he, que em si o valor retrata,
 Que se sepulchro do pai co'os ossos terra;
 Digno destas bandeiras, pois sem falta
 A contraria derriba, e a sua exalta.

XXI.

Olha aquellê que desce pela lança
 Com as duás cabeças dos vigias,
 Onde a cilada esconde, com que alcança
 A cidade por manhas, e ousadias.
 Ella por armas toma a semelhança
 Do cavalleiro, que as cabeças frias
 Na mão levava; feito nunca feito!
 Giraldo Sem-pavor he o forte peito.

XXII.

Não vês hum Castelhão, que aggravado
 De Afonso nono Rei, pelo odio antigo
 Dos de Lara co'os Mouros he deitado,
 De Portugal fazendo-se iniquigo?
 Abrantes villa toma, acompanhado
 Dos duros infieis que traz consigo;
 Mas vê que hum Portuguez co' pouca gente
 O desbarata, e o prende ousadamente:

XXIII.

Martim Lopes se chama o cavalleiro,
 Que destes levar pode a palma, e o loaro.
 Mas hum ecclesiastico guerreiro,
 Que em lança de aço torna o bago de ouro:
 Vê-lo entre os duvidosos tão inteiro
 Em não negar batalha ao bravo Mouro;
 Olha o signal no ceo que lhe apparece,
 Com que nos poucos seusio estorço crece.

XXIV.

Vês, vão os Reis de Cordova, e Sevilha
 Rostos, c'os outros dous, e não de espaço;
 Rostos? mas antes mortos. Maravilha
 Falta de Deos, que não de humano braço;
 Vês, já a villa de Alcacere se humilha,
 Sem lhe valer defeza, ou muro de aço,
 A Dom Mattheus, o Bispo de Lisboa,
 Que a coroa de palma alli coroa.

XXV.

Olha hum Mestre que desce de Castella,
 Portuguez de nação, como conquista
 A terra dos Algarves, e já nella
 Não acha quem por armas lhe resista:
 Com manha, esforço, e com benigna estrella
 Villas, castellos toma á escala vista:
 Vê a villa toçada aos moradores,
 Com vingança dos sete caçadores:

XXVI.

Vês, com bella astucia ao Mouro ganha
 Sylves, que elle ganhou com força ingente:
 He Dom Pajo Correa, cuja manha,
 E grande esforço faz inveja á gente.
 Mas não passes os tres que em França, e Hespa-
 Na fazem conhecer perpetuamente (uha
 Em desafios, justas e torneos,
 Nellas deixando publicos tropheos:

XXVII.

Ve-los, co'o nome vem de aventureiros
 A Castella, onde o preço sós levaram
 Dos jogos de Bellona verdadeiros,
 Que com damno de alguns se exercitaram.
 Vê mortos os soberbos cavalleiros,
 Que o principal dos tres desafiaram,
 Que Gonçalo Ribeiro se nomea,
 Que pode não temer a lei Letha.

XXVIII.

Attenta n'hum que a fama tanto estende
 Que de nenhum passado se contenta,
 Que a patria que de hum fracasso pende,
 Sobre seus duros hombros a sustenta;
 Não no vês tinto de ira, que reprende
 A vil desconfiança inerte e lenta
 Do povo, e faz que tome o dor do freio
 De Rei seu natural, e não de alheio?

XXIX.

Olha por seu conselho e ousadia
 De Deos guiada só, e de sancta estrella;
 Só pode, o que impossivel parecia,
 Vencer o povo ingente de Castella;
 Vês por industria esforço, e valentia
 Outro estrago, e victoria clara e bella,
 Na gente, assi feroz como infinita,
 Que entre o Tartesso, e o Guadiana habita.

XXX.

Mas não vês quasi já desbaratado
 O poder Lusitano, pela ausencia
 Do capitão devoto, que apartado
 Orando, invoca a summa e trina Essencia?
 Ve-lo cym pressa já dos seus achado,
 Que lhe dizem que falta resistencia
 Contra poder tamanho, e que viesse,
 Porque comsigo esforço aos fracos desse:

XXXI.

Mas olha com que sancta confiança,
 Que inda não era tempo, respondia;
 Como quem tinha em Deos a segurança
 Da victoria, que logo lhe daria:
 Assi Pompilio, ouvindo que a possança
 Dos inimigos a terra lhe corria,
 A quem lhe a dura nova estava dando,
 Pois eu, responde, estou sacrificando.

XXXII.

Se quem com tanto esforço em Deos se atreve;
 Ouvir quizeres como se nomea,
 Portuguez Scipião chamar-se deve,
 Mas mais de Dom Nuno Alvares se arrega
 Ditosa patria, que tal filho teve!
 Mas antes pai; que em quanto o Sol rodea
 Este globo de Ceres, e Neptuno,
 Sempre suspirará por tal alumno.

XXXIII.

Na mesma guerra vê que presas ganha
 Est'outro capitão de pouca gente ;
 Commendadores, vence, e o gado apanhã,
 Que levavam roubado ousadamente ;
 Outra vez vê que a lança em sangue banha.
 Destes, só por livras co'amor ardente
 O preso amigo ; preso por leal ;
 Pero Rodrigues he do Landroal.

XXXIV.

Olha este desleal o como paga,
 O perjurio que fez, e vil engano :
 Gil Fernandes he de Elyas quem o estraga,
 E faz via a passar o ultimo dano :
 De Xerez rouba o campo, e quasi alaga
 Co'o sangue de seus donos Castelhana.
 Mas olha Rui, Perreira, que co'o rosto
 Faz escudo ás galés, diante postro

XXXV.

Olha qua dezasete Lusitanos.
 Neste outeiro subidos se defendem
 Fortes, de quatro centos Castelhanos,
 Que em derredor pelas tomar se estendem :
 Porém logo sentiram com seus danos,
 Que não só se defendem, mas offendem :
 Digno feito de ser no mundo eterno,
 Grande no tempo antigo, e no moderno !

XXXVI.

Sabe-se antigamente que trezentos.
 Já contra mil Romanos pelejaram,
 No tempo que os iris atrevimentos
 De Viriato tanto se illustraram :
 E d'elles alcançando vencimentos
 Memoravois, de herança nos deixaram,
 Que os muitos por ser poucos não temamos;
 O que depois mil vezes amostramos.

XXXVII.

Olha cá dous Infantes, Pedro, o Henrique,
 Progenie generosa de Joanne :
 Aquelle faz que fama illustre fique
 D'elle em Germania, com que a morte engane ;
 Este, que, alla nos fizes o publique,
 Por seu descobridor, e desengane
 De Ceita a Maura turvida vaidade,
 Primeiro entrando as portas da cidade.

XXXVIII.

Vês o Conde Dom Pedro, que sustenta
 Dous cercos contra toda a Barbaria :
 Vês outro, Conde está, que representa
 Em terrá Marte, em forças, e ousadia :
 De poder defender se não contenta
 Alcacere da ingente companhia ;
 Mas do seu Rei defende a chara vida,
 Quando por muro a sua, alli perdida.

XXXIX.

Outros muitos verias que os pintores
 Aqui tambem por certo pintariam,
 Mas falta-lhe pincel, faltam-lhe cores,
 Honra, premio, favor, que as artes criam :
 Culpa dos viciosos successores,
 Que degeneram certo, e se desviam
 Do lustre, e do valor dos seus passados,
 Em gostos e vaidades atolados.

XL.

Aquelles pais illustres que já deram
 Principio á geração que delles pende,
 Pela virtude muito então fizeram,
 E por deixar a casa que descende.
 Cegos ! Que dos trabalhos que tiveram,
 Se alta fama, e rumor delles se estende,
 Escuros deixam sempre seus menores,
 Com lhe deixar descansos corruptores.

XLI.

Outros tambem ha grandes e abastados,
 Sem nenhum tronco illustre donde venham
 Culpa de Reis, que ás vezes a privados
 Dão mais q' a mil, q' esforço, e saber tenham :
 Estes os seus não querem ver pintados,
 Credo que cores vãs lhe não convenham
 E como a seu contrario natural,
 A pintura que falla querem mal.

XLII.

Não nego que, ha com tudo descendentes,
 De generoso tronco, e casa rica,
 Que com costumes altos e excellentes
 Sustentam a nobreza que lhe fica :
 E se a luz dos antiquos seus parentes
 Nelles mais o valor não clarifica,
 Não falta ao menos, nem se faz escura ;
 Mas destes acha poucos a pintura.

XLIII.

Assi está declarando os grandes feitos
 O Gama, que alli mostra a varia tinta ;
 Que a douta mão tão claros, tão perfeitos
 Do singular artifice alli pinta :
 Os olhos tinha promptos e direitos
 O Catual na historia bem distinta ;
 Mil vezes perguntava, e mil ouvia
 As gostosas batalhas que alli via.

XLIV.

Mas já a luz se mostrava duvidosa,
 Porque a alampada grande se escondia
 Debaixo do horizonte, e luminosa
 Levava aos antipodas o dia ;
 Quando o Gentio, e a gente generosa
 Dos Naires, da nao forte se partia
 A buscar o repouso, que descansa
 Os lassos apimaes na noite mansa.

XLV.

Entre tanto os haruspices famosos
 Na falsa opinião, que em sacrificios
 Antevem sempre os casos duvidosos
 Por signaes diabolicos, e indicios;
 Mandados do Rei proprio, estudiosos
 Exercitavam a arte e seus officios
 Sobre esta viuda desta gente estranha,
 Que ás suas terras vem da ignola Hespanha;

XLVI.

Signal lhe mostra o Demo verdadeiro;
 De como a nova gente lhe seria
 Jugo perpetuo, eterno captiveiro,
 Destruição de gente, e de valia
 Vai-se espantado o attonito agoureiro
 Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
 Os signaes temerosos, que alcançara
 Nas entranhas das victimas que olhara.

XLVII.

A isto mais se ajunta, que hum devoto
 Sacerdote da lei de Mafamede,
 Dos odios concebidos não remoto
 Contra a divina Fé, que tudo excede;
 Em forma do propheta falso e noto,
 Que do filho da escrava Agar procede,
 Baccho odioso em sonhos lhe apparece,
 Que de seus odios inda se não dece,

XLVIII.

E diz lhe assi : Guardai-vos, gente minha,
 Do mal que se aparelha pelo imigo,
 Que pelas aguas humidas caminha,
 Antes que esteis mais perto do perigo.
 Isto dizendo, acôrda o Mouró asinha
 Espantado do sonho : mas consigo
 Cuida que não he mais que sonho usado;
 Torna a dormir quieto, e socegado.

XLIX.

Torna Baccho, dizendo : Não conheces
 O grão legislador, que a teus passados
 Tem mostrado o preceito a que odedeces;
 Sem o qual foreis muitos baptizados?
 Eu por ti rudo, velo ; e tu adormeces?
 Pois saberás, que aquelles que chegados
 De novo são, serão mui grande dano
 Da lei que eu dei ao nescio povo humano.

L.

Em quanto he fraca a força desta gente,
 Ordena como em tudo se resista ;
 Porque quando o Sol sahe, facilmente
 Se pode nelle pôr a aguda vista :
 Porém despôis que sobe claro e ardente,
 Se agudeza dos ôlhos o conquista,
 Tão cega fica, quanto ficareis,
 Se raizes criar lhe não tolheis.

LI.

Isto dito, elle, e o somno se despede;
 Tremendo fica o attonito Agareno,
 Salta da cama, lume aos servos pede,
 Lavrando nelle o servido veneno.
 Tanto que a nova luz, que ao Sol precede;
 Mostrara rosto angelico e sereno,
 Convoca os principaes do typo seita,
 Aos quaes do que soubrou da conta estreita.

LII.

Diversos pareceres, e contrarios
 Alli se dão, segundo o que entendiam;
 Astutas traições, enganos varios,
 Perfidias inventavam, e teciam:
 Mas deixando conselhos temerarios,
 Destruição da gente pretendiam,
 Por manhas mais subtils, e ardis melhores;
 Com peitas adquirindo os regedores.

LIII.

Com peitas, ouro, e dadas secretas
 Concillam da terra os principaes;
 E com razões notaveis e discretas,
 Mostram ser perdição dos naturaes;
 Dizendo que são gentes inquietas,
 Que os mares percorrendo Occidentaes,
 Vivem só de piraticas rapinas,
 Sem Rei, sem leis humanas, ou divinas.

LIV.

Oh quanto deve o Rei que bem governa,
 De olhar que'os conselheiros, ou privados,
 De consciencia, e de virtude interna,
 E de sincero amor sejant dotados !
 Porque como estê posto na superna
 Cadeira, pode mal dos apartados
 Negocios ter noticia mais inteira,
 Do que lhe der a lingua conselheira.

LV.

Nem tam pouco direi que tome tanto
 Em grosso a consciencia limpa e certa,
 Que se enleve n'hum pobre e humilde manto,
 Onde ambição a caso atide encoberta.
 F' quando hum bom em tudo he justo, e santo,
 Em negocios do mundo pouco acerta ;
 Que mal tom elles poderá ter conta
 A quieta innocencia, em só Deos pronta.

LVI.

Mas aquelles avaros Catuaes,
 Que o Gentilico povo governavam,
 Induzidos das gentes infernaes,
 O Portuguez despacho dilatavam.
 Mas o Gama, que não pretende mais,
 De tudo quanto os M'ouros ordenavam,
 Que levar a seu Rei hum signal certo
 Do mundo, que deixa va descoberto :

LVII.

Nisto trabalha só, quem bem sabia,
 Que depois que levasse esta certeza,
 Armas, e naos, e gente mandaria
 Manoel, que exercita a summa alteza,
 Com que a seu jugo e lei submetteria
 Das terras, e do mar a redondeza ;
 Que elle não era mais que hum diligente
 Descobridor das terras do Oriente.

LVIII.

Fallar ao Rei gentio determina,
 Porque com seu despacho se tornasse ;
 Que já sentia em tudo da malina
 Gente impedir-se quanto desejasse.
 O Rei que da noticia falsa e indina
 Não era d'espantar se s'espantasse,
 Que tão credulo era em seus agouros,
 E mais sendo affirmados pelos Mouros :

LIX.

Este temor lhe esfria o baixo peito :
 Por outra parte a força da cobiça,
 A quem por natureza está sujeito,
 Hum desejo immortal lhe accende, e aliça ;
 Que bem vê que grandissimo proveito
 Fará, se com verdade, e com justiça,
 O contrato fizer por longos annos,
 Que lhe commette o Rei dos Lusitanos,

LX.

Sobre isto nos conselhos que tomava,
 Achava mui contrarios pareceres :
 Que naquelles com quem se aconselhava,
 Executa o dinheiro seus poderes.
 O grande Capitão chamar mandava ;
 A quem chegado disse : Se quizeres
 Confessar-me a verdade limpa e nua,
 Perdão alcançarás da culpa tua.

LXI.

Eu sou bem informado, que a embaixada
 Que de teu Rei me deste, que he fingida :
 Porque nem tu tens Rei, nem patria amada,
 Mas vagabundo vás passando a vida :
 Que quem da Hesperia ultima alongada,
 Rei, ou senhor, de insania desmedida,
 Ha da vir commetter com naos e frotas
 Tão incertas Viagens, e remotas ?

LXII.

E se de grandes reinos poderosos
 O teu Rei tem a regia magestade,
 Que presentes me trazes valerosos,
 Signaes de tua incognita verdade ?
 Com peças, e dons altos sumptuosos
 Se lia dos Reis altos a amizade :
 Que signal nem penhor não he bastante,
 As palavras d'hum vago navegante.

LXIII.

Se por ventura vindes desterrados,
 Como já foram homens d'alta sorte,
 Em meu reino sereis agasalhados ;
 Que toda a terra he patria para o forte :
 Ou se piratas sois ao mar usados,
 Dizei-mo sem temor de infamia, ou morte,
 Que por se sustentar em toda idade,
 Tudo faz a vital necessidade.

LXIV.

Isto assi dito, o Gama que já tinha
 Suspeitas das insidias que ordenava
 O Mahometico odio, donde vinha
 Aquillo que tão mal o Rei cuidava :
 Chuma alta confiança, que convinha,
 Com que seguro credito alcançava,
 Que Venus Acidalia lhe inluia,
 Taes palavras do sabio peito abria :

LXV.

Se os antigos delictos, que a malicia
 Humana commetteo na prisca idade
 Não causaram que o vaso da iniquicia,
 Açoute tão cruel da Christandade,
 Viera pôr perpetua inimicicia
 Na geração de Adão, co'a falsidade,
 O poderoso Rei, da torpe seita,
 Não conceberas tu tão má suspeita :

LXVI.

Mas porque nenhum grande bem se alcança
 Sem grandes oppressões, em todo o feito
 Segue o temor os passos da esperança,
 Que em suor vive sempre de seu peito,
 Não mostras tu tão pouca confiança
 Dotta minha verdade, sem respeito
 Das razões em contrario, que acharias
 Se não cresses a quem não crer devias :

LXVII.

Porque se eu de rapinas só vivesse,
 Vândalago, ou da patria desterrado,
 Como erês que tão longe me viesse
 Buscar assento incognito e apartado?
 Por que esperanças, ou por que interesse,
 Vais experimentando o mar irado,
 Os Antarticos frios, e os ardores
 Que tollrem do Carneiro os moradores?

LXVIII.

Se com grandes presentes d'alta estima
 O credito me pedes do que digo,
 Tu não vim mais que a achar o estranho clima,
 Onde a natura poz teu reino antigo;
 Mas se a fortuna tanto me sublima,
 Que eu torne á minha patria, e reino antigo,
 Então verás o dom soberbo e rico,
 Com que minha tornada certifico.

LXIX.

Se te parece inopinado feito,
 Que Rei da ultima Hesperia a ti me mande,
 O coração sublime, o regio peito
 Nenhum caso possibil tem por grande.
 Bem parece que o nobre, e grão conçeito
 Do Lusitano espirito demande
 Maior credito e fê de mais alteza,
 Que crea delle tanta fortaleza.

LXX.

Sabe que ha muitos annos, que os antigos
 Reis nossos firmemente propuzeram
 De vencer os trabalhos, e perigos,
 Que sempre ás grandes cousas se oppuzeram
 E descobrindo os mares inimigos
 Do quieto descanso, pretenderam
 De saber que fim tinham, e onde estavam
 As derradeiras praias que lavavam.

LXXI.

Conceito digno foi do ramo claro
 Do venturoso Rei, que aron primeiro
 O mar, por ir deitar do ninho claro
 O morador de Abyla derradeiro :
 Este, por sua industria, e engenho raro,
 N'hum madeiro ajuntando outro madeiro,
 Descobrir pôde a parte, que faz clara
 De Argos, da Hydra a luz, da Lebre, e da Ara.

LXXII.

Crescendo co'os sucessos bons primeiros
No peito as ousadias, descobriram
Pouco e pouco caminhos estrangeiros,
Quilans succedendo aos outros proseguiram :
De Africa os moradores derradeiros
Austriacs, que nunca as sete llammas viram,
Foram vistos de nós, atraz deixando
Quantos estão os Tropicós queimando.

LXXIII.

Azul com firme peito, e com tamanho
Proposito vencemos a Fortuna,
Alé que nós no teu terreno estranho
Viemos pôr a ultima coluna :
Bompendo a força do liquido estanho,
Da tempestade horrifica, e importuna,
A ti chegámos, de quem só queremos
Signal, que ao nosso Rei de ti levemos.

LXXIV.

Esta he a verdade, Rei : que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco premio,
Qual, não sendo isto assi, esperar podia,
Tão longo, tão fingido, e vão proemio :
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero gremio
Da madre Thetis, qual pirata inico,
Dos trabalhos albeios feito rico.

LXXV.

Assi que, ó Rei, se minha grão verdade
 Tens por qual he, sincera e não dobrada,
 Ajunta-me ao despacho brevidade,
 Não me impidas o gosto da tornada :
 E se inda te parece falsidade,
 Cuida bem na razão que está provada;
 Que com claro juizo pode ver-se,
 Que facil he a verdade d'entender-se.

LXXVI.

Attento estava o Rei na segurança,
 Com que provava o Gama o que dizia ;
 Concebe delle certa confiança,
 Credito firme, em quanto proferia :
 Pondera das palavras a abastança,
 Julga na autoridade, grão valia :
 Começa de julgar por enganados
 Os Catuaes corruptos, mal julgados.

LXXVII.

Juntamente a cobiça do proveito,
 Que espera do contracto Lusitano,
 O faz obedecer, e ter respeito
 Co'o Capitão, e não co'o Mauro engano.
 Em fim, ao Gama manda que direito
 Às naos se vá, e seguro d'algun dano
 Possa a terra mandar qualquer fazenda,
 Que pela especiaría troque, e venda:

LXXVIII.

Que mande da fazenda em fim lhe manda,
 Que nos reinos Gangeticos falleça,
 Se alguma traz idonea, lá da banda
 Donde a terra se acaba, e o mar começa,
 Já da Real presença veneranda
 Se parte o Capitão para onde peça
 Ao Catual. que delle tinha cargo,
 Embarcação, que a sua está de largo.

LXXIX.

Embarcação que o leve ás naos lhe pede:
 Mas o mau regedor, que novos laços
 Lhe machinava, nada lhe concede,
 Interpondo tardanças e embaraços:
 Com elle parte ao caes, porque o arrede
 Longe quanto puder dos regios paços,
 Onde, sem que seu Rei tenha noticia,
 Faça o que lhe ensinar sua malicia.

LXXX.

Lá bem longe lhe diz, que lhe daria
 Embarcação bastante, em que partisse;
 Ou que para a luz crástica do dia
 Futuro sua partida differisse:
 Já com tantas tardanças entendia
 O Gama, que o Gentio consentisse
 Na má tenção dos Mouros, torpe e fera,
 O que delle atelli não entendera.

LXXXI.

Era este Catual hum dos que estavam
 Corruptos pela Ma'ometana gente,
 O principal por quem se governavam
 As cidades do Samorim potente :
 Delle somente os Mouros esperavam
 Efeito a seus enganos torpemente :
 Elle, que no concerto vil conspira,
 De suas esperanças não delira,

LXXXII.

O Gama com instancia lhe require
 Que o mande pôr nas naos, e não lhe val ;
 E que assi lho mandara, lhe refere,
 O nobre successor de Perimal.
 « Por que razão lhe impede, e lhe differe
 « A fazenda trazer de Portugal ;
 « Pois aquillo que os Reis já tem mandado ;
 « Não pôde ser por outrem derogado? »

LXXXIII.

Pouco obedece o Catual corrupto
 A taes palavras, antes resolvendo
 Na phantasia algum subtil, e astuto
 Engano diabolico, e estupendo ;
 Ou como banhar possa o ferro bruto
 No sangue aborrecido, estava vendo ;
 Ou como as naos em fôlgo lhe abrazasse,
 Porque nenhuma á patria mais tornasse,

LXXXIV.

Que nenhum torne á patria só pretende
O conselho infernal dos Ma'ometanos,
Porque não saiba nunca onde se estende
A terra Eoa o Rei dos Lusitanos.
Não parte o Gama em fim, que lho defende
O regedor dos barbaros profanos :
Nem sem licença sua ir-se podia,
Que as almadias todas lhe tolhia.

LXXXV.

Aos brados e razões do Capitão,
Responde o Idololatra, que mandasse
Chegar á terra as naos, que longe estão;
Porque melhor dalli fosse, e tornasse :
Signal hē de inimigo, e de ladrão,
Que lá tão longe a frota se alargasse,
Lhe diz, porque do certo e fido amigo
He não temer do seu nenhum perigo.

LXXXVI.

Nestas palavras o discreto Gama
Enxerga bem, que as naos deseja perto
O Catual, poi que com ferro, e flamma
Lhas assalte, por odio descoberto.
Em varios pensamentos se derrama :
Phantasiando está remedio certo,
Que dêsse a quanto mal se lhe ordenava ;
Tudo temia, tudo em fim cuidava.

LXXXVII.

Qual o reflexo lume do polido ||
 Espelho de aço, ou de crystal formoso,
 Que do raio solar sendo ferido,
 Vai ferir n'outra parte luminoso ;
 E sendo da ociosa mão movido
 Pela casa do moço curioso,
 Anda pelas Paredes, e telhado,
 Trémulo, aqui e alli, e-dessocegado :

LXXXVIII.

Tal o vago juizo fluctuava
 Do Gama preso, quando lhe lembrara
 Coelho, se por caso o esperava
 Na praia co'os bateis, como ordenara :
 Logo secretamente lhe mandava,
 Que se tornasse á frota, que deixara,
 Não fosse salteado dos enganos,
 Que esperava dos feros Malumctanos.

LXXXIX.

Tal ha de ser, quem quer co'os domo de Marté
 Imitar os illustres, e iguala-los :
 Voar co'o pensamento a toda a parte,
 Adivinhar perigos, e evita-los :
 Com militar engenho, e subtil arte
 Entender os imigos, e engana-los :
 Crer tudo em fim ; que nunca louvarei
 O capitão que diga : Não cuidei.

XC.

Insiste o Malabar em te-lo preso,
 Se não manda chegar a terra a armada:
 Elle constante, e de iratnobre acceso,
 Os ameaços seus não tome nada:
 Que antes quer sobre si tomar o peso
 De quanto mal a vil malicia ousada
 Lhe andar armando, que pôr em ventura
 A frota de seu Rei, que tem segura.

XCI.

Aquella noite esteve alli detido,
 E parte do outro dia, quando ordena
 De se tornar ao Rei: mas impedido
 Foi da guarda que tinha não pequena;
 Commette-lhe o Gentio outro partido,
 Temendo de seu Rei castigo, ou pena,
 Se sabe esta malicia; a qual asinha
 Saberá, se mais tempo alli o detinha.

XCII.

Diz-lhe que mande vir toda a fazenda
 Vendibil, que trazia, para terra,
 Para que de vagar se troque e venda;
 Que quem não quer commercio busca guerra,
 Postoque os maos propositos entenda
 O Gama, que o damnado peito encerra,
 Consente; porque sabe por verdade.
 Que compra co a fazenda a liberdade.

XCIII.

Concertam-se que o negro mande dar
 Embarcações idoneas com que venha ;
 Que os seus bateis não quer aventurar
 Onde lhos tome o inimigo, ou lhos detenha ;
 Partem as almadias a buscar
 Mercadoria Hispana, que convenha :
 Escreve a seu irmão que lhe mandasse
 A fazenda, com que se resgatasse.

XCIV.

Vem a fazenda a terra, aonde logo
 A agasalhou o infame Catual :
 Com ella ficam Alvaro e Diogo,
 Que a podessem vender pelo que val.
 Se mais que obrigação, que mando e rogo,
 No peito vil, o premio pode e val,
 Bem o mostra o Gentio a quem o entenda ;
 Pois o Gama soltou pela fazenda.

XCV.

Por ella o solta, crendo que alli tinha
 Penhor bastante, donde recebesse
 Interesse maior do que lhe vinha,
 Se o Capitão mais tempo detivesse.
 Elle vendo que já lhe não convinha
 Tornar a terra, porque não podesse
 Ser mais retido, sendo ás naos chegado,
 Nellas estar se deixa descansado,

XCVI.

Nas naos estar se deixa vagaroso,
 Até ver o que o tempo lhe descobre;
 Que não se fia já do cobiçoso
 Regedor corrompido, e pouco nobre.
 Veja agora o juizo curioso
 Quanto no rico, assi como no pobre,
 Pode o vil interesse, e sede imiga
 Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

XCVII.

A Polydoro mata o Rei Threicio,
 Só por ficar senhor do grão thesouro :
 Entra pelo fortissimo edificio
 Com a filha de Acrisio a chuva d'ouro :
 Pode tanto em Tarpeia avaro vicio,
 Que a troco do metal luzente, e louro,
 Entrega aos inimigos a alta torre,
 Do qual quasi affogada em pago morre;

XCVIII.

Este rende munidas fortalezas,
 Faz traidores, e falsos os amigos :
 Este a mais nobres faz fazer vilezas,
 E entrega capitães aos inimigos :
 Este corrompe virginaes purezas,
 Sem temer de honra ou fama a alguns perigos :
 Este deprava ás vezes as sciencias,
 Os juizos cegando, e as consciencias.

XCIX.

Este interpreta mais que subtilmente
Os textos : este faz, e desfaz leis :
Este causa os perjurios entre a gente :
E mil vezes tyrannos torna os Reis.
Até os que só a Deos Omnipotente
Se dedicam, mil vezes ouvireis,
Que corrompé este encantador, e illude
Mas não sem cor, com tudo, de virtude.

OS LUSÍADAS.

CANTO NONO.

ARGUMENTO

DO CANTO NONO.

Livre já das traições, e perigos que o ameaçavam, sabe Vasco da Gama de Calcut, e volta para o Reino com as alegres novas do descobrimento da India Oriental : encaminha-o Venus a huma Ilha deliciosa : descripção da mesma Ilha : desembarque dos navegantes : festivas demonstrações com que alli são recebidos, das Nereidas os soldados, e de Thetis o Gama.

OUTRO ARGUMENTO.

Parte de Calcut o Lusitano,
Com as alegres novas do Oriente,
E no meio do tumido Oceano,
Venus lhe mostra huma Insula excellente :
Aqui de todo bem soffrido dano,
Acha repouso assaz conveniente,
E com Nymphas gentis o mais do dia
Em festas passa, e jogos de alegria.



OS LUSIADAS.



CANTO NONO.

I.

Tiveram longamente na cidade,
Sem vender-se a fazenda os dous feitores;
Que os infieis por manha, e falsidade,
Fazem que não lha comprem mercadores:
Que todo seu proposito, e vontade,
Era deter alli os descobridores
Da India tanto tempo, que viessem
De Meca as naos, que as suas deslizessem.

II.

Lá no seio Erythreo, onde fundada
Arsinoe foi do Egepcio Ptolemeo,
Do nome da irmã sua assi chamada,
Que depois em Suez se converteu;
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engradeceo
Com a superstição falsa, e profana
Da religiosa agua Ma'ometana.

III.

Gidá se chama o porto, aonde o trato
 De todo o Roxo mar mais florescia;
 De que tinha proveito grande, e grato,
 O Soldão, que esse reino possuía.
 Daqui aos Malabares, por contrato
 Dos infieis, formosa companhia
 De grandes naos, pelo Indico Oceano,
 Especialia vem buscar cada anno.

IV.

Por estas naos os Mouros esperavam,
 Que como fossem grandes e possantes,
 Aquellas que o commercio lhe tomavam,
 Com flaminas abraçassem crepitantes.
 Neste socorro tanto confiavam,
 Que já não querem mais dos navegantes,
 Senão que tanto tempo alli tardassem,
 Que da famosa Meca as naos chegassem.

V.

Mas o Governador dos ceos, e gentes,
 Que para quanto tem determinado,
 De longe os meios dá convenientes,
 Por onde vem a effeito o fim sadado;
 Iulhão piedosos accidentes
 De affeição em Monçaido, que guardado
 Estava para dar ao Gama aviso,
 É merecer por isso o Baraiso.

VI.

Este, de quem se os Mouros não guardavam,
 Por ser Mouro como elles, antes era
 Participante em quanto machinavam,
 A tenção lhe descobre torpe e fera :
 Muitas vezes as naos que longe estavam
 Visita, e com piedade considera
 O clamno, sem razão, que se lhe ordena
 Pela maligna gente Sarracena.

VII.

Informa o cauto Gama das armadas
 Que de Arabica Meca vem cada anno,
 Que agora são dos seus tão desejadas;
 Para ser instrumentos deste dano :
 Diz-lhe, que vem de gente carregadas,
 E dos trovões horrendos de Vulcano;
 E que pode ser dellas opprimido,
 Segundo estava mal aperecebido.

VIII.

O Gama, que tambem considerava
 O tempo, que para a partida o chama,
 E que despacho já não esperava
 Melhor do Rei, que os Maometanos ama ;
 Aos feitores, que em terra estão, mandava
 Que se tornem ás naos : e porque a fama
 Desta subita vinda os não impida,
 Lhe manda que a fizessem escondida.

IX.

Porém não tardou muito, que voando,
 Hum rumor não soasse, com verdade,
 Que foram presos os feitores quando
 Foram sentidos vir-se da cidade:
 Esta fama as orelhas penetrando
 Do sabio Capitão com brevidade
 Faz represalia n'huns que ás naos vieram
 A vender pedraria que trouxeram.

X.

Eram estes, antigos mercadores
 Ricos em Calecut, e conhecidos;
 Da falta delles, logo entre os melhores
 Sentido foi, que estão no mar retidos.
 Mas já nas naos os bons trabalhadores
 Volvem o cabrestante, e repartidos
 Pelo trabalho, huns puxam pela amarra,
 Outros quebram co'o peito duro a barra:

XI.

Outros pendem da verga, e já desatam
 A vela, que com grita se soltava;
 Quando com maior grita ao Rei relatam
 A pressa, com que a armada se levava;
 As mulheres, e filhos, que se matam,
 Daquelles que vão presos, onde estava
 O Samorim, se aqueixam que perdidos
 Huns tem os pais, as outras os maridos.

XII.

Manda logo os feitores Lusitanos
 Com toda sua fazenda livremente,
 A pezar dos inimigos Ma'ometanos,
 Porque lhe torne a sua presa gente ;
 Desculpas manda o Rei de seus enganos:
 Recebe o Capitão de melhor mente
 Os presos, que as desculpas ; e tornando
 Alguns negros, se parte as velas dando.

XIII.

Parte-se côsta abaixo, porque entende
 Que em vão co'o Rei gentio trabalhava
 Em querer delle paz, a qual pretende
 Por firmar o commercio que tratava.
 Mas como aquella terra, que se estende
 Pela Aurora, sabida já deixava,
 Com estas novas torna á patria clara,
 Certos signaes levando do que achara.

XIV.

Leva alguns Malabares, que tomou
 Por força, dos que o Samorim mandara,
 Quando os presos feitores lhe tornou ;
 Leva pimenta ardente, que comprara :
 A secca flor de Banda não ficou,
 A noz, e o negro cravo, que faz clara
 A nova ilha Maluco, co'a canella,
 Com' que Ceilão he rica, illustre, e bella.

XV:

Isto tudo lhe houvera a diligencia
 De Monçaide fiel, que tambem leva,
 Que inspirado de angelica influencia,
 Quer no livro de Christo que se escreva:
 Oh ditoso Africano, que a clemencia
 Divina assi tirou d'escura treva,
 E tão longe da patria achou maneira
 Para subir á patria verdadeira !

XVI.

Apartadas assi da ardente costa,
 Às venturosas naos, levando a proa
 Para onde a natureza tinha posta
 A meta Austrina da esperanza boa;
 Levando alegres noivas, e resposta
 Da parte Oriental para Lisboa;
 Outra vez commettendo os duros medos
 Do mar incerto, tímidos e ledos:

XVII.

O prazer de chegar á patria clara,
 A seus penates claros, e parentes,
 Para contar a peregrina, e rara
 Navegação, os varios ceos, e gentes;
 Vir a lograr o premio que ganhara
 Por tão longos trabalhos, e accidentes,
 Cada hum tem por gosto tão perfeito,
 Que o coração para elle he vaso estreito.

XVIII.

Forém a densa 'Cypria, que ordenada
 Era para fav'or dos Lusitanos,
 Do padrê eterno, e por bõm genio dada,
 Que sêmpre' os guia já de longos annos,
 A gloria por trãbalhos alcançada,
 Satisfação de bem soffridos danos,
 Lhe andãva' já ordenãdo, 'e pretendia
 Dar-lhe nos mares tristes' alegria.

XIX.

Depois de ter 'húm pouco' revolvido
 Na mente o largo mar que navegaram,
 Os trabalhos que pelo 'Deos nascido
 Nas Amphioneas 'Thebas se cáusaram ;
 Já trazia de longe rio sentido,
 Para premio de quãnto mal' passaram,
 Buscãr 'lhe' algũm deleitê, 'algũm' descãso
 No reino de crystal' liquido, e manso :

XX.

Algum repouso em fim! cõm que pudesse
 Refocilar a lassa humanidade
 Dos navegantes' seus, cõmo intêresse
 Do trabalho! que encurtã a brevê idade;
 Parece-lhe' razãõ que conta dêsse
 A seu filhõ, 'põr' cõija potêstade'
 Os deoses' faz' descêr ab vil terreno
 E os humanos subir' ab ceo' sereno

XXI.

Isto bem revolvido, determina
 De ter-lhe aparelhada, lá no meio
 Das aguas alguma insula divina,
 Ornada d'esmaltado e verde arreo :
 Que muitas tem no reino que confina
 Da mãe primeira co'o terreno seio,
 Afora as que possui soberanas
 Para dentro das portas Herculanãs,

XXII

Alli quer que as aquaticas donzellas
 Esperem os fortissimos Barões,
 Todas as que tem titulo de bellas,
 Gloria dos olhos, dor dos corações,
 Com danças, e choreas, porque nellas
 Influirá secretas affeições,
 Para com mais vontade trabalharem
 De contentar a quem se affeioárem.

XXIII.

Tal manha buscou já, para que aquelle
 Que de Anchises pario, bem recebido
 Fosse no campo, que a bovina pelle
 Tomou de espaço, por subtil partido :
 Seu filho vai buscar, porque só nelle
 Tem todo seu poder, fero Cupido ;
 Que assi como naquella empreza antiga
 A ajudou já, nest'outra a ajude, e siga,

XXIV.

No carro ajunta as aves, que na vida
Vão da morte as exequias celebrando,
E aquellas em que já foi convertida
Peristera, as boninas apanhando.
Em derredor da deosa já partida,
No ar lascivos beijos se vão dando :
Ella por onde passa, ó ar, e o vento
Serenos faz com braudo movimento.

XXV.

Já sobre os Idalios montes pende,
Onde o filho si echeiro estava então,
Ajuntando outros muitos ; que pretende
Fazer huma famosa expedição
Contra o mundo rebelde, porque emende
Erros grandes, que ha dias nelle estão,
Amando cousas, que nos foram dadas,
Não para ser amadas, mas usadas.

XXVI.

Via Acteon na caça tão austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que por seguir hum seo animal fero,
Foge da gente, e bella forma humana :
E por castigo quer, doce e severo,
Mostrar-lhe a formosura de Diana ;
E guarde se não seja inda comido
Desses cães, que agora ama, e consumido.

XXVII.

E vê do mundo todo os principaes, e
 Que nenhum n'olhom publico imagina;
 Vê nelles, que não tem amor d'mais,
 Que a si somente, e a quem Philauçia ensina;
 Vê que esses que frequentamos reais,
 Paços, por verdadeira e sã doutrina,
 Vendem adulaçõs, que mal consente,
 Mondar-se o novo trigo libcente;

XXVIII.

Vê que aquelles que deuem á pobreza
 Amor diuino, e ao povo charidade;
 Amam somente mandos, e riqueza,
 Simulando justiça, e integridade,
 Da fea tyraonia, e de aspereza,
 Fazem direito, o vãa severidade:
 Leis em favor do Rei se estabelecem,
 As em favor do povo só perecem.

XXIX.

Vê em fim, que ninguém ama o que deve,
 Senão o que somente mal deseja;
 Não quer que tanto tempo se releve
 O castigo que duro e justo seja,
 Seus ministros ajunta, porque leve
 Exercitos conformes á peleja,
 Que espera ter co'animal regida gente,
 Que lhe não, for agora obediente.

.NXX.

Muitos destes meninos voadores
 Estão em vanias obras trabalhando,
 Huns amolando ferros passadores,
 Outros hasteas de settas delgaçando ;
 Trabalhando, cantando estão de amores,
 Varios casos em verso modulando,
 Melodia sonora, e concertado,
 Suave a letra, angelica a sonda.

XXXI.

Nas fragoas immortaes, onde forjavam
 Para as settas as pontas penetrantes,
 Por lenha, corações ardendo estavam,
 Vivas entranhas inda palpitantes :
 As aguas onde os ferros temperavam ;
 Lagrimas são de miseros amantes ;
 A viva flamma, o nunca morto lume,
 Desejo he só que queima, e não consume,

XXXII.

Algũs exercitando a mão andavam
 Nos duros corações da plebe ruda ;
 Crebros suspiros pelo ar soavam ;
 Dos que feridos vam da setta aguda :
 Formosas nymphas são as que curavam
 As chagas recebidas, cuja ajuda
 Não somente dá vida aos mal feridos ;
 Mas põem em vida os inda não nascidos.

XXXIII.

Formosas são, algumas, e outras feas,
 Segundo a qualidade for das chagas;
 Que o veneno espalhado pelas veas
 Curam-no ás vezes, asperas triagas.
 Alguns ficam ligados em cadeas
 Por palavras subtis de sabias magas;
 Isto acontece ás vezes, quando as settas
 Acertam de levar hervas secretas.

XXXIV.

Destes tjros assi desordenados,
 Que estes moços mal destros vão tirando,
 Nascem amores, mil desconcertados
 Entre o povo ferido, miserando:
 É tambem nos heroes de altos estados
 Exemplos mil, se vem de amor nefando,
 Qual o das moças, Bibli, e Cinyrea:
 Hum mancebo de Assyria, hum de Judea;

XXXV.

E vós ó poderosas, por pastoras
 Muitas vezes ferido o peito vedes,
 E por baixos e rudos, vós senhoras,
 Tambem vos tomam nas Vulcaneas redes,
 Huns esperando andais nocturnas horas,
 Outros subis telhados e paredes:
 Mas eu creio, que deste amor indino,
 He mais culpa a da mãe, que a do menino;

XXXVI.

Mas já no verde prado o carro levê
 Punham os brancos cysnes mansamente ;
 E Dione, que as rosas entre a neve
 No rosto traz, descia diligente.
 O frecheiro, que contra o ceo se atreve ;
 A recebe-la vem ledô e contente ;
 Vem todos os Cupidos servidores
 Beijar a mão á deosa dos amores.

XXXVII.

Ella, porque não gaste o tempo em vão ;
 Nos braços tendo o filho, confiada
 Lhe diz : Amado filho, em cuja mão
 Toda minha potencia está fundada,
 Filho, em quem minhas forças sempre estão,
 Tu que as armas Typheas tens em'nada,
 Á soccorrer-me a tua potestade
 Me traz especial necessidade.

XXXVIII.

Bem vês as Lusitanicas fadigas,
 Que eu já de muito longe favoreço,
 Porque das Parcas sei minhas amigas,
 Que me hão de venerar, e ter em preço.
 E porque tanto inutilam as antigas
 Obras de meus Romanos, me offereço
 A lhe dar tanta ajuda em quanto posso,
 A quanto se estender o poder nosso.

XXXIX.

E porque das insidias do odioso
 Barchã foram na India molestados,
 E das injurias sós do mar undoso
 Puderam mais ser mortos, que cansados :
 No mesmo mar, que sempre temeroso
 Lhe foi, quero que sejam repousados,
 Tomando aquelle premio, e doce gloria
 Do trabalho que faz clara a memoria.

XL.

E para isso queria que feridas
 As filhas de Nereo, no ponto fundo,
 D'amor dos Lusitanos incendidas,
 Que vem de descobrir o novo mundo,
 Todas n'huma ilha juntas, e subidas,
 Ilha, que nas entranhas do profundo
 Oceano terei apparelhada,
 De dons de Flora, e Zephyro adornada;

XLI.

Alli com mil refrescos e manjares,
 Com vinhos odoriferos, e rosas,
 Em crystallinos paços singulares,
 Formosos leitos, e ellas mais formosas ;
 Em fim, com mil deleites não vulgares,
 Os esperem as nymphas amorosas,
 D'amor feridas, para lhe entegarem
 Quanto dellas os olhos cubigarem :

XLII.

Quero que haja no Reino Neptunino,
 Onde eu nasci, pro genie, sorte e bella;
 E tome exemplora mundo vil, malino,
 Que te d'antua: potencia se rebella;
 Por qua entendam, que m'uso, adamantino,
 Nem triste hypoqnisia val contra ella;
 Mal haverá na terra, quem se guarda,
 Se teu sogor, immortal nas aguas arde.

XLIII.

Assi Venus propoz, e o filho inico,
 Para lhe alcedescer já, se apercebe;
 Manda trazer o arco eburneo, rico,
 Onde as setas de ponta de ouro embebe.
 Com gesto ledo a Cypria, e impudico,
 Dentro no carpo do filho se recebe;
 A rdea larga ás aves, se vio conto
 A Phactontea morte, chorou tanto.

XLIV.

Mas diz Cupido, que era necessaria
 Hum'a famosa e celebre terceira,
 Que postoque mil vezes, ha de contraria,
 Outras muitas a tempo, compadheira;
 A deosa Gigantea, demerada,
 Jactante, mentirosa, e mendada;
 Que com rem plbos vete, por onde vpa,
 O que vê, com mil bocas apregca.

XLV.

Vão-na buscar, e mandam-ná'diante,
 Que celebrando vá com tuba clará⁷.
 Os louvores da gente navegante,
 Mais do que nunca os d'ouffrem' celebrara.
 Já murmurando a Fama penetrante
 Pelas fundas cavernas se espalhara ;
 Falla verdade, havida por verdade ;
 Que junto a deosa traz Credulidade.

XLVI.

O louvor grande, o rumor excellente
 No coração dos deoses, que indignados
 Foram por Baccho contra a illustre gente,
 Mudando os fez hum pouco affeição^{dos}.
 O peito feminil, q'no levemente
 Muda quaesquer propositos tomados,
 Já julga por mau zelo, e por crueza
 Desejar mal a tanta fortaleza.

XLVII.

Despede nisto o fero moço as settas
 Humas após outra ; geme o mar cò'os tiros :
 Direitas pelas ondas inquietas
 Algumas vão, e algumas fazem giros :
 Cahem as nympha, lançam'das secretas
 Entranhas ardentissimos suspiros ;
 Cabe qualquer, sem ver o vulto que ama
 Que tanto como a vista pode a fama.

XLVIII.

Os cornos ajuntou da ebunnea lua;
 Com força o moço indomito excessiva,
 Que Tethys quer ferir mais que nenhuma;
 Porque, mais, que, nenhuma lhe era esquivã.
 Já não, fica na, aljava setta alguma,
 Nem nos equoreos campos nympha viva;
 E se feridas inda estam vivendo,
 Será para sentir, que vam morcendo.

XLIX.

Dai lugar, altas e ceruleas ondas,
 Que, vedes, Venus traz a medicina,
 Mostrando as brancas velas, e redondas,
 Que vem por cima da agua Neptunina:
 Para que tu reciproco respondas,
 Ardente Amor, á flamma feminina,
 He forçado, que a pudicia honesta
 Faça quanto lhe Venus admoesta.

I I.

Já todo o bello coro se apparelha
 Das Nereidas, e junto caminhava
 Em choreas gentis, usança velha,
 Para a filha, a que Venus as guiava:
 Alli a formosa deusa, lhe aconselha
 O que ella fez mil vezes, quando amava.
 Ellas, que vam do doce amor vencidas,
 Estão a seu conselho, offerecidas.

LI.

Cortando vão as naos a larga via
 Do mar ingente para a patria amada,
 Desejando prover-se de agua fria
 Para a grande viagem prolongada :
 Quando juntas, com subita alegria,
 Houveram vista da ilha namorada,
 Rompendo pelo ceo a mãi formosa
 De Memnonio, suave e deleitosa.

LII.

De longe a ilha viram fresca e bella,
 Que Venus pelas ondas lha levava,
 (Bem como o vento leva branca vela)
 Para onde a forte armada se enxergava :
 Que porque não passassem, sem que nella
 Tomassem porto, como desejava,
 Para onde as naos navegam a movia
 A Acidalia, que tudo em fim pouia.

LIII.

Mas firme a fez e immobil, como vio
 Que era dos nautas vista, e demandada ;
 Qual ficou Delos, tanto que pario
 Latona Phebo, e a deosa á caça usada,
 Para lá logo a proa o mar abriu,
 Onde a costa fazia huma encuada
 Curva e quieta, cuja branca area
 Pintou de ruias conchas Cytherea.

LIV.

Tres formosos outeiros se mostravam
 Erguidos com soberba graciosa,
 Que de gramineo esmalte se adornavam,
 Na formosa ilha alegre, e deleitosa :
 Claras fontes, e limpidas manavam
 Do cume, que a verdura tem viçosa ;
 Por entre pedras alvas se deriva
 A sonora lymphia fugitiva.

LV.

N'hum valle ameno, que os outeiros fende,
 Vinham as claras aguas ajuntar-se,
 Onde huma meza fazem, que se estende
 Tão bella, quanto pode imaginar-se:
 Arvoredo gentil sobre ella pende,
 Como que prompto está para afeitar-se,
 Vendo-se no crystal resplandecente,
 Que em si o está pintando propriamente.

LVI.

Mil arvores estão ao ceo subindo
 Com pomos odoriferos e bellos :
 E l'arangeira tem no fructo lindo
 A cor, que tinha Daphne nos cabellos ;
 Encosta-se no chão, que está cahindo
 A cidreira co'os pezos amarellos ;
 Os formosos limões, alli cheirando,
 Estão virgineas tetas imitando.

LVII.

As arvores agrestes, que os outeiros
 Tem com frondente coma ennobrecidos,
 Aemos são de Alcides, e os loureiros
 Do louro deos amados, e queridos:
 Myrtos de Cytherea, co'os pinheiros,
 De Cybele, por outro amor vencidos;
 Está apontando o agudo cypariso
 Para onde he posto o ethereo paraíso.

LVIII.

Os dons que dá Pomona, alli natura
 Produze diferentes, nos sabures,
 Sem ter necessidade de cultura,
 Que sem ella se dão muito melhores:
 As cerejas purpureas na pintura;
 As amoras, que o nome tem de amores;
 O pomo, que da patria Persia veio,
 Melhor tornado, no terreno alheio:

LIX.

Abre a romãça mostrando a rubicunha
 Cor com que tu, rubi, deo prego perdes;
 Entre os braços do ulmeiro está a jucunda
 Vide, c'huns cachos rouxos, e outros verdes:
 E vós se na vossa arvore secunda,
 Peras pyramidaes, viven- quizerdes,
 Entregai, vos ao damno que, eo'os bicos
 Em vós fazem, os passaros ánicos.

LX.

Pois a tapeçaria bella e fina,
 Com que se cobre o rustico terreno,
 Faz ser a de Achemenia menos dina,
 Mas o sombrio valle mais ameno.
 Alli a cabeça a flor Cephisia inclina
 Sobolo tanque lucido e sereno ;
 Florece o filho e neto de Cinyras,
 Por quem tu, deosa Paphia, inda suspiras ;

LXI.

Para julgar difficil cousa fora,
 No ceo vendo, e na terra as mesmas cores ;
 Se dava ás flores cor a bella Aurora,
 Ou se lha dão a ella as bellas flores.
 Pintando estava alli Zephyro, e Flora
 As violas da cor dos amadores ;
 O lirio roxo, fresca rosa bella,
 Qual reluzo nas faces da donzella :

LXII.

A cándida cecem, das matutinas
 Lagrimas rociada, e a mangerona ;
 Vem-se as letras nas flores Hyacinthinas ;
 Tão queridas do filho de Latona :
 Bem se enxerga nos pomos e boninas,
 Que competia Chlovis com Pomona :
 Pois se astaves n'ó ar cantando voam ?
 Alegres animaes o chão p'voam.

LXIII

A longo da agua o piyeo cysneranta;
 Responde-lhe do ramo philomela;
 Da sombra de scus cornos não se espanta
 Acteon n'agua qnystalina e bella;
 Aqui a fugace lebre se levanta
 Da espessa mata, n'um liquida gazella;
 Alli no bicq' d'raz ao charo niuho,
 Q' mantimento o leye passarinho.

LXIV

Nesta fressura, tgl' desembarcavam
 Já das naos os seguintes Argonautas;
 Onde pela floresta se deixavam
 Andar as bellas deusas, como incautas;
 Algumas de ces, eitharas tocavam,
 Algumas arpas, e os sonos das frutas,
 Outras co' os arcos de ouro se fingiam
 Seguir os animas, que não seguiam.

LXV

Assi lho aconselhara a mestra experta
 Que andassem pelas campos espalhadas;
 Que vista dos Barões n'pueso incerta
 Se fizessem p'rieteiro desejadas;
 Algumas, que na forma descoberta
 Do bello corpo estavam confidadas;
 Posta a artificiosa formosura
 Nuas lavar, se deixam na regoa purpa.

LXVI.

Mas os fortes mancebos, que na prada
 Punham os pés de terra cobibidos;
 Que não ha nenhum delles, que não saia
 De acharem caça agreste desejosos;
 Não cuidam que sem laço, ou redes, caia
 Caça naquelles montes delectosos,
 Tão suave, e doméstica, e benina,
 Qual ferida ha tinha já Krycina.

LXVII.

Alguns que em espingardas, e nas bestas;
 Para ferir os cervos se fiavam,
 Pelos sombrios matos, e florestas
 Determinadamente se lançavam;
 Outros nas sombras, que das altas sestas
 Defendem a verdura, passeavam
 Ao longo da água, que suave, e queda
 Por alvas pedras corre á praia leda.

LXVIII.

Começam de enxergar subitamente
 Por entre verdes ramos varias cores;
 Cores de quem a vista julga, e sente
 Que não eram das rosas, ou das flores;
 Mas da lã fina, e sedar differente,
 Que mais inclina os olhos a amores,
 De que se vestem as humidas rosas,
 Fazendo-se por arte mais formosas.

LXIX.

Dá Velloso espantado hum grande grito :
 Senhores, çaça estranha,, disse, he esta :
 Se inda dura o Gento antigo rito,
 A deosas he sagrada esta floresta :
 Mais descobrimos do que humano espirito
 Desejou nunca ; e bem se manifesta,
 Que são grandes as cousas, e excellentes,
 Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

LXX.

(tes,

Sigamos estas deosas, e vejamos||
 Se phantasticas são, se verdadeiras.
 Isto dito, velozes mais que gamos,
 Se lançam a correr pelas ribeiras.
 Fugindo as nymphas vão por entre os ramos;
 Mas mais industriosas, que ligeiras,
 Pouco e pouco, sorrindo, e gritos dando,
 Se deixam ir dos galgos alcançando.

LXXI.

De huma os cabellos de ouro o vento levã
 Correndo, e da outra as fraldas delicadas :
 Accende-se o desejo, que se ceva
 Nas alvas carnes subito mostradas :
 Huma de industria cabe, e já releva
 Com mostras mais macias, que indignadas;
 Que sobre ella empecendo tambem caia
 Quem a seguiu pela arenosa praia.

LXXII.

Outros por outra parte vão topar
 Com as deosas despidas, que se lavam ;
 Ellas comçeçam subito a gritar,
 Como que assalto tal não esperavam.
 Humas fingindo menos estimar
 A vergonha que a força, se lançavam
 Nuas por entre o mato, aos olhos dando
 O que ás mãos cobigosas vão negando.

LXXIII.

Outra, como acudindo mais depressa
 Á vergonha da deosa caçadora,
 Esconde o corpo n'agua ; outra se apressa
 Por tomar os vestidos, que tem fora.
 Tal dos mancebos ha, que se arremessa
 Vestido assi, e calçado, (que co'a mora
 De se despir ha medo que inda tarde)
 A matar n'a agua o fogo que nelle arde.

LXXIV.

Quai cão de caçador, sagaz e ardido,
 Usado a tomar na agua a ave ferida,
 Vendo ao rosto o ferro cano erguido
 Para a garçenha, ou pala conhecida,
 Antes que soo o estouro, mal sofrido
 Salta n'agua, e da presa não duvida,
 Nadando vai, latindo : assi o mancebo
 Remette á que não era irmã de Phebo.

LXXV.

Leonardo, soldado bem disposto,
 Manhoso, cavalleiro, e namorado,
 A quem amor não dera hum só desgosto,
 Mas sempre fora delle maltratado ;
 E tinha já por firme presupposto
 Ser com amores mal affortunado,
 Porém não que perdesse a esperança
 De iuda poder seu fado ter mudança :

LXXVI.

Quiz aqui sua ventura, que corria
 Após Ephyre, exemplo de belleza,
 Que mais caro que as outras dar queria
 O que deo, para dar-se a natureza.
 Já cansado correndo lhe dizia :
 Ó formosura indigna de aspereza,
 Pois desta vida te concedo a palma,
 Espera hum corpo de quem levas a alma.

LXXVII.

Todas de correr cansam, nympha pura,
 Rendendo-se á vontade do inimigo ;
 Tu só de mi só foges na espessura ?
 Quem te disse, que eu era o que te sigo ?
 Se to tem dito já aquella ventura,
 Que em toda a parte sempre anda comigo,
 O' não na creas, porque eu quando a cria,
 Mil vezes cada hora me mentia.

LXXVIII.

Não cansas, que não cansas : eis a, queres
 Fugir-me, porque não possa tocar-te,
 Minha ventura heidal, que inda, que esperes,
 Ella fará que não possa alcançar-te.
 Espera : que no ver, se tu quizeres,
 Que subtil modo busca de escapar-te,
 É notarás no fim deste successo,
 « Tra la spiga e la man qua'l muro è messo,

LXXIX.

Ó não me fijas : Assim nunca o breve,
 Tempo fuja, de tua formosura,
 Que só com refrear o passo leve,
 Vencerás da fortuna a forga dura,
 Que Imperador, que exercito se atreve,
 A quebrantar a furia da ventura,
 Que em quanto desejar me vai seguindo?
 O que tu só farás não me fugindo.

LXXX.

Poens-te da parte da desdita minha?
 Fraqueza he dan ajuda ao mais potente.
 Levas-me hum coração, que lixe tinha?
 Solta'mp, e conserás mais levemente.
 Não te carregas essa alma tão mesquinha;
 Que nesses fios de ouro reluzente,
 Atada levas? Ou depois de presa
 Lhe mudaste a ventura, e mecos pesa?

LXXXI.

Nesta esperança só te vou seguindo ;
 Que ou tu não soffrerás o peso della,
 Ou na' virtude de teu gesto lindo
 Lhe mudarás a triste e dura estrella :
 E se se lhe mudar, não vás fugindo,
 Que amor te ferirá, gentil donzella,
 E tu me esperarás, se amor te fere ;
 E se me esperas, não ha mais que espere,

LXXXII.

Já não fugia a bella nympha, tanto
 Por se dar cara ao triste que a seguia,
 Como por ir ouvindo o doce canto,
 As namoradas magoas que dizia.
 Volvendo o rosto já sereno e santo,
 Toda banhada em riso, e alegria,
 Cahir se deixa aos pés do vencedor,
 Que todo se desfaz em puro amor.

LXXXIII.

Oh que famintos beijos na floresta !
 E que mimoso choro que soava !
 Que affagos tão suaves ! Que ira honesta,
 Que em risinhos alegres se tornava !
 O que mais passam na manhã, e na sesta ;
 Que Venus com prazeres inflammava,
 Melhor he exprimenta-lo que julga-lo,
 Mas julgue-o quem não pode exprimenta-lo,

LXXXIV.

Desta arte em fim conformes já as formosas
Nymphas co'os seus amados navegantes,
Os ornam de capellas deleitosas,
De'louro, e de ouro, e flores abundantes ;
As mãos alvas lhe davam como esposas ;
Com palavras formaes, e estipulantes
Se promettem eterna companhia
Em vida e morte, de honra e alegria.

LXXXV.

Huma dellas maior, a quem se humilha
Todo o coro das nymphas, e obedece,
Que dizem ser de Caelo e Vesta filha,
O que no gesto bello se parece,
Enchendo a terra, e o mar de maravilha,
O Capitão illustre, que o merece,
Recebe alli com pompa honesta e regia,
Mostrando-se senhora grande e egregia ;

LXXXVI.

Que depois de lhe ter dito quem era,
C'hum alto exordio de alta graça ornado,
Dando-lhe a entender, que alli viera
Por alta influença do immobil fado ;
Para lhe descobrir da unida esphera,
Da terra immensa, e mar não navegado
Os segredos, por alta prophecia,
O que esta sua nação só merecia :

LXXXVII.

Tomando-o pela mão o leva, e guia
 Para o cume d'hum monte alto e divino;
 No qual hũa rica fabrica se erguia
 De crystal toda, e de ouro puro, e fino.
 A maior parte aqui passam do dia
 Em docês jôgos, e em prâzer contino:
 Ella nos paços logra seus amores;
 As outras pelas sombras entre as flores.

LXXXVIII.

Assi a formosa, e a forte companhia
 O dia quasi todo estão passando
 N'humã alma, docê, incognita alegria,
 Os trabalhos tão longos compensando:
 Porque dos feitos grandes, da ousadia
 Forte e famosa o mundo está guardando
 O premio lá no fim bem merecido,
 Com tanta grande, e nome alto e subido;

LXXXIX.

Que as nymphas do Oceano tão formosas;
 Tethys, e a illia angelica pintada;
 Outra cousa não he, que as deleitosas
 Honras, que a vida fazem sublimada:
 Aquellas preeminências gloriosas,
 Os triumphos, a fronte coroadas
 De palma e louro, a gloria e maravilha;
 Estes são os deleites desta ilha;

XC.

Que as immortalidades que fingia,
 A antiguidade, que os illustres ama,
 Lá no estellante Olympo, a quem subia
 Sobre as azas inclytas da fama,
 Por obras valerosas que fazia,
 Pelo trahalho immenso, que se chama
 Caminho da virtude alto e frágoso,
 Mas no fim doce, alegre, e delectoso :

XCI.

Não eram, scñão premios, que reparte
 Por feitos immortaes e soberanos
 O mundo, co' os barões, que esforço e arte
 Divinos os fizeram, sendo humanos :
 Que Jupiter, Mercurio, Phebo, e Marte,
 Eneas, e Quirino, e os dous Thebanos,
 Ceres, Pallas, e Juno, com Diana,
 Todos foram de fraca carne humana,

XCII.

Mas a fama, trombeta de obras tais,
 Lhé deo no mundo nomes tão estranhos,
 De Deoses, Semideoses immortais,
 Indigetes, Heroicos, e de Magos,
 Por isso, ó vós, que as famas estimais,
 Se quizerdes no mundo ser, tamanhos,
 Depertai já do somno do ocio ignavo,
 Que o animo de livre faz escravo.

XCIII.

E ponde na cobiça hum freio duro,
 E na ambição tambem, que indignamente
 Tomais mil vezes, e nõ torpe e escuro
 Vicio da tyrannia infame, e urgente :
 Porque essas honras vâas, esse ouro puro
 Verdadeiro valor não dão á gente :
 Melhor he merece-los sem os ter,
 Que possui-los sem os merecer.

XCIV.

Ou dai na paz as leis iguaes, constantes,
 Que aos grandes não dem o dos pequenos ;
 Ou vos vesti nas armas rutilantes,
 Contra a lei dos inimigos Sarracenos :
 Fareis os reinos grandes e possantes,
 E todos tereis mais, e nenhum menos ;
 Possuireis riquezas merecidas,
 Com as honras, que illustram tanto as vidas.

XCV.

E fãeis clare o Rei que tanto amais,
 Agora co'os conselhos bem cuidados,
 Agora co'as espadas, que immortais
 Vos farão como os vossos já passados :
 Impossibilidades não façais,
 Que quem quiz sempre pode : e numerados
 Sereis entre os Heroes esclarecidos,
 E nesta ilha de Venus recebidos.

OS LUSIADAS.

CANTO DECIMO.

ARGUMENTO

DO CANTO DECIMO.

Convite de Tethys aos navegantes : canção prophetica da Sirena, em que toca as principais façanhas, e conquistas dos Vice-Reis, dos Governadores, e Capitães Portuguezes na India, até D. João de Castro : sobe Tethys com o Gama a hum monte, desde o qual lhe mostra a Esphera celeste, e tērrestre : descripção do Orbe, especialmente da Asia, e Africa : sahem da Ilha os navegantes, e seguindo a sua viagem chegam felizmente a Lisboa.

OUTRO . ARGUMENTO.

Às mesas de vivificos manjares,
Com as nymphas os Lusos valerosos,
Ovem de seus vindouros singulares
Façanhas, em accentos numerosos :
Mostra-lhes Tethys tudo quanto os mares,
E quanto os ceos rodeam luminosos,
A pequeno volume reduzido,
E torna a frota ao Tejo tão querido.



OS LUSIADAS.



CANTO DECIMO.

I.

Mas já o claro amador da Larissea
Adultera inclinava os animaes
Lá para o grande lago, que rodea
Temistitão, nos fins Occidentaes :
O grande ardor do Sol Favonio enfrea
Co'o sopro, que nos tanques naturaes
Encrespa a agua serena e despertava
Os lirios e jasmims que a calma aggravava :

II.

Quando as formosas nymphas co'os amantes
Pela mão, já conformes e contentes,
Subiam para os paços radiantes,
E de metaes ornados reluzentes,
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas d'altos manjares, excellentes,
Lhe tinha apparelladas, que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.

III.

Allí em cadeiras ricas, crystallinas,
 Se assentam dous e dous, amante, e dama;
 N'outras, á cabecera, d'ouro finas,
 Está co'a bella deusa o claro Gâma.
 De iguarias suaves e divinas,
 A quem não chega a'Egypcia antiga fama,
 Se accumulam os pratos de fulvo ouro,
 Trazidos lá do Atlantico thesouro.

IV.

Os vinhos, odóriseros, que acima
 Estão não só do Italico Falerno,
 Mas da Ambrosia, que Jove tanto estima,
 Com todo o ajuntamento sempiterno,
 Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,
 Crespas escumas erguem, que no interno
 Coração movem subita alegria,
 Saltando co'a mistura d'agua fria.

V.

Mil praticas alegres se tocavam,
 Risos doces, sublis, e argutos ditos,
 Que entre hum, e outro manjar se alevanta
 Despertando os alegres appetitos. (vam)
 Musicos instrumentos não faltavam,
 Quaes no profundo reino os nus espiritos
 Bizeram descansar da eterna pena,
 Chuma voz d'huma angelica Sirena.

VI.

Cantava a bella nympha, e co'os accentos,
 Que pelos altos paços vão soando,
 Em consonancia iguaes instrumentos
 Suaves vem a hum tempo conformando :
 Hum subito silencio enfrea os ventos,
 E faz ir docemente murmurando
 As aguas, e nas casas uaturaes
 Adormecer os brutos animaes.

VII.

Com doce voz está subindo ao ceo
 Altos barões, que estão por vir ao mundo,
 Cujas claras ideas vio Proteo
 N'hum globo vão, diaphano, rotundo ;
 Que Jupiter em dom lho concedeo
 Em sonhos : e depois no reino fundo
 Vaticinando o disse ; e na memoria
 Recolheo logo a nympha a clara historia:

VIII.

Materia he de rothurno, e não de-socco,
 A que a nympha aprendeo no immenso lago,
 Qual Iopás não soube, ou Demodoco,
 Entre os Pheaces hum, outro em Carthago.
 Aqui, minha Calliope, te invoco
 Neste trabalho extremo, porque em pago
 Me tornes, do que escrevo, e em vão pretendo ;
 O gosto de escrever, que vou perdendo.

.IX.

Vão os annos descendo, e já do estio
 Ha pouco que passar até o outono;
 A fortuna me faz o engenho frio,
 Do qual já não me jacto, nem me abono;
 Os desgostos me vão levando ao rio
 Do negro esquecimento, e eterno sono;
 Mas tu me dá que cureira, ó grão Rainha
 Das Musas, co'o que quero á nação minha!

.X.

Cantando a bella deusa, que viriam
 Do Tejo, pelo mar que o Gama abriça,
 Armadas que as ribeiras venceriam,
 Por onde o Oceano Indico suspira;
 E que os gentios Reis, que não dariam,
 A cerviz sua, ao jugo, o ferro e ira
 Provariam do braço duro e forte,
 Até render-se a elle, ou logo á morte;

.XI.

Cantava d'hum, que tem nos Malabares
 Do summo sacerdotio a d'guidade,
 Que só por não quebrar co' os singulares
 Barões os nps que pera d'amizade,
 Soffre a suas cidades, e lugares,
 Com ferro, incendios, ira, e crueldade,
 Ver destruir do Samprim potente,
 Que taes odios terá co'a nova gente,

XII.

E canta cōmō q̃ se embarcaria
 Em Belem o remédio deste llano,
 Sem saber o que em si ad mar traria;
 O grã Pacheco, Achilles Lusitano :
 O pezo sentirão, quando entraria,
 O curvo lenho, e o servido Oceano,
 Quando mais n'agua os troncos, que gemerem,
 Contra sua natureza se metterem.

XIII.

Mas já chegado aos fins Orientaes,
 E deixado em ajuda do gentio
 Rei de Coellim, com poucos naturaes,
 Nos braços do salgado e curvo rio,
 Desbaratará os Naires infernaes
 No passo Cambalão, tornando frio
 De espanto o ardor immenso do Oriente,
 Que verá tão to obrar tão pouca gente.

XIV.

Chamará o Samorim mais gente nova ;
 Virão Reis de Bipor, e de Tanor,
 Das serras de Narsinga, que allá prova
 Estarão promettendo a seu senhor :
 Fará que todo o Naire em fim se mova,
 Que entre Calcebe jaz, e Cananor,
 D'ambas as leis inimigas, para a guerra,
 Mouros por mar, gentios pela terra.

XV.

E todos outra vez desbaratando,
 Por terra e mar, o grão Pachêto ousado,
 A grande multidão, que irá matando,
 A todo o Malabar terá admirado.
 Commetterá outra vez, não dilatando,
 O Gêntio os combates apressado,
 Injuriando os seus; fazendo votos
 Em vão aos deoses vãos, surdos, e immotos;

XVI.

Já não defenderá somente os passos,
 Mas queimar-lhe-ha lugares, templos, casas :
 Acceso de ira o cão, não vendo lassos
 Aquelles que as cidades fazem rasas,
 Fará que os seus, de vida pouco escassos,
 Commettam o Pacheco, que tem asas,
 Por dous passos n'hum tempo : mas voando
 D'hum n'outro, tudo irá desbaratando.

XVII.

Virá alli o Samorim, porque em pessoa
 Veja a batalha, e os seus esforço, e anime ;
 Mas hum tiro, que com zonido voa,
 De sangue o tingirá no andor sublime.
 Já não verá remedio, ou manha boa,
 Nem força, que o Pacheco muito estime :
 Inventará traições, e vãos venenos :
 Mas sempre (o Ceo querendo) fará menos.

XVIII.

Que tornará a vez, septima, cantava,
 Pelejar, com o invicto e, forte Luso,
 A quem nenhum trabalho peza, e agrava,
 Mas com' tudo este só, o fará confuso :
 Trará para a batalha, horrenda e brava
 Machinas de madeiros fora de uso,
 Para lhe abalroar as caravelas,
 Que atelli, vão, lhe fora commette, las.

XIX.

Pela agua levará serras de fogo
 Para abraçar, lhe, quanta armada tenha :
 Más a militar arte, e engenho, logo
 Fará ser vã a braveza com que venha.
 Nenhum claro barão no marcio jogo,
 Que nas azas da fama se sustenha,
 Chega a este, que a palma a todos toma,
 E perdoe-me a illustre Grecia, ou Roma;

XX.

Porque tantas batalhas sustentadas -
 Com muito pouco mais de cem soldados,
 Com tantas manhas, e artes inventadas,
 Tantos cães, não imbelles profligados,
 Ou parecerão fabulas sonhadas,
 Ou que os celestes coros invocados
 Descerão a ajuda-lo, e lhe darão
 Esforço, força, ardil, e coração,

XXI.

Aquelle que nos campos Marathonios
 O grão poder de Diario estrue, e rende ;
 Ou quem com quatro mil Iacedemonios
 O passo de Thermopylas defende ;
 Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
 Que com todo o poder Tusco contende
 Em defesa da ponte, ou Quinto Fabio,
 Foi como este na guerra forte e sabio.

XXII.

Mas neste passo a nympha o sòm canoro
 Abaixando, fez ronco, e-entrístecido,
 Cantando em baixa voz, envolta em choro,
 O grande esforço mal agradecido.
 Ó Belizario, disse, que no coró
 Das Musãs será sempre engrandecido,
 Se em ti viste abatido o-bravo Marte,
 Aqui tens com quem podes consolar-te !

XXIII.

Aqui tens companheiro, assi nós feitos, -
 Como no galardão injusto e duro :
 Em ti, e nelle veremos altos peitos
 A baixo estado vir, humilde, e escuro :
 Morrer nos hospitaes, em pobres leitos,
 Os que ao Rei, e á lei servem de muro !
 Isto fazem os Reis, cuja vontade
 Manda mais que a justiça, e que a verdade :

XXIV.

Isto fazem os Reis quando embebidos
 N'humã apparencia branda que os contenta,
 Dão os premios de Aiace mercedos,
 Á lingua vãa de Ulysses fraudulenta.
 Mas viago-me, que os bens mal repartidos
 Por quem só doces sombras apresenta,
 Se não os dão a sabios cavalleiros,
 Dão-os logo a avarentos lisongeiros.

XXV.

Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
 Hum tal vassallo, ó Rei só nisto inico,
 Se não es para dar-lhe honroso estado,
 He elle para dar-te hum reino rico.
 Em quanto for o mundo rodeado
 Dos Ápollíneos raios, eu te fico,
 Que elle seja entre a gente illustre e claro;
 É tu nisto culpado por avaro.

XXVI.

Mas eis outro, cantava, intitulado
 Vem com nome Real, e traz consigo
 O filho, que no mar será illustrado,
 Tanto como qualquer Romano antigo :
 Ambos darão com braço forte, armado;
 A Quiloa fertil aspero castigo,
 Fazendo nella Rei leal e humano,
 Deitado fora o perfido Tyranno.

XXVM.

Tambem fãõ Mombaça; que se avrea
 De casss sumptuosas e edificios,
 Co' o ferro e fogo seu queimada e fea,
 Em pagoides passados maleficios.
 Depois na costa da India, andando chea
 De lenhos inimigos, e artificios,
 Contra os Lusos; com velas e com remos,
 O mancebo Lourenço farã extremos.

XXVIII.

Das grandes naos do Samorim potente,
 Que encherã todo o mar co' a terra pella
 Que sabe com trovão do cobre ardente,
 Farã pedaços leme, mastro, vela;
 Depois, lançando arpeos ousadamente
 Na capitaina inimiga, dentro nella
 Saltando, a farã só com lança e espada
 De quatro centos Mouros despejada.

XXIX.

Mas de Deos a escondida providencia,
 Que ella só sabe o bem de que se serve,
 O porã onde esforço, nem prudencia,
 Poderã haver, que a vida lhe reserve.
 Em Chaul, onde em sangue, e resistencia
 O mar todo com fogo e ferro serve,
 Lhe farã que com vida se não saia
 As armadas de Egypto, e de Cambaia.

XXX.

Alli o poder de muitos inimigos, *
 Que o grande esforço só com força rende,
 Os ventos que saltaram, e os perigos
 Do mar, que sobejaram, tudo o offende.
 Aqui i surjam todos os antigos
 A ver o nobre ardor, que aqui se aprende :
 Outro Sceva verão, que espedaçado
 Não sabe ser rendido, nem domado.

XXXI.

Com toda hũa coxa fora, que em pedaços
 Lhe leva hum cego tiro que passara,
 Se serve, inda dos animosqs braços,
 E do grão coração que lhe ficara :
 Até que outro pelouro quebra os laços,
 Com que co'a alma o corpo se liara :
 Ella solta voou da prisão fora,
 Onde subito se acha vencedora.

XXXII.

Vai-te, alma, em paz da guerra turbulenta
 Na qual tu mereceste paz serena !
 Que o corpo, que em pedaços se apresenta
 Quem o gerou vingança já lle ordena ;
 Que eu ouço retumbar a grão tormenta,
 Que vem já dar a dura e eterna pena,
 De esperas, basiliscos, e trabucos,
 A Cambaicos crucis, e a Mamelucos.

XXXIII.

Eis vem o pai com animo estupêdo,
 Trazendo furia, e magoa por antolhos,
 Com que o paterno amor lhe está movendo
 Fogo no coração, agua nos olhos:
 A nobre ira lhe vinha prometendo,
 Que o sangue fará dar pelos gielhos
 Nas inimigas naos: senti-lo ha o Nilo,
 Pode-lo ha o Indo ver, e o Gange ouvi-lo.

XXXIV.

Qual o touro dioso, que se ensaia
 Para a cçua peleja, os cornos tenta
 No tronco d'hum carvãlho, ou alta faia,
 E o ar ferindo; as forças exprimenta:
 Tal, antes que no seio de Cambaia
 Entre Francisco irado, na opulenta
 Cidade de Dabul a espada afia
 Abaixando-lhe a tímida ousadia;

.XXXV:

E logo entrando fêro na enseada
 De Dio, illustre em cerco e batalhas,
 Fará espalhar a traca e grande armada
 De Calcutn que remos tem por malhas:
 A de Melique Yaz acantelada,
 Com os pelouros que in Vulcano espalhas,
 Fará ir over o frio e fundo assento;
 Secreto leito do humfido elemento.

XXXVI.

Mas a de Mir-Hotem, que abalroando
 A furia esperará dos viugadores,
 Verá bravas; e pernas ir nadando.
 Sem corpos, pelo mar, de seus senhores:
 Raios de fogo irão representando
 No cego ardor os bravos d'armadores:
 Quanto alli sentirão olhos, e ouvidos,
 He fumo, ferio, flammás, e alaridos.

XXXVII.

Mas ah, que desta prospera victoria,
 Com que depois virá ao patrio Tejo,
 Quasi lhe estultará a famosa gloria
 Hum successo que triste, e negro vejo
 O cabo Tormentorio, que a memoria
 Co's ossos guardará, não terá pojo
 De tirar deste mundo aquelle espirito,
 Que não tiráram toda á India, e Egypto:

XXXVIII.

Alli Cafres selvagens poderão
 O que destrós inimigos não puderam;
 E rudos paos tostados sós farão
 O que ardeis, e polouros não fizeram:
 Occultos os juizos do Deos são!
 As gentes a ãas, que não nos entenderam,
 Chamam-lhe fado mau, fortuna escura,
 Sendo só providencia de Deos pura.

XXXIX.

Mas oh que luz tamanha, que abrir sinto,
 Dizia a nympha, e a voz alevantava,
 Lá no mar de Melinde em sangue tinto
 Das cidades de Lamo. de Oja, e Brava,
 Pelo Cunha tambem, que nunca extinto
 Será seu nome em todo o mar que lava
 As ilhas do Austro, e praias, que se chamam
 De São-Lourenço, e em todo o Sul se afaçam.

XL.

Esta luz he do fogo, e das luzentes
 Armas, com que o Albuquerque irá amansando
 De Ormuz os Parseos por seu mal valentes,
 Que refusam o jugo honroso, e brandos,
 Alli verão as settas estridentes
 Reciprocár-se, a ponta no ar virando
 Contra quem as tirou; que Deos peleja
 Por quem estende a fé da madre Igreja.

XLI.

Alli de sal os montes não defendem
 De corrupção os corpos no combate,
 Que mortos pela praia, e mar se estendem
 De Gerum, de Mascate, e Calayate:
 Até que á força só de braço aprendem
 A abaixar a cerviz, onde se lhe ate
 Obrigação de dar o reino unico
 Das perlas de Barem tributo rico.

XLII.

Que gloriosas palmas teccer vejo,
 Com que victoria a fronte lhe coroa,
 Quando sem sombra vãa de medo, ou pejo;
 Toma a ilha, illustrissima de Goa!
 Depois, obedecendo ao duro enßejo,
 A deixa, e occasião espera boa,
 Com que a torne a tomar; que esforço, e arte,
 Vencerão a fortuna, e o proprio Marte.

XLIII.

Eis já sobre ella torna, e vai rompendo
 Por muros, fogo, lanças, e pelouros,
 Ahirindo com a espada o espesso, e horrendo
 Esquadrão de Genthos, e de Mouros.
 Irão soldados inelytos, fazendo
 Mais que leões famelicos, e touros,
 Na luz que sempre celebrada, e dina
 Será da Egyptia Sancta Catharina,

XLIV.

Nem tu menos fugir, poderás deste,
 Posto que rica, e posto que assestada
 Lá no gremio, da Aurora onde nasceste,
 Opulenta Malaca nomeada!
 As setas venenosas que fizeste,
 Os crises gam que já te veio armada,
 Malaios navegadores, Javs valentes,
 Todos farás, ao Lusy obedientes.

XLV.

Mais estanças cantara esta Sirena
 Em louvor do illustrissimo Albuquerque,
 Mas alembrou-lhe huma ira que o condena,
 Postoque a fama sua o mundo cerque.
 O grande capitão, que o fado ordena
 Que com trabalhos gloria eterna merque,
 Mais ha de ser hum brando companheiro
 Para os seus, que juiz cruel, e inteiro.

XLVI.

Mas em tempo que fomes, e asperezas,
 Doenças, frechas, e trovões ardentes,
 A sação, e o lugar fazem cruizas
 Nos soldados a tudo obedientes;
 Parece de selvaticas brutezas,
 De peitos inhumanos, e insolentes,
 Dar extremo supplicio pela culpa
 Que a fraca humanidade, e Amor^o desculpa.

XLVII.

Não será a culpa abominoso incesto,
 Nem violento estupro em virgem pura,
 Nem menos adulterio deshonesto,
 Mas e' huma escrava vil, lasciva, e escuta.
 Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
 Ou de usado a cruiza fera e dura,
 Co'os seus huma ira insana não refree,
 Poem na fama alva nota negra e fea.

XLVIII.

Vio Alexandre Apelles namorado
 Na sua Campaspe, e deo-lha alegremente,
 Não sendo seu soldado experimentado,
 Nem vendo-se n'hum cerco duro e urgente.
 Sentio Cyro, que andava já abrazado
 Araspas de Panthea em fogo ardente,
 Que elle tomara em guarda, e promettia
 Que nenhuma mão desejo o venceria :

XLIX.

Mas vendo o illustre Persa, que vencido
 Fora de amor, que em fim não tem defesa
 Lavemente o perdoa, e foi servido
 Delle n'hum caso grande em recompensa.
 Por Lucra, de Juditha foi marido
 O heroe Baldovino ; mas dispensa
 Carlos, por della, posto em cousas grandes,
 Que viva, e povoador seja de Frandes.

L.

Mas proseguindo a nympha o longo canto,
 De Soares cantava, que as bandeiras
 Faria tremolar, e pôr espanto
 Pelas roxas Arabicas ribeiras.
 Medua abominabil teme tanto,
 Quanto Mera, e Gidá, co'as derradeiras
 Pradas de Abassia ; Barborá se teme
 De mal, de que o emporio Zeila geme.

LI.

A nobre ilha tambem de Taprobana,
 Já pelo nome antigo não famosa,
 Quanto agora soberba e soberana
 Pela cortiça calida, e cheirosa;
 Della dará tributo á Lusitana.
 Bandeira, quando excelsa, e gloriosa,
 Vencendo se erguerá na torre erguida
 Em Colombo, dos proprios tão temida.

LII.

Tambem Sequeira, as ondas Erythreas
 Dividindo, abrirá novo caminho
 Para o grande imperio, que te arreas
 De seres de Candace o Sabá ninho,
 Maçú, com cisternas de agua cheas,
 Verá, e o porto Aquico alli visinho,
 E fará descobrir remotas ilhas,
 Que dão ao mundo novas maravilhas.

LIII.

Virá depois Menezes, cujo ferro
 Mais na Africa, que cá terá provado:
 Castigação de Omuz soberba o outro
 Com lhe fazer tributo dar dobrado.
 Tambem, na Gama, em pago do desterro
 Em que estás, te sejas inda tonnado,
 Co'os titulos de Conde, e d' honras nobres
 Virás mandando a terra que das rochas,

LIV.

Mas aquella fatal necessidade,
De quem ninguem se exime dos humanos,
Illustrado co'a Regia dignidade,
Te tirará do mundo, e seus enganos.
Contro Menezes logo, cuja idade
He maior na prudencia que nos annos,
Governará, e fará o ditoso Henrique,
Que perpetua memoria delle lique.

LV.

Não vencerá somente os Malabares,
Destruindo Panane, com Coulete,
Committendo as bombardas, que nos ares
Se vingam só do peito que as commette;
Mas com virtudes certo singulares,
Vence os inimigos d'alma todos sete:
De cobiza triumpho, e incontinencia;
Que em ta' idade he summa de excellencia.

LVI.

Mas depois que as estrellas o chamarem,
Succederás, o forte Mascarenbas,
E se injustos o mando te tomarem,
Prometto-te que fama eterna tenbas!
Para teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venbas
A mandar, mais de palmas coroadas,
Que de fortuna justa acompanhado:

LVII.

No reino de Bittão, que tantos danos,
Terá a Malaca muito tempo feitos,
N'hum só dias injurias de mil annos
Vingarás co' o valor de illustres peitos:
Trabalhos e perigos inhumanos, q
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, setas,
Tudo fico que rompás, e submettas:

LVIII.

Mas na Índia cobiça e ambição,
Que claramente poem aberto o rosto
Contra Deos e justiça, te-farão
Vituperio nenhum, mas só desgosto.
Quem faz injuria vil, e sem razão,
Com forças e poder, em que está posto,
Não vence; que a victoria verdadeira
He saber ter justiça nua e inteira?

LIX.

Mas com tudo não nego, que Sampaio
Será no esforço illustre e assinalado,
Mostrando-se no mar hum ferro raio,
Que de inimigos mil, será coathado.
Em Bazaror fará cruel ensaio
No Malabar, para que amedrontado,
Depois a ser vencido delle, venha
Cutiale, com quanta armada tenha:

LX:

E não menos de Dio a fera frota,
 Que Chaul temerá, do grande e ousada,
 Fará co'a vista só perdida e rota
 Por Heitor da Sylveira; e destroçada;
 Por Heitor Portuguez, de quem se nota;
 Que na cõsta Cambaica sempre armada;
 Será aõs Guzarates tanto dano,
 Quanto já foi aõs Gregos o Troiano.

LXI.

A Sampaio feroz succederá
 Cunha, que l'õngo tempo tem o leme;
 De Chale as torres'altas erguerá,
 Em quanto' Dio illustre delle tremo:
 O sorte Baçaim se lhe dará,
 Não sem s'angué porém; que nelle geme
 Melique, porq'ue á forçã so de espada
 A tranqueira s'õberba vê tomada.

LXII.

Traz este vem Noronha, cu'õ auspicio
 De Dio os Rãmẽs feros afugenta;
 Dio, que o peito e bellico exercicio
 De Antonio da Sylveira bem sustenta.
 Fará em Noronha a morte'õ usado officio,
 Quando hu fr'õte'õ rãmõ, õ Gãmõ, se experimenta
 No governo do Império; cu'õ zelõ
 Com medo'õ Roxõ hãrã'õ a'õra'õ bello.

LXIII.

Das mãos do teu Estevam vem tomar
 As redeas hum, que já será illustrado
 No Brasil, com vencer e castigar
 O pirata Francez, ao mar usado :
 Depois Capitão mor do Indico mar,
 O muro de Damão soberbo, e armado
 Escala, e primeiro entra a porta aberta,
 Que fogo e frechas mil terão coberta.

LXIV.

A este o Rei Cambaico soberbissimo
 Fortaleza dará na rica Dio,
 Porque contra o Mogor poderosissimo
 Lhe ajude a defender o senborio :
 Depois irá com peito esforçadissimo
 A tolher que não passe o Rei gentio
 De Calecut, que assi com quantos veio
 O fará retirar de sangue cheio :

LXV.

Destruirá a cidade Repelim,
 Pondo o seu Rei com muitos em fugida ;
 E depois junto ao cabo Comorim
 Huma façanha faz esclarecida ;
 A frota principal do Samorim,
 Que destruir o mundo não duvida,
 Vencerá co'o furor do ferro e fogo ;
 Em si verá Beadala o marcio jugo.

LXVI.

Tendo assi, dimpa a India, dos inimigos,
 Virá depois, com sceptro a governa-la,
 Sem que ache resistencia, nem perigos,
 Que todos tremem d'elle, e nenhum dalla.
 Só quiz, provar, os asperos castigos
 Baticala, que Nina já Beadala ;
 De sangue e corpos mortos ficou chea,
 E de fogo e trovões, desfeita, e fea.

LXVII.

Este será Martinho, que de Marte
 O nome tem co'as obras derivado ;,
 Tanto em armas, illustre em toda parte,
 Quanto em conselho sabio, e bem cuidado,
 Succeder-lhe-ha alli Castro, que o estandarte
 Portuguez, terá, sempre levantado,
 Conforme successor ao succedido,
 Que hum ergue Dio, outro, o defende erguido.

LXVIII.

Persas ferozes, Abassis, e Rumes
 Que trazido de Roma, o nome tem,
 Varios de gestos, varios de costumes,
 Que mil nações ao cerco, feras vem,
 Farão dos ceos ao mundo, vãos, queixumes,
 Porque huns, poucos a terra, d'os detem ;
 Em sangue Portuguez, juram desgridos
 De bauiar os bigodes, retrocidos.

LXX.

Basiliscos medonhos, e leões, em
 Trabucos feros, e minas ericobetas,
 Sustenta Mascarenhas, e os barões,
 Que tão ledos as horas tem por cortas;
 Até que nas maiores oppressões,
 Castro libertador, fazendo libertas,
 Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
 Com a alma eterna; e a Deus se sacrificem.

LXXI.

Fernando hum delles, ramo da alta planta,
 Onde o violento fogo com ruido
 Em pedagos os muros no ar levanta,
 Será alli arrebicado, e ao Ceo subido.
 Alvaro, quando o inverno o mundo espanta,
 E tem o caminho humido impedido,
 Abrindo-o, vence as ondas, e os perigos,
 Os ventos, e depois os inimigos.

LXXII.

Eis vem depois o pai, que as ondas corta
 Co' o restante da gente Lusitana;
 E com força, e saber, que mais importa,
 Batalha dá felice, e soberana:
 Huns paredes subindo escusam porta,
 Outros a abrem na fera osquadra insana:
 Feitos farão tão dignos de memoria
 Que não caibam em verso, ou larga historia

LXXII.

Este depois em campo se apresenta
 Vencedor forte e intrepido ao possante
 Rei de Cambaia, e a vista lhe amedrenta
 Da fera multidão quadrupedante:
 Não menos suas terras mal sustenta
 O Hydacham do braço triumphante,
 Que castigando vai Dabul na costa;
 Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta.

LXXIII.

Estes e outros harões por varias partes;
 Dignos todos de fama e maravilho,
 Fazendo-se na terra bravos Martes,
 Virão lograr os gostos desta ilha,
 Varrendo triumphantes estandartes;
 Pelas ondas que corta a aguda quilha;
 E acharão estas nymphas, e estas mesas,
 Que glorias e honras são de arduas empresas;

LXXIV.

Assi cantava a nympha; e as outras todas
 Com sonozoso applauso vozes davam,
 Com que festejam as alegres vodas,
 Que com tanto prazer se celebravam,
 « Por mais que da fortuna andem as rodas,
 N'huma consona voz todas soavam,
 « Não vos lhão de saltar, gente famosa,
 « Honra, valor, e fama gloriosa!»

LXXV. I

Depois que a corporal necessidade
 Se satisfaz do mantimento nobre,
 E na harmonia, e doce suavidade,
 Viram os altos feitos, que descobre
 Tethys, de graça ornada, e gravidade;
 Para que com mais alta gloria dobre
 As festas deste alegre e claro dia,
 Para o felice Gama assi diziu :

LXXVI.

Faz-te mercê, Barão, à Sapiencia
 Suprema, de co'os olhos corporais
 Veres o que não pode a vã sciencia
 Dos errados, e miseros mortais !
 Sigue-me firme e forte, com prudencia,
 Por este monte espesso, tu co'os mais.
 Assi lhe diz : è o guia por hum mato
 Arduo, difficil, duro a humano trato.

LXXVII.

Não andam muito, que no erguido cume
 Se acharam, onde hum campo se esmaltava
 De esmeraldas, rubis taes, que presume
 A vista, que divino thão pizava.
 A qui hum globo vem no ar, que o lume
 Clarissimo por elle penetrava,
 De modo que o seu centro, está evidente,
 Como a sua superficie claramente.

LXXVIII.

Qual a materia seja não se enxerga,
 Mas enxerga se bem que está composto
 De varios orbes, que a divina verga
 Composz, e hum centro a todos só tem posto.
 Vovendo, ora se abaixe, agora se erga,
 Nunca s'ergue, ou se abaixa; e hum mesmo
 Por toda a parte tem, e em toda a parte (rosto
 Começa, e acaba em fim por divina arte:

LXXIX.

Uniforme, perfeito, em si sustido,
 Qual em fim o Archetypo, que o creou;
 Vendo o Gama este globo, commovido
 De espanto e de desejo alli ficou.
 Diz-lhe a deosa; O transumpto reduzido
 Em pequeno volume aqui te dou
 Do mundo aos olhos teus, para que vejas
 Por onde vâo, e irás, e o que desejas.

LXXX.

Vês aqui a grande machina do mundo,
 Etherea, e elemental, que fabricada
 Assi foi do saber alto, e profundo,
 Que he sem principio, e meta limitada,
 Quem cerca em derredor este rotundo
 Globo, e sua superficie tão limada,
 He Deos: mas o q he Deos ninguem o entende,
 Que a tanto o engenho humano não se estende.

LXXXI.

Este orbe, que primeiro vai, cercando,
 Os outros mais pequenos, que em si tem;
 Que está com luz tão clara, radiando,
 Que a vista cega, e a mente vil também;
 Impyreo se nome, onde logrando
 Puras almas estão de aquelle, bem
 Tamahó, que elle, só se entende e alcança,
 De quem não ha no mundo semelhança.

LXXXII.

Aqui só verdadeiros gloriosos
 Nivos estão; porque eu, Saturno, e Jano,
 Jupiter, Juno, somos fabulosos,
 Fingidos de mortal, e cego engano;
 Só para fazer versos, delectosos
 Servimos; e se mais o trato humano
 Nos pode dar, he só que o nome nosso
 Nestas estrellas, por o engenho vosso;

LXXXIII.

E também, porque a sanção, Providencia;
 Que em Jupiter, aqui se representa,
 Por espiritos mil, que tem prudencia,
 Governá o mundo, todo, que sustenta.
 Ensina-lo a prophetica sciencia
 Em muitos dos exemplos, que apresenta
 Os que são bons, e a vida favorecem,
 Os maos, em quanto podem, nos empecem.

LXXXIV.

Quer logo aqui a pintura que varia,
Agora deleitando, ora ensinando,
Dar-lhe nomes, que a antiga poesia
A seus deoses já dera, fabulando:
Que os Anjos de celeste companhia
Deoses o sacro verso está chamando;
Nem nega que esse nome precimente
Tambem aos maos se dá, mas falsamente:

LXXXV.

Em fim que o summo Deos, que por segundas
Causas obra no mundo, tudo manda,
E tornando a contar-te das profundas
Obras da mão divina veneranda,
Debaixo deste circulo, onde as mundas
Almas divinas gozam, que não anda,
Outro corre tão leve, e tão ligeiro,
Que não se enxerga; he o Mobile primeiro:

LXXXVI.

Com este raptó e grande movimento,
Vão todos os que dentro tem no seio:
Por obra deste, o Sol andando a tento,
O dia e noite faz, com curso allieio.
Debaixo deste leve anda outro lento,
Tão lento, e subjugado a duro freio,
Que em quanto Phebo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá elle hum passo,

LXXXVII.

Olha est'outro debaixo, que esmaltado
 De corpos lisos anda, e radiantes,
 Que tambem nelle tem curso ordenado,
 E nos seus axes correm scintillantes
 Bem vês como se veste e faz ornado
 Co'o largo cinto d'ouro, que estrellantes
 Animaes doze traz affigurados,
 Aposentos de Phebo limitados.

LXXXVIII.

Olha por ontras partes a pintura
 Que as estrellas fulgentes vão fazendo
 Olha a Carreta, attenta a Cynosura,
 Andromeda, e seu pai, e o Drago horrendo;
 Vê de Cassiopea a formosura,
 E do Oriente o gesto turbulento;
 Olha o Cysne morrendo que suspira,
 A Lebre, os Cães, a Nao, o a doce Lyra.

LXXXIX.

Debaixo deste grande firmamento
 Vês o ceo de Saturno, deos antigo;
 Jupiter logo faz o movimento,
 E Marte abaixo, hellico inimigo;
 O claro olho do ceo no quarto, assento,
 E Venus que os amores traz consigo;
 Mercurio de eloquencia soberana;
 Com tres rostos debaixo vai Diana.

XC.

Em todos estes orbes diferente
 Curso verás, n'huns grave, e n'outros leve:
 Ora fogem do centro longamente,
 Ora da terra estão caminho breve;
 Bem como quiz o Padre Omnipotente,
 Que o fogo lez, e o ar, o vento e neve;
 Os quaes verás que jazem mais a dentro,
 E tem co'o mar a terra por seu centro.

XCI.

Neste centro, pousada dos humanos,
 Que não somente ousados se contentam
 De soffrerem da terra firme os danos,
 Mas inda o mar instabil experimentam,
 Verás as varias partes, que os insanos
 Mares dividem, onde se aposentam
 Varias nações, que mandam varios Reis,
 Varios costumes seus, e varias leis.

XCII.

Vês Europa christãa, mais alta e clara,
 Que as outras em policia e fortaleza:
 Vês Africa, dos bens do mundo avara,
 Inculta, e toda cheia de bruteza,
 Co'o cabo, que atequi se vos negara,
 Que assentou para o Austro a natureza:
 Olha essa terra toda, que se habita
 Dessa gente sem lei, quasi infinita.

XCIII.

Vê do Benomotapa o grande imperio,
 De selvatica gente, negra e nua,
 Onde Gonçalo morte e vituperio
 Padecerá pela Fé sancta sua :
 Nasce por este incognito hemispherio
 O metal por que mais a gente sua :
 Vê que do lago, donde se derrama
 O Nilo, tambem vindo está Guama :

XCIV.

Olha as casas dos negros, como estão
 Sem portas, e confiados em seus ninhos,
 Na justiça Real, e defensão,
 E na fidelidade dos visinhos :
 Olha delles a bruta multidão,
 Qual brando espesso e negro de estorninhos,
 Combaterá em Sofala a fortaleza,
 Que defenderá Nhaia com destreza.

XCV.

Olha lá as alagoas, donde o Nilo
 Nasce, que não souberam os antigos ;
 Ve-lo rega, gerando o crocodilo,
 Os povos Abassis, de Christo amigos :
 Olha como sem muros (novo estilo)
 Se defendem melhor dos inimigos :
 Vê Meroe, que ilha foi de antiga fama,
 Que ora dos naturacs Nobá se chama :

XCVI.

Nesta remota terra, hum filho teu
 Nas armas contra os Turcos será claro,
 Ha de ser Dom Christovam o nome seu ;
 Mas contra o fim fatal não ha reparo.
 Vê a costa do mar, onde te deu
 Melhore hospicio gazalhoso e charo ;
 O rio nota, que o romance
 Da terra chama Oby, entra em Quilmance.

XCVII.

O cabo vê já Aromata chamado,
 E a terra Guardatú dos moradores,
 Onde começa a boca do affamado
 Mar Roxo, que do fundo toma as cores.
 Este como limite está lançado,
 Que divide Asia de Africa ; e as melhores
 Paisagens, que a parte Africa tem,
 Maçua são, Arquico, e Suanquem.

XCVIII.

Vê o extremo Suez, que antigamente
 Dittus que foi dos Heroos a cidade ;
 Outros dizem que Arsinoe ; e ao presente
 Tem das froças do Egypto a potestade.
 Olha as aguas, nas quaes abriu patente
 Foy da o grão Mousés na antiqua idade ;
 Ahi começa aqui, que se apresenta
 Em terras grande, em reinos opulenta,

XCIX.

Olha o monte Sinai, que se ennohrece
 Co' o sepulchro de Sancta Catharina;
 Olha Toros, e Gidá, que lhe fallaes;
 Agua das fontes doce, e crystallina;
 Olha as portas do estreito, que fenece
 No reino da secca Adem, que confina
 Com a serra di Arzira, e pedra viva
 Onde chuma dos ceos se não deriva.

C.

Olha as arabias bras, que tanta terra
 Tomam, todas da gente vagae baça,
 Donde vem os cavallos para a guerra,
 Ligeiros, e feroces, do alto raça;
 Olha avcosta que corre até que estira
 Outro estreito de Persia, e faz a traça
 O cabo, que co' o nome se appellida
 Da cidade Fantaque alli sabida.

C I.

Olha Do farsinsigne, porque manda
 O mais cheiroso incenso para as aras;
 Mas attenta já cá de est'outra banda
 De Roçalgate, e praias sempre avaras,
 Começa o reino Omuz, que todo se anda
 Pelas ribeiras, que ainda serão oltras;
 Quando as galés do S' qroo, se fera armada,
 Virem do Castel Branco nuava espada.

CII.

Olha o cabo Asaboro, que chamado
 Agora he Moçandão dos navegantes:
 Por aqui entra o lago, que he fechado
 De Arabia, e Persias terras abundantes.
 Abreta a ilha Baxem, que o fundo ornado
 Tem das suas perlas ricas, e imitantes
 A cor da Aurora; e vê na agua salgada
 Ter o Tygris e Euphrates huma entrada.

CIII.

Olha da grande Persia o imperio nobre,
 Sempre posto no campo, e nos cavallos,
 Que se injuria de usar fundido cobre,
 E de não ter das armas sempre os callos.
 Mas vê a ilha Gerum, como descobre
 O que fazem da tempo os intervallos,
 Que da cidade Armuza, que alli esteve,
 Ella o nome despois, e a gloria teve.

CIV.

Aqui de Dom Philippe de Menezes
 Se mostrará a virtude em armas clara,
 Quando com muito poucos Portuguezes
 Os muitos Parseis vencerá de Lara:
 Visto provar os golpes e revezes
 De Dom Pedro de Sousa, que provára
 Já em braço em Ampaza, que deixada
 Teerá por terra a força só de espada.

.LXXI.)

Mas deixei os portos e terras, e vi conhecido
 Cabo de Jasquey, d'isto já Caspella,
 Com todos os seus terrenos muito fértil,
 Da natureza das dohsissas doellas,
 Germania teve já por appellado:
 Mas ves o fértil e o fértil doella
 Altura nasce p'isto a qua' tam bello
 D'outra altura correndo Gange vem!

C.VI.)

Olha a terra de Uclim, o fértilissimahi,
 E de Jaquet, o fértilissimahi,
 Do mar a enchente subito grandissima,
 E a vlsante que fuge a presturada,
 A terra de Constança, o fértilissimahi,
 Onde dothim, o seibifazte estrada,
 Cidades omnes mil, que vov passando,
 A vós outrus, que se vltão gubardando,

C.VII.)

Ves com o resto do retho Indiano
 Para o Sul, até ao Cabo Comorybina,
 Já chamado Curio, que se apellidat
 (Que ora he o Cabo de Frontem de si)
 Por este mar se ghe Lusitany p'isto
 Que com artilhas e b'as despois de ty
 Terá victorias, terras, e cidades,
 Nas q'as não de vov muitas cidades.

CVIII.

As provincias, que entre hum e outro rio,
 Vês com varias nações, são infinitas;
 Hum reino Mahometa, outro Gentio,
 A quem torto o demonio leis escritas.
 Olha que de Narsinga, o senhorio,
 Tem as reliquias, sanctas e benditas
 Do corpo de Ithomé, varão sagrado,
 Que a Jesu Christo teve a mão no lado.

CIX.

Aqui a cidade foi que se chamava
 Meliapor, formosa, grande e rica;
 Os idolos antigos adorava,
 Como inda agora faz a gente inca.
 Longe do mar naquelle tempo estava,
 Quando a Fé que no mundo se publica,
 Thomé, vinha pregando, e já passara,
 Provincias mil do mando, que ensinara.

CX.

Chegado aqui pregando, e junto dando,
 A doentes saude, a mortos vida,
 A caso traz hum dia o mar vagando
 Hum lenho de grandeza desmedida,
 Deseja o Rei, que andava edificando,
 Fazer d'elle madeira, e não duvida,
 Poder tira-lo a terra com passantes,
 Forças d'homens, de engonhos, de elephantes.

CXI.

Era tão grãnde o pezo do madeiro, n
 Que só para abalar se, nada abasta ;
 Mas o nuncio de Christo, verdadeiro
 Menos trabalho em tal negocio gasta:
 Ata o cordão que traz por derradouro
 No tronco, e facilmente o leva, e arrasta
 Para onde faça hum sumptuoso templo,
 Que ficasse aos futuros por exemplo.

CXII.

Sabia bem que se com fôr formada,
 Mandar a hum monte surdo, que se mova,
 Que obedecerá logo á voz sagrada,
 Que assi lho ensinou Christo, e elle o prova:
 A gente ficou d'isto alvoroçada,
 Os Brahmenes o tem por cousa nova ;
 Vendo os milagres, vendo a sanctidade,
 Hão medo de perder a autoridade.

CXIII.

São estes Sacerdotes dos Gentios,
 Em quem mais penetrado tinha inveja,
 Buscam maneiras mil, buscam desvios
 Com que Thomé não se ouça, ou morto seja.
 O principal, que ao peito traz os fios,
 Hum caso horrendo faz, que o mundo veja,
 Que inimigo não ha tão dura, e fero,
 Como a virtude falsa da sincera.

CXIV

Hum filho proprio mata; logo accusa
 De homicidio Thomá, que era innocente;
 Dá falsas testemunhas, como se usa;
 Condena-nam-no á morte brevemente.
 O Sancto, que não vê melhor escusa,
 Que appellar para o Padre Omnipotente,
 Quer diante do Rei, e dos senhores,
 Que se faça hum milagre dos maiores.

CXV

O corpo morto manda ser trazido,
 Que resuscite, e seja perguntado
 Quem foi seu matador; e será crido
 Por testemunho o seu mais approvado.
 Viram todos o moço vivo erguido
 Em nome de Jesu, crucificado:
 Dá graças ao Thomé, que lhe deu vida;
 E descobre seu pai ser homicida.

CXVI

Este milagre fez tamanho espanto,
 Que o Rei se banha logo na agua santa,
 E muitos após elle: hum heija o manto;
 Outro louvor do Deus de Thomá canta.
 Os Brabranes, se encheram de odio tanto,
 Com seu veneno os mordê inje tanta,
 Que persuadindo a isso o povo rudo,
 Determinam matar-lo em fim de tudo.

CXVII.

Hum dia que, prégando ao povo, estava;
 Fingiram entre a gente hum arruido :
 Já Christo neste tempo lhe ordenava
 Que padecendo, fosse ao Ceo subido.
 A multidão das pedras, que voava,
 No Sancto dá já a tudo offerecido ;
 Hum dos maos, por fartar-se mais depressa,
 Com crua lança o peito lhe atravessa.

CXVIII.

Choraram-te, Thomé, o Gange e o Indo ;
 Chorou-te toda a terra que pizaste ;
 Mais te choram as almas que vestindo
 Se hiam da sancta Fé que lhe ensinaste ;
 Mas os Anjos do Ceo cantando, e rindo,
 Te recebem na gloria que ganhaste.
 Pedimos-te, que a Deos ajuda peças,
 Com que os teus Lusitanos favoreças.

CXIX.

E vós outros que os nomes usurpais
 De mandados de Deus, como Thomé,
 Dizei, se sois mandados, como estais
 Sem irdes a prégar a sancta Fé ?
 Olhai que se sois sal, e vos damnais
 Na patria, onde propheta ninguem he,
 Com que se salgarão em nossos dias
 (Infieis deixo) tantas heresias ?

CXX.

Mas passo esta materia perigosa,
 E tornemos á costa debuxada.
 Já vem esta cidade tão famosa,
 Su faz curva a Gangetica enseada:
 Corre Narsinga rica e poderosa,
 Corre Orixá de roupas abastada,
 No fundo da enseada o illustre rio
 Ganges vem ao salgado senhorio:

CXXI.

Ganges, no qual os seus habitadores
 Morrem banhados, tendo por certeza,
 Que toda que sejam grandes peccadores;
 Esta agua sancta os lava, e dá pureza.
 Vê Cathigão, cidade das melhores
 De Bengala, provincia que se preza
 De abundante, mas olha que está posta
 Para o Austro daqui virada a costa.

CXXII.

Olha o reino Arração, olha o assento
 De Pegu, que já monstros povoaram;
 Monstros filhos do seo ajuntamento
 D'humna mulher e hum cão, q' sós se acharam;
 Aquel' soante arame no instrumento
 Da geração costumam, o que usaram
 Por manha da Rainha, que inventando
 Tal uso, deitou fora o error nefando.

CXXIII.

Olha Tavai' cidade, onde começa
 De Sião' largo' o império tão' comprido ;
 Tenassarí, Quêdá, que he só' cabeça
 Das que' pimenta' allí' sem' produzido.
 Mais avante fareis' que se en'hega
 Malacá' por empório ennobrecido,
 Onde todá' a provincia' di' má' grande
 Suas mercadorias ricas mande.

CXXIV.

Dizem que desta terra, co'as pössantes
 Ondas' d' mar entrando' dividio
 A nobre ilha' Samatra, que já d' antes
 Juntas' ambas a gente antiga' vio!
 Chersonesó' foi dita, e das prestantes
 Veas' d' ouro, que á terra produzio,
 Auréa' pór epitheto' lhe ajuntaram ;
 Alguns que fosse Ophir' imaginam.

CXXV.

Mas na ponta' dá' terra Cingapura
 Verás, onde o caminho' ás naos se estreita,
 Daqui, tornando' a' costa á Cynosura,
 Se encurva, e para a Aurora se endireita :
 Vés' Pamí, Patáhé, réinos, e a longura
 Ille Sião que estes é outros' mais sujeita ;
 Olha o rio Menão, que se derrama
 Do grande lago, que Ohiamai se chama

CXXVI.

Vês neste grão terreno os diferentes
 Nomes de mil nações nunca sabidas ;
 Os Laos em terra e numero potentes,
 Avás, Bramas, por serras tão compridas,
 Vê nos remotos montes outras gentes,
 Que Gueos se chamam, de selvages vidas,
 Humana carne comem, mas a sua
 Pintam com ferro ardente, usança crua.

CXXVII.

Vês passa por Camboja Mecom rio,
 Que capitão das aguas se interpreta ;
 Tantas recebe d'outro so no estio,
 Que alaga os campos largos e inquieta ;
 Tem as enchentes, quaes o Nilo frio :
 A gente delle crê, como indiscreta,
 Que pena, e gloria tem depois de morte
 Os brutos animaes de toda sorte.

CXXVIII.

Este receberá placido e brando,
 No seu regaço o Canto que molhado
 Vem do naufragio triste, e miserando,
 Dos procellosos baixos escapado,
 Das fomes, dos perigos grandes, quando
 Será o injusto mando executado
 Naquelle, cuja lyra sonora
 Será mais alamada que ditosa.

CXXIX.

Vês corre a costa que Champá se chama;
 Cuja mata he do pao chéirosó ornada;
 Vós Cauchichina está de escura fama,
 E de Ainão vê a incognita enseada:
 Aqui o soberbo imperio, que se afama
 Com terras, e riqueza não cuidada,
 Da Chína corre, e occupa o senhorio
 Desd'o Tropico ardente ao Giãto frio.

CXXX.

Olha o muro, e edificio nunca crido,
 Que entre hum imperio, e outro se edifica
 Certissimo signal, e conhecido;
 Da potencia Real, soberba e rica.
 Estes, ó Rei que têm, não foi nascido
 Principe; nem dos pais aos filhos fica;
 Mas elegem aquelle que he famoso,
 Por cavalleiro sabão, e virtuoso.

CXXXI.

Inda outra muita terra se lê esconde,
 Até que venha o tempo de mostrar-se.
 Mas não deixes no mar as ilhas, onde
 A natureza quiz' mais afamar-se:
 Esta meia escondida, que responde
 De longe á Chína, d'onde vên' buscar-se,
 He Japão, d'onde nasce a prata fina,
 Que illustrada seralhe a Lei divina!

CXXXII.

Olha cá pelos mares do Oriente
 As infinitas ilhas espalhadas :
 Vê Tidore, e Ternate, co'o fervente
 Cume, que lança as flammias ondeadas :
 As arvores verás do cravo ardente,
 Co'o sangue Portuguez inda compradas ;
 Aqui ha as aureas aves, que não decem
 Nunca á terra, e so mortas apparecem.

CXXXIII.

Olha de Banda as ilhas, que se esmaltam
 Da varia cor que pinta o roxo fruto,
 As aves variadas, que alli saltam,
 Da verde noz tomando seu tributo :
 Olha tambem Borneo, onde não faltam
 Lagrimas no licor coalhado, e enxuto
 Das arvores, que camphora he chamado,
 Com que dá ilha o nome he celebrado.

CXXXIV,

Alli tambem Timor, que o lenho manda
 Sandalo salutifero, e cheiroso ;
 Olha a Sunda tão larga, que huma banda
 Esconde para o Sul difficultoso :
 A gente do sertão, que as terras anda ;
 Hum rio diz que tem miraculoso,
 Que por onde elle só sem outro vae,
 Converte em pedra o pão que nelle cae.

CXXXV.

Vê naquella que o tempo tornou ilha,
 Que também flammâs tremulas vapora,
 A fonte que oleo mana, e a maravilha
 Do cheiroso licor, que o tronco chora;
 Cheiroso mais que quanto estilla a fitta
 De Cinyras na Arabia. onde ella mora;
 E vê que tendo quanto as outras tem,
 Branda seda, e fino ouro dá também.

CXXXVI.

Olha em Ceilão, que o monte se alevanta
 Tanto, que as nuvens passa, ou a vista engana
 Os naturaes o tem por cousa santa,
 Pela pedra onde está a pegada humana.
 Nas ilhas de Maldiva nasce a planta,
 No profundo das aguas soberana,
 Cujos pomo contra o veneno urgente
 He tido por antidoto excellente.

CXXXVII.

Verás defronte estar do Roxo estreito
 Socotorá co'o amaro Aloe famosa;
 Outras ilhas no mar também sujeito
 A vós na costa de Africa arenosa,
 Onde sabe do cheiro mais perfeito
 A massa, ao mundo occulta, e preciosa:
 De São-Lourenço vê a ilha afamada,
 Que Madagascar he d'alguns chamada.

CXXXVII.

Eis-aqui as novas partes do Oriente,
 Que vós outros agora ao mundo dais,
 Abrindo a porta ao vasto mar patente,
 Que com tão forte peito navegais.
 Mas há também razão, que no Ponente
 D'hum Lusitano hum feito inda vejais,
 Que de seu Rei mostrando-se aggravado,
 Caminhão ha de fazer nunca cuidado.

CXXXIX.

Vedes a grande terra que continua
 Vai de Callisto ao seu contrario polo,
 Que soberbia a fará a luzente mina
 Do metal, que a cor tem do louro Apollo:
 Castella, vossa amiga será dina
 De lançar-lhe o collar ao rudo collo:
 Varias provincias tem de varias gentes,
 Sem ritos, e costumes differentes.

CXL.

Mas cá onde mais se alarga, alli tereis
 Parte tambem co'o pau vermelho nota:
 De Sancta-Cruz, o nome lhe poreis,
 Descubri-la-ha a primeira vossa frota,
 Ao longo desta costa que tercis,
 Irá buscando a parte mais remota
 O Magalhães, no feito com verdade
 Portuguez, porém não na lealdade.

CXLI.

Desque passar a via mais que mea,
 Que ao Antartico polo vai da Linha,
 D'huma estatura quasi gigantea
 Homens verá, da terra allí visinha;
 É mais avante o Estreito, que se arrea
 Co'o nome delle agora, o qual caminha
 Para outro mar, e terra, que fica onde
 Com suas frias azas o Austro a esconde.

CXLII.

Atéqui, Portuguezes, concedido
 Vos he saberdes os futuros feitos,
 Que pelo mar, que já deixais sabido,
 Virão fazer barões de fortes peitos.
 Agora, pois que tendes apreendido
 Trabalhos, que vos façam ser aceitos
 Às eternas esposas, e formosas,
 Que coroas vos tecem gloriosas:

CXLIH.

Podéis-vos embarcar, que tendes vento;
 E mar tranquillo para a patria amada.
 Assi lhe disse: e logo movimento
 Fazem da ilha alegre e namorada:
 Levam refresco, e nobre mantimento,
 Levam a companhia desejada
 Das nymphas que hão de ter eternamente,
 Por mais tempo que o Sol o mundo aquece.

CXLIV.

Assi foram cortando o mar sereno,
 Com vento sempre manso, e nunca irado,
 Até que houveram vista do terreno
 Em que nasceram, sempre desejado.
 Entraram pela foz do Tejo ameno.
 E a sua patria, e Rei temido e amado,
 O premio e gloria dão, porque mandou,
 E com titulos novos se illustrou.

CXLV.

No mais, Musa, no mais, que a lyra tenho
 Destemperada, e a voz enrouquécida;
 E não do canto, mas de ver que venho
 Cantar a gente surda, e endurecida.
 O favor com que mais se accende o engenho,
 Não no dá a Patria, não, que está mettida
 Em gosto da cobiza, e na rudeza
 D'uma aústera, apagada, e vil tristeza.

CXLVI.

E não sei por que influxo de destino
 Não tem hum ledo orgulho, e geral gosto,
 Que os animos levanta de continuo,
 A ter para trabalhos ledo o rosto.
 Por isso vós, ó Rei, que por divino
 Conselho estais no regio solio posto,
 Olhai que sois (e vede as outras gentes)
 Senhor só de vassallos excellentes!

CXLVIII.

Olhai que ledos vãõ, por varias vias,
 Quaes rompentes leões, e bravos touros,
 Dando os corpos a foines, e vigias, ||
 A ferro, a fogo, a settas, e pelouros :
 A quentes regiões, a plagas feias,
 A golpes de idolátras, e de Mouros,
 A perigos incognitos do mundo, ||
 A naufragios, a peixes, ão profundo :

CXLVIII.

Por vos serviria tudo aparelhados,
 De vós tão longe sempre obedientes
 A quaesquer vossos asperos mandados, ||
 Sem dar resposta, promptos e contentes :
 Só com saber que são de vós olhadós,
 Demonios infernaes, negros, e ardentes
 Cometterão com vosco, e não duvidando
 Que vencedor vos façam, não vencido :

CXLIX.

Favorecei-os logo e alegrai-os
 Com a presença, e leda humanidade ;
 De rigorosas leis desalivai-os,
 Que assi se abre o caminho á sanctidade :
 Os mais experimentados levantai-os,
 Se com a experiencia tem bondade,
 Para vossó conselho, pois que sabem ||
 O como, o quando, e onde as cousas cabem :

CL. 77

Todos favorecei em seus officios,
 Segundo tenê das vilas o talento :
 Tenham Religiosos exercicios
 De rogarem por vosso regimento,
 Com jejuns, disciplina, pelos vicios
 Communs; toda ambição terão por vento ;
 Que o bom Religioso verdadeiro
 Glória vã não pretende, nem dinheiro.

CL. 78

Os Cavalleiros tende em muita estima,
 Pola com seu sangue intrepido, e fervente
 Entendem não somente a Lei de cima,
 Mas ainda vosso imperio preeminente :
 Pois aquelles que a tão remoto clima
 Vos vão servir com passo diligente,
 Dous inimigos vencem, huns os vivos,
 E, o que he mais, os trabalhos excessivos.

CLII. 79

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
 Alemães, Gallos, Italos, e Ingлезes,
 Possam dizer, que são para mandados,
 Mais que para mandar, os Portuguezes.
 Tomai conselhos só d'experimentados,
 Que viram largos annos, largos mezes;
 Que posto que em scientes muito cabe,
 Mais em particular o experto sabe.

CLIII.

Te Phormião, philosopho elegante,
 Vereis como Aníbal, escarregia,
 Quando, das artes bellicas diante,
 Delle com larga voz tratava e lia.
 A disciplina militar prestante,
 Não se aprende, Senhor, na phantasia
 Sonhando, imaginando, ou estudando,
 Senão vendo, tratando, e pelejando.

CLIV.

Mas eu que fallo humilde, baixo e rudo,
 De vós não conhecido, nem sonhado?
 Da boca dos pequenos sei com tudo,
 Que o louvor sahe ás vezes acabado:
 Nem me falta na vida honesto estudo,
 Com longa experiencia misturado,
 Nem engenho, que aqui vereis presente,
 Cousas que juntas se acham raramente.

CLV.

Para servir-vos, braço ás armas feito;
 Para cantar-vos, mente ás Musas dada;
 So me fallece ser a vós acceito,
 De quem virtude deve ser prezada:
 Se me isto o Ceo concede, e q' vosso feito
 Ligna empreza tomar de ser cantada,
 Como a presaga mente vaticina,
 Q' hando a vossa inclinação divina:

CLVI.

Ou fazendo que mais que a de Medusa
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os Mouros de Marrocos, e Trudante ;
A miha já estimada, e leda Musa,
Fico que em todo o mundo de vós cante,
De sorte que Alexandro em vós se veja
Sem a dita de Achilles ter inveja.

F I M.

✓



00100723

